UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
BRUNA DEMES GONÇALVES FRANCO

O SURFE COMO PRÁTICA: cidade, corpo e técnica numa relação entre cultura e natureza em Fortaleza (1972-1986)

FORTALEZA - CEARÁ
2013

BRUNA DEMES GONÇALVES FRANCO

O SURFE COMO PRÁTICA: cidade, corpo e técnica numa relação entre cultura e natureza em Fortaleza (1972-1986)

Dissertação submetida ao Programa deMestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau (mestre) em História.

Área de Concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa.

Fortaleza – Ceará
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho

Bibliotecária responsável –Thelma Marylanda Silva de Melo CRB-3 / 623

F825s Franco, Bruna Demes Gonçalves

O Surfe como prática: cidade, corpo e técnica numa relação entre cultura e natureza em Fortaleza(1972-1986)/ Bruna Demes Gonçalves Franco. - 2013.

CD-ROM.156 f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

"CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)".

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2013.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa.

Área de Concentração: História e Culturas.

1. Surfe . 2. Cultura. 3. Natureza. I. Título.

CDD: 428.6

BRUNA DEMES GONÇALVES FRANCO

"O SURFE COMO PRÁTICA: CIDADE, CORPO E TÉCNICA NUMA RELAÇÃO ENTRE CULTURA E NATUREZA EM FORTALEZA (1972-1986)"

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 14 / 03 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará - UFC

Ao Theo, que esperou o dia da apresentação
deste trabalho para nos deixar.

AGRADECIMENTOS

Como poderia eu não estar agradecida a minha vida inteira? Mais uma etapa concluída e a certeza de que sozinha esse trabalho não seria concluído é cada vez mais presente.

Agradeço à Deus, por ter me dado forças a prosseguir com este trabalho. Mesmo nos momentos mais adversos de minha vida, nas horas de cansaço e quando todas as coisas pareciam conspirar contra, ele me deu força e paciência para continuar.

À minha família, a de sangue e a agregada, que me apoiou emocionalmente durante todo o período do curso de mestrado e que se privou do meu convívio em muitos momentos importantes. Espero compensá-los depois.

Ao Marcos, pelo que ele representa em minha vida. Pelo amor, pelas críticas e pela construção conjunta desse trabalho. Foram tantas conversas sobre o assunto que este trabalho também pode ser considerado seu.

Aos meus companheiros de quatro patas: Zé, Beethoven,Jully, Theo e Jully Nova, a companhia fiel de vocês ao meu lado e embaixo de minha cadeira nos longos e demorados momentos de escrita madrugada à dentro ajudaram a não me sentir sozinha. Conseguimos estabelecer uma relação de cooperação sem precedentes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa, pelo apoio, pelos livros emprestados, pelas orientações e pelo exemplo de pesquisador e professor. Você é um profissional exemplar! Tenho orgulho em dizer que sou sua orientanda.

A todos os professores do Mahis. Pude aprender um pouco mais com cada um de vocês. Por mais que não aparentasse, tentei trazer para o meu trabalho muitas de suas discussões em sala. Obrigada pelas aulas, pelas críticas, leituras e considerações feitas a esse trabalho. Obrigada também pelo exemplo negativo de alguns. Sei que ele serviu para diminuir meu encanto com a vida acadêmica, nascido ainda na graduação, entretanto, ele não fez diminuir meu amor por esta pesquisa e é isso que importa. O que presenciei no MAHIS não me estimula a seguir como historiadora.

Aos membros do Grupo de Pesquisa História, Cultura e Natureza, por todas as discussões nas nossas tardes de segunda-feira. Elas foram cruciais para a construção teórica

deste trabalho. As horas lendo Bruno Latour, Laymert Garcia dos Santos, Alain Corbin e outros possibilitaram construir este trabalho dessa maneira.

Agradeço aos alunos da turma de Tópicos II, turma em que fiz meu estágio docente juntamente com a querida Germana. Ao passo que os textos relacionados à História, Cultura e Natureza, eram apresentados a vocês, a mim era dada a oportunidade de criar interlocutores e discussões capazes de construir minha pesquisa.

Agradeço também a Karla Torquato, por ter sido minha leitora externa na disciplina de pesquisa do MAHIS. O fato de você ainda não ser mestre nem doutora na época não influenciou em nada a criteriosa análise feita por você em meu projeto, pelo contrário, suas considerações foram preciosas para a execução dessa pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação, Profª. Drª. Kênia Sousa Rios e Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves, pelas preciosas considerações feitas a este trabalho. Elas ajudaram a dar um rumo certo à discussão feita aqui. De fato, o momento da qualificação foi bastante inspirador. Obrigada por fazerem parte desta pesquisa.

Agradeço ainda ao Professor Dr. Antônio Pádua Santiago de Freitas, por também ter aceitado ser o meu leitor externo. Trouxe para minha pesquisa um pouco de sua contribuição/crítica com relação às madeirites.

Aos colegas de turma do MAHIS, Amanda, Ana Cláudia, Ariane, Getúlio, Janilson, Mayara, Renato, Roberta, Wendell, Williane e Vanessa, pelas considerações e discussões em sala, pelas angústias compartilhadas, o tempo foi curto demais para que pudéssemos nos aproximar mais e estreitar relações.

Agradeço aos meus entrevistados, Carlinhos, Toinho, Odalto Castro, André Griéser, Antônio Carlos Quinderé, Fabiano Dias, Francisco Chagas, Fernando Bittencourt, Romero Jucá, Amélio Rolim e Sérgio Capibaribe. Muito obrigada por construírem comigo as fontes dessa pesquisa, que são também o relato de um momento muito bom da vida de vocês. As entrevistas foram momentos muito emocionantes. Quem me dera conseguir traduzir em palavras o brilho nos olhos de vocês ao falar de cada experiência com o surfe e com a praia. De fato, sem vocês essa pesquisa não existiria.

Ao querido amigo Manuel Teles de Oliveira Filho, pela nossas discussões acerca desta pesquisa. Olhei por semanas aquele painel elaborado naquele momento de inspiração que tivemos. Foi muito importante para mim.

Aos colegas que não puderam ser citados aqui, sei que vocês torceram pelo sucesso desta pesquisa, mesmo sem entender muito do que se tratava. Muito obrigada!

À CAPES, pela bolsa.

RESUMO

O presente trabalho analisa o início da prática do surfe em Fortaleza no período compreendido entre os anos de 1972 a 1986. O objetivo aqui é analisar em que medida o surfe proporcionou uma mudança de relação dos seus praticantes com a cidade, com o corpo deles o com os artefatos técnicos necessários para a sua prática, tornando-se, uma verdadeira prática: de espaço, corporal e também técnica, para além do esporte em si. Para isso, foi realizada uma série de entrevistas com os primeiros surfistas de Fortaleza, além de consultas aos jornais O Povo e Diário do Nordeste e análises de fotografias da época. Verificou-se que a partir do surfe, os jovens praticantes estabeleceram relações peculiares com a cidade, passaram e reconhecer e ser reconhecidos pela configuração do seu corpo, além da peculiar relação estabelecida com o artefato técnico.
Palavras-chave: Surfe. Cultura. Natureza.

ABSTRACT

The present work analyzes the beginning of surfing in Fortaleza in the period spanning the years from 1972 to 1986. The goal here is to analyze to what extent the surf provided a change of its practitioners relationship with the city, with their bodies with the necessary technical artifacts for its practice, becoming a true practice: body, space and technique beyond the sport itself. To this end, a series of interviews with the first surfers of Fortaleza, in addition to consultations with the people and newspapers Diário do Nordeste and analyses of photographs of that time. It has been found that from the surf, the young practitioners established peculiar relations with the city, and recognize and be recognized by the configuration of your body, in addition to the peculiar relationship established with technical artifact.
Palavras-chave: Surfing. Culture. Nature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Capa de uma edição da revista Life, datada de 07/10/1970. 30
Figura 2 –Menino descendo duna sob tábua de madeira. 38
Figura 3 –Foto de Odalto Castro 43
Figura 4 –Foto de Odalto Castro 43
Figura 5 – Capa do discodos “The Beach Boys”.....57
Figura 6 – Jovens vão de carro à deserta Praia do Futuro da época.. 57
Figura 7 – Mapa dos “picos” da época em Fortaleza.....61
Figura 8 – Summertime Surf, em 1981, em Fortaleza.... 87
Figura 9 – Imagem de surfistas californianos.....91
Figura 10 – Surfistas cearenses.....95
Figura 11 – Surfistas cearenses.....95
Figura 12 – Corpo delineado e bronzeado.....97
Figura 13 – Corpo delineado e cabelos de surfista.....97
Figura 14 – Camisetas com desenhos de ondas.....99
Figura 15 – Camisetas com desenhos de ondas.....99
Figura 16 – Camisetas com desenhos de ondas.....99
Figura 17 – Foto da Acquamar. Primeira loja de surfe, apenas em 1978.....109
Figura 18 – Arduíno Colasanti e sua prancha “porta de igreja”.....110
Figura 19 – Prancha fabricada pela Procópio.....115
Figura 20 – Foto atual de uma antiga prancha Planonda,.....116
Figura 21 – Foto atual de uma antiga prancha Planonda,.....116
Figura 22 – Pranchas da Nortãoainda dentro da casa de Odalto.....133
Figura 23 – Pranchas da Nortão em diversos estágios de fabricação.,.....133
Figura 24 – Prancha LightningBolt.....137
Figura 25 – Pranchas coloridas.,.....139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
1O SURFE COMO PRÁTICA DE ESPAÇO EM FORTALEZA.....22
1.1 Por um início da prática do surfe em Fortaleza: as ligações com a Califórnia e o Rio de Janeiro.....24
1.2 Leitura do mar, trajetos e apropriação do espaço pelos surfistas.....34
1.3 O surfári: por uma caça às ondas.....54
1.4 “O havaí é aqui”: construção de novos picos através dos nomes.....60
2O CORPO TORN(E)ADO SURFISTA.....67
2.1 Da natação ao surfe: por uma proposta do corpo livre.....71
2.2 O corpo saudável?.....82
2.3 A juventude doirada”.....90
2.4 A “coqueluche”: as roupas de surfista.....97
3POR UMA “PRANCHA DE FIBRA BACANA”: INTERCÂMBIO, IMPROVISO E TÉCNICA NA FABRICAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS.....104
3.1 Os primeiros equipamentos e as pranchas trazidas de fora.....108
3.2 “Ela corria muito”: improvisos e técnicas de fabricação dos equipamentos.....117
3.3 As “oficinas”: o início das fábricas de pranchas e a fabricação das pranchas de fibra de vidro.....128
3.4 “Por uma leitura da onda”: a relação entre o equipamento e a prática do surfe.....135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....142
LISTA DE FONTES.....145
REFERÊNCIASBIBLIOGRÁFICAS.....152

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma série de questões surgidas inicialmente ainda na graduação durante a disciplina Tópicos Especiais I, que na ocasião trazia a temática "História, Cultura e Natureza". A disciplina, ministrada pelo Professor Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa, meu orientador, tinha o propósito de abordar a cultura e a natureza de maneira diferenciada, discutindo desde a relação do homem com o mundo natural, perpassando por discussões sobre o corpo e a história, analisando também a relação entre homem e a ciência, a técnica e a tecnologia como algo também histórico e que, portanto, sofre alterações.

Na época, minhas preocupações e discussões, devido à execução da monografia, ainda estavam voltadas para questionamentos diversos aos da temática da História, Cultura e Natureza. Nesse sentido, a aproximação com essa discussão foi proporcionada também pelo ingresso no grupo de pesquisa intitulado "História, Cultura e Natureza", igualmente coordenado pelo professor Carlos Jacinto, na Universidade Estadual do Ceará. As leituras mais aprofundadas ali empreendidas, associadas às discussões iniciadas ainda na disciplina de Tópicos Especiais I, constituíram-se a base teórica e metodológica deste trabalho.

Nesse sentido, entrar em contato com os trabalhos de autores até então inéditos para mim, quais sejam: Bruno Latour, Alain Corbin, Laymert Garcia Santos, Keith Thomas, Michel de Certeau e Denise Sant'anna foram o ponto inicial para estabelecer as discussões aqui propostas, contribuindo enormemente para compreender e pesquisar o surfe em Fortaleza através do viés que proponho.

De certo, o surfe sempre se fez presente direta ou indiretamente durante boa parte de minha vida. Afirmo isso pelo fato de que meu pai, meu tio e vários de seus amigos participaram ativamente da configuração da prática do surfe em Fortaleza, embora nunca tenham me incentivado no aprendizado de tal atividade, o que foi acontecer através de uma escola de surfe denominada Ceará Surf School, situada na Praia do Futuro, em Fortaleza, nos idos de 2004.

Em todas as ocasiões nas quais os estudos preliminares que culminaram nesta pesquisa foram apresentados, no todo ou em parte, sejam Simpósios, Grupos de Trabalho e Mini-Cursos, um questionamento sempre apareceu recorrente: na medida em que eu me enquadrava também enquanto praticante do surfe, objeto central desse estudo, como lidar com a proximidade do objeto pesquisado? Ciente de que o historiador não consegue de maneira alguma se desvencilhar de sua subjetividade, gostos e predileções e que, consequentemente, este fato terá implicação direta na escolha do objeto a ser estudado, bem como no enfoque a ser dado, é que este trabalho foi construído.

De fato, uma rede de relações familiares, de amizade e de atividades físicas, me atrelam ao surfe e qualquer tentativa de tentar apagá-las ou diminuí-las seria mera abstração. Na verdade, todo e qualquer trabalho, por mais caráter científico e de neutralidade que possa possuir, está imerso numa rede de relações. Nesse sentido também já afirmava Michel de Certeau:

> Ao "esquecer" o trabalho coletivo no qual se inscreve, ao isolar de sua gênese histórica o objeto de seu discurso, um "autor" pratica portanto a denegação de sua situação real. Ele cria a ficção de um lugar próprio. Malgrado as ideologias contrárias de que pode ser acompanhado, o ato de isolar a relação sujeito-objeto ou a relação discurso-objeto é a abstração que gera uma simulação de "autor". Esse ato apaga os traços da pertença de uma pesquisa a uma rede – traços que sempre comprometem, com efeito, os direitos autorais. Camufla as condições de produção do discurso e de seu objeto. Esta genealogia negada deixa lugar ao teatro combinando um simulacro de objeto com um simulacro de autor. Um discurso manterá portanto uma marca de cientificidade explicitando as condições e as regras de sua produção e, em primeiro lugar, as relações de onde nascem.[1]

Dessa maneira, a rede de relações à qual este trabalho se vincula é exatamente essa: familiar, acadêmica e de predileção ao mesmo tempo. Assim, a associação entre as discussões relativas à História, à Cultura e à Natureza, elaboradas inicialmente ainda na graduação, associadas à experiência pessoal e familiar da prática do surfe culminam nesta dissertação de mestrado.

O objetivo aqui não é criar umahistória cronológica do surfe, muito menos relatar as aventuras de alguns jovens do início dos anos 1970, mas discutir como o

[1]CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed.Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 2002.p 110.

início da prática do surfe em Fortaleza foi capaz de criar uma série de mudanças na vida daqueles jovens, alterações essas que extrapolavam a atividade física em si. [2]

Nesse sentido, discutir as inúmeras possibilidades de vivenciar a cidadeea natureza e as mudanças que isso engendra nos sujeitos transformando-os é sempre uma tarefa árdua para o historiador. É árdua porque o historiador carrega com ele a certeza da impossibilidade de abarcar todas as matizes proporcionadas pelo ambiente urbano e pelos diversos olhares lançados sobre ele. Tal impossibilidade já foi por demais discutida na historiografia. Nesse mesmo sentido, Ítalo Calvino ao dizer:

> A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés oendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um cana que escoa a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoeira que surge inesperadamente atrás do cabo ea bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoeira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe.[3]

Ele tentava afirmar que existem tantas cidades quanto às relações entre seu espaço e os acontecimentos do passado. Ou seja, existem tantas cidades quanto os sujeitos e as relações estabelecidas nela. Dessa forma, os diversos trajetos, atuações, táticas e experiências vividas pela heterogeneidade dos tipos de sujeitos no ambiente urbano se apresentam como infinitas possibilidades, inventando e reinventado a todo o momento a experiência urbana, as práticas de espaço. Da mesma forma, pensar a cidade é também conjecturar a respeito das várias relações que os vários grupos de pessoas estabelecem com seus espaços, percebendo como esses usos vão construindo as várias cidades.

Nesse sentido, o surfe enquanto objeto de investigação histórica tem sido cada dia mais abordado, seja por historiadores, cientistas ou comunicadores sociais. Rafael

---

[2]FORD Nick; DAVID, Brown.**Surfing and Social Theory:** Experience, Embodiment and Narrative of the Dream Glide. London; New York: Routledge, 2006.
[3]CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.7

Fortes Soares[4] analisou o surfe como uma subcultura midiática, estudando o papel do exercido pelos meios de comunicação, especificamente a Revista Fluir[5], verificando em que medida a revista serviu como mediadora da experiência do surfe para os leitores, contribuindo no processo de desenvolvimento e no aumento considerável do mercado em torno do surfe.

Cleber Augusto Gonçalves Dias em sua obra intitulada "Urbanidades da natureza"[6] aborda aspectos de alguns esportes ligados à natureza, tais como o surfe e o montanhismo verificando seu aparecimento e desenvolvimento, verificando de que maneira algumas modalidades esportivas contribuíram para a configuração de um novo tipo de urbanidade, analisando como acontecia a apreensão da natureza com a finalidade de lazer.

Especificamente em Fortaleza, Cynthia Studart Albuquerque[7], em dissertação de Mestrado em Sociologia, aborda o surfe através do estilo-surfe e dos modos de apropriação e construção de territorialidades de alguns surfistas do Icaraí e da Praia da Leste-Oeste[8]. Ela analisa os significados daquilo que chamou de estilo-surfe, além do processo de apropriação da paisagem litorânea por eles.

André Aguiar Nogueira também analisa o surfe em Fortaleza. Ele propõe compreender o processo de formação e urbanização do Bairro Serviluz, enfatizando seus aspectos culturais multifacetados e as diferentes experiências migratórias. Em sua pesquisa, o surfe aparece como parte dessa heterogeneidade cultural, mas também como elemento de inserção social para os jovens moradores do bairro.

Dessa forma, percebe-se que na maioria das vezes, o surfe é tratado a partir de determinados vieses principais: ou através da sua origem como um esporte californiano

---

[4] Rafael Fortes é jornalista e historiador, professor permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e um dos editores da revista "Recorde: Revista de História do Esporte" abordou em sua tese de doutorado intitulada "O surfe nas ondas da mídia"

[5] Revista que teve sua publicação iniciada em 1983.

[6] DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da Natureza:**o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

[7] ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. **Nas ondas do surfe:** estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

[8] Ibid.

e suas fortes referências à cultura americana ou através do setimento de “tribo” ou “grupo” formados pelos jovens praticantes ou ainda como elemento de inserção social em determinadas localidades.

“O surfe é um estilo de vida” é uma premissa bastante presente no senso comum quando o assunto é a prática do surfe. Atribuir aos surfistas um estilo de viver diferenciado das outras pessoas, ou até mesmo de outros esportistas é opinião unânime na maioria dos relatos. Mas o que faz do surfista um ser diferenciado? O que existe para além da prática do surfe em si mesma? Quais mudanças essa atividade proporcionou na vida dos primeiros surfistas?

No entanto, o enfoque dado aqui será outro. Perceber-se-á a relação que osprimeiros surfistas cearenses estabeleceram entre a cidade, a natureza e a técnica, verificando as diferentes práticas de espaço construídas por eles, sua ligação com a natureza, as concepções acerca do corpo jovem, esguio, bronzeado, portanto, saudável e os processos de criação e reapropriação dos modos de fazer do aparato técnico necessário para a execução dessa atividade.

Sem querer enquadrar os indivíduos em categorias fechadas, pré-determinadas e estanques, pelo contrário, apenas com o intuito de facilitar o entendimento e o transcorrer da escrita, organizamos os surfistas da época em três categorias denominadas de gerações. A palavra geração foi comumente invocada em muitas das entrevistas realizadas para esse trabalho. Eram diferentes gerações não porque houvesse uma diferença de 20 anos entre uma e outra, como comumente se denominam as gerações, tanto é que a diferença de idade entre uma geração e outra é de aproximadamente 5 anos.

Nos discursos dos entrevistados, parece existir uma dimensão identitária e cultural nessa divisão, o que, conseqüentemente, proporcionou uma identificação e diferenciação dos sujeitos com cada grupo, através das atividades em comum. Sendo assim, durante as entrevistas, muitos deles faziam referência também às “gerações do surfe” no Ceará.

Dessa forma, o grupo que se denominava “os primeiros surfistas”, ou ainda “a primeira geração” era composto por André Griéser, Antônio Carlos Quinderé,

Gladstone e Jorge Fiúza. Segundo seus membros, esse grupo caracteriza-se por introduzir o surfe em Fortaleza, seja trazendo as primeiras pranchas, ou inaugurando os primeiros picos, ou seja, estreando os primeiros lugares bons para surfar.

A "segunda geração", composta por Odalto Castro, David Zanotelli, Zorrinho e Sérgio Capibaribe, distinguiu-se devido ao fato de seus componentes terem iniciado a fabricação dos primeiros equipamentos de uma maneira mais regular, organizado os primeiros campeonatos, expandindo, assim com maior vigor a prática do surfe em Fortaleza. Muitos deles também viajaram para os Estados Unidos e Rio de Janeiro para adquirir equipamentos e informações úteis à prática do surfe, ao passo que também já contavam com a influência dos surfistas da "primeira geração", que já surfavam em Fortaleza.

A "terceira geração" e as demais, compostas por Antônio Carlos (Toinho), Carlos Eugênio (Carlinhos), Amélio, Romero Jucá, etc., aproveitou uma larga expansão do surfe no Ceará e em todo o Brasil. Muitos de seus membros não precisaram viajar para fora do Brasil para obter equipamentos e informações acerca da prática do surfe.

Para isso, pretende-se aqui perceber o surfe enquanto atividade. E perceber a atuação dos novos surfistas como uma natureza-cultura. Ou seja, verificar em que medida cultura e natureza estão em constante ligação através do surfe em Fortaleza, verificando como o surfe e seus praticantes influenciaram e foram influenciados por essa relação, mostrando que natureza e cultura se perpassam de tal forma que é impossível dizer onde começa uma e termina a outra, justamente ao contrário do que foi feito nas ciências humanas e exatas nos últimos duzentos anos.

O elemento de ligação entre esses diferentes aspectos será à concepção, amplamente discutida por Bruno Latour[9], de que os entendimentos acerca da cultura e natureza estão intimamente conectados, formando uma espécie de rede, não sendo possível, no momento em que realizamos a análise, dissociar uma da outra. Portanto, o surfe será compreendido como atividade que depende intimamente da sua relação com a natureza seja porque ela delineia os trajetos engendrados pelos surfistas, seja porque ela

[9]LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

transforma o corpo dos praticantes, ou ainda pelo fato de que os equipamentos utilizados devem ser melhor elaborados de acordo com as condições do mar.

Nesse sentido, vale à pena estudar o surfe não apenas como uma atividade física, mas como uma prática. Ele é prática por que foge do "espaço geométrico"[10] da cidade, não ficando apenas na atividade em si, mas criando relações peculiares entre cidade, indivíduo e natureza, modificando a relação que se estabelecia com o mar e com a praia, criando também uma rede de conhecimentos sobre o mar, as correntes marítimas, os ventos e os modos de fabricação dos artefatos técnicos necessários para empreender tal atividade.

Desta feita, este trabalho divide-se em três momentos, os quais serão separados por capítulos. O primeiro, denominado "O surfe como prática de espaço em Fortaleza" estuda a mudança da relação dos então novos surfistas com a cidade, verificando também como os novos surfistas começaram a freqüentar lugares e a mudar as relações que já estabeleciam com outros através da prática do surfe. Verificar também como eles estabeleceram relações peculiares com a praia e o mar, na medida em que criavam os trajetos até as praias, nomeavam os lugares bons para a prática do surfe e estabeleciam diversas práticas de espaço peculiares, o que contribuía para que o surfe fosse mais do que uma simples atividade física, uma verdadeira prática marítima.

O segundo capítulo é intitulado "O corpo torn(e)ado surfista" e examina como o corpo desses jovens surfistas foi transformado com o início da prática do surfe, sofrendo alterações no vigor, na musculatura, na cor da pele e dos cabelos, além das vestimentas características. O objetivo aqui é entender como essa transformação, voluntária ou não, através dos bronzeados, dos corpos esguios, das roupas e dos cortes de cabelo, contribuiu para que eles passassem a ser reconhecidos enquanto surfistas através da aparência. Nesse sentido, não bastava apenas ser surfista, mas parecer um.

E o terceiro capítulo designado "Por uma "prancha de fibra bacana": intercâmbio, improviso e técnica na fabricação dos equipamentos" aborda a fabricação

[10]CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de Fazer. Trad. Eprhaim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.CERTEAU, Michel de.

de todo o aparato técnico necessário para a prática do surfe, verificando em que medida foi necessária toda uma acumulação do conhecimento das técnicas de fabricação e recriação das pranchas e itens de segurança a partir dos materiais disponíveis, diante da dificuldade em se comprar as pranchas, de forma que isso culminasse num melhor aproveitamento e adaptação às condições dos mares em Fortaleza.

Nesse último capítulo, a discussão trazida por Denise Bernuzzi de Sant'Anna[11] serviu de mote inicial. Na obra referenciada abaixo, ela estuda o uso dos rios, córregos, bicas e chafarizes na cidade de São Paulo, verificando que a relação da cidade de São Paulo com o elemento água transformou-se na medida em que os elementos técnicos, tais como pontes e encanamentos foram disponibilizados. Verificou também que o uso desses artefatos precede uma rede de conhecimentos previamente estabelecida, que se propõe a conhecer o movimento e a composição das águas para que depois fosse possível domesticá-la.

Nesse sentido, também na relação do surfista fortalezense com a água do mar houve o acúmulo de informações sobre as marés, tipos de ondas, equipamentos e a relação que eles mantinham com o peso do surfista. Ao longo do tempo, todo esse conhecimento gerou uma alteração da relação que aqueles jovens estabeleciam com o mar. Esse conhecimento técnico foi adquirido através de revistas e filmes especializados, mas também foi reapropriado por surfistas locais que, diante do difícil acesso ao oneroso equipamento de surfe, que incluía prancha, parafina e *strep*[12], passaram a fabricar seu próprio equipamento, utilizando materiais ao alcance de todos.

Ao reapropriar-se das técnicas de fabricação do equipamento, os "pegadores de onda" acabavam por imprimir sua identidade nos artefatos por eles fabricados. O formato, o tamanho e as cores impressas nas pranchas alteravam-se ao gosto e expectativas de cada um, fazendo com que os artifícios necessários para a prática do surfe fossem considerados como a extensão do corpo do surfista.

---

[11] SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

[12] Cordinha que é presa no pé do surfista, ligando-o à prancha, trata-se de um dos itens de segurança mais importantes. Esse equipamento possibilita ao surfista não se desgarrar da prancha depois que pega uma onda.

O recorte espaço-temporal escolhido justifica-se pelos seguintes motivos: a cidade de Fortaleza estabeleceu uma relação peculiar com o mar. Como surgiu o surfe nesse contexto? Assim, 1972 marca o ano em que os primeiros surfistas surgiram em Fortaleza. Como a ênfase será o surfe enquanto prática marítima, foi determinado que esta pesquisa se limitasse até o anos de 1986, quando o surfe em Fortaleza passa a ganhar um status de esporte profissional, com a criação de federações e campeonatos bastante organizados.

Para a execução desse trabalho, dois tipos principais de fontes foram utilizados: as fontes orais e impressas. As fontes orais caracterizam-se por entrevistas com os primeiros surfistas de Fortaleza, que na época tinham entre 14 e 20 anos aproximadamente e hoje se encontram com aproximadamente 50, 60 anos. Não apenas surfistas foram selecionados, mas também aqueles que, durante algum tempo, estabeleceram alguma relação com a prática do surfe: sejam eles fotógrafos ou fabricantes de pranchas. O critério para a seleção dos entrevistados foi: a escolha dos primeiros sujeitos que começaram a surfar na Praia de Iracema, Praia do Náutico, Praia do Meireles, Ideal, Titanzinho e Praia do Futuro

Na certeza de que o trabalho historiográfico é por si um trabalho demorado, quase artesanal, que exige um árduo trabalho de coleta de fontes, leituras as mais diversas e a construção do próprio texto, que pode ficar melhor quanto mais apurado for, esse trabalho foi realizado. De fato, sua preparação por vezes ocorreu em condições um tanto quanto adversas: a necessidade de cumprir os prazos impostos, de apresentar fragmentos da discussão em seminários e congressos podem ter prejudicado no amadurecimento de várias questões aqui apresentadas, contudo tais fatores não invalidam de forma nenhuma esta pesquisa.

A riqueza do material coletado durante a execução deste trabalho confirma o fato de que o assunto renderia muitas outras dissertações, o que ratifica o enfoque escolhido aqui como apenas um dentre outras tantas abordagens possíveis, o que não exclui outros olhares sobre o assunto muito menos encerra a discussão aqui proposta.

Nesse sentido, certamente alguns de meus entrevistados poderão se decepcionar ao ler este trabalho. Não encontrarão aqui relatos de campeonatos, premiações, datas

desse ou daquele circuito, muito menos louvores àqueles que iniciaram a prática do surfe no Ceará. Quem sabe não se sentirão contemplados nos relatos de seus feitos e "aventuras" relatadas com o brilho nos olhos de quem se sentiu um adolescente transgressor. Talvez possam perceber um olhar diferente sobre este assunto que lhes é tão caro. Poderão sentir nuances diferentes sobre o surfe, a praia e a cidade numa abordagem que eles mesmos nunca puderam imaginar conscientemente. Sim, perceberão o olhar de uma historiadora-surfista, tão híbrida quanto este trabalho.

Nesse sentido, trabalhar com entrevistas pode sempre suscitar o olhar desconfiado, a aprovação ou desaprovação do sujeito entrevistado.

A partir dessas considerações, eis aqui o objeto dessa pesquisa: analisar em que medida os surfistas que iniciaram a prática do surfe em Fortaleza estabeleceram novas relações com o espaço, a natureza e a cultura, transformando inclusive seus corpos, levando em consideração as especificidades do tempo e espaço no qual aqueles surfistas estavam inseridos, pois como disse Victor Andrade de Melo *"(...) enquanto prática social que deve ser historicizada, não podemos nos prender a apreensões essenciais: o esporte é aquilo que em cada momento se defina como tal, conceitos relacionados a experiências históricas específicas."* [13]

[13]MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos. Uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.p. 104.

1. O SURFE COMO PRÁTICA DE ESPAÇO EM FORTALEZA

> Os "surfistas do Atlântico" interrogados por Jean – Pierre Augustin, por exemplo, declaram "uma singularidade de estilo de vida e um sentimento de diferença", que os afasta da rede esportiva tradicional [...] Designam também a sua prática como um modo de vida, um fenômeno de sociedade que se mostra mais sensível à natureza que às competições organizadas [...][14]

A singularidade do modo de vida atribuída aos surfistas parece ser unanimidade em vários discursos, seja no senso comum, como também em trabalhos de pesquisadores das mais diversas áreas, tais como História[15], Sociologia[16] e Comunicação.[17] Os atributos para além da prática esportiva em si, a maior ligação com a natureza e o estilo de vida saudável aparecem nesses relatos como aspectos que separam o surfista em uma categoria diferente dos demais atletas ou esportistas. Assim, a partir dessas análises, ele pode ser facilmente enquadrado como aquele indivíduo que passa muito tempo na praia, veste-se com roupas coloridas, possui um belo corpo, ótima saúde e parece estar constantemente de férias.

Comumente, essa descrição torna-se simplória acabando, muitas vezes, por não analisar a curiosa relação estabelecida pelo surfista com a natureza e a cultura. As mudanças nos modos de lidar com os lugares, com o mar e a construção de novos espaços e trajetos apreendidas a partir da prática do surfe no período aqui estudado, foi parte de um conjunto de transformações experimentadas pelos primeiros surfistas, cujo modo de viver foi alterado de maneira significativa a partir de então.

Os anos 70 podem ser considerados como o *boom*da expansão do surfe no Brasil e no mundo. Nessa época também, se deu a disseminação dessa prática por várias cidades brasileiras, saindo da cidade de Santos, no estado de São Paulo e da cidade do Rio de

---

[14]CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques.VIGARELLO, Georges.(dir) **História do corpo.** As mutações do olhar. O século XX.V. 3 Trad. Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.p. 238.

[15]NOGUEIRA, André Aguiar. **Fogo, vento, terra e mar:** migrações, naturezae cultura popular no bairro serviluz em Fortaleza (1960-2006). 2006. 166f. Dissertação (Mestrado em Historia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

[16]ALBUQUERQUE, op. cit.

[17]SOARES, Rafael Fortes. **O surfe nas ondas da mídia.** Um estudo de *Fluir* nos anos 1980. 2009. 303f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

Janeiro. Essas foram as primeiras cidades brasileiras a entrar em contato com o surfe, ainda nos idos de 1938. No entanto, somente no final da década de 1960, principalmente no início da década de 1970, elas tornaram-se pólos irradiadores dessa prática em direção às diversas outras cidades brasileiras.[18]

De fato, os primeiros surfistas de Fortaleza sentiram-se transformados após terem iniciado a prática do surfe. Na unanimidade das entrevistas realizadas, os entrevistados afirmaram que "nunca iriam parar de surfar" ou ainda que "sempre foram surfistas", mesmo antes de sê-lo. Mas o que ocasionava essa transformação? O que a prática do surfe continha capaz de alterar todo o modo de vida de vários jovens? Como isso se dava? Como os primeiros surfistas em Fortaleza passaram a desfrutar o mar? Como eles construíram olhares, espaços e sociabilidades em torno dessa nova prática? De que maneira a busca pelo prazer de deslizar sobre as ondas criou não apenas um novo olhar para o mar, mas uma série de novas sensações, construções e ritos, tais como a chegada nas praias, o trajeto até elas e os novos modos de usufruir o mar. Até que ponto o surfe tornou-se uma prática que não se tratava apenas da atividade física em si, mas de um conjunto de práticas que transformou a relação daquelas pessoas com o mar e com a cidade de Fortaleza? Eis aqui algumas questões que tentarão ser respondidas nesse capítulo.

Seguramente, através de seus relatos foi possível verificar que o surfe em Fortaleza foi mais do que uma atividade física em si mesma. Ele possibilitou um conjunto de práticas que extrapolavam o simples (e não tão simples assim) ato de deslizar em uma onda em pé sob uma prancha. Ele exigiu a apreensão de vários conhecimentos sobre o mar, de uma mudança da relação estabelecida com o espaço e a natureza, com os artefatos técnicos que geraram não só um conhecimento sobre o surfe em si, mas chegou a transformar a vida e corpo dos adeptos do surfe da época, configurando não apenas como esporte (atividade institucionalizada, com regras bem definidas), mas como uma prática que engloba vários aspectos da vida do sujeito e possibilitaram a construção de uma natureza-cultura.

Entendemos que essa prática foi reinventada a partir de referenciais externos, e não criada pelos surfistas cearenses. Nesse sentido, é possível que em outras cidades

[18]MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos. Uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

brasileiras aspectos semelhantes possam também ter se manifestado durante o mesmo período, já que foi um período em que a prática cultural americana tentava se hegemonizar, espalhando por diversos locais elementos de sua cultura. Diante dessa reapropriação, se faz necessário analisar inicialmente como esses referenciais foram assimilados e reinventados pelos surfistas de Fortaleza para depois compreendermos como se deu a mudança da relação daqueles surfistas como o seu espaço, conforme dissertaremos a seguir.

1.1 Por um início da prática do surfe em Fortaleza: as ligações com a Califórnia e o Rio de Janeiro

Janeiro de 1972. André Griéser[19], morador da cidade de Fortaleza, embarca para seu primeiro intercâmbio no Texas, numa cidade a 40 minutos da Praia de Ireland, nos Estados Unidos. Na bagagem, carregava a memória de imagens de surfistas deslizando ondas, veiculadas na Revista Life Magazine[20].Na época, era bastante comum a ida de jovens brasileiros estudar em terras americanas, o que ocasionava a assimilação alguns de seus referenciais. Na bagagem de volta,Griéser trouxe uma prancha e começou a surfar na Praia do Náutico, em Fortaleza.

Dois anos antes, em 1970, Antônio Carlos Quinderé[21], 12 anos, morador da cidade do Rio de Janeiro, veio à Fortaleza visitar parentes. Numas dessas vindas à capital cearense, viu nas proximidades do Porto do Mucuripe os irmãos José Airton, Eurico e Carlos Mudinho, popularmente conhecidos como irmãos Mudinhos[22] (que desde o final da década de 1960 já vinham à Fortaleza pegar onda), surfando nas proximidades do

[19]Conforme depoimento de André Griéser, ele foi um dos primeiros surfistas de Fortaleza. Desde os nove anos, morava na Rua Canuto de Aguiar e frequentemente surfava na praia do Náutico. Ele mantinha intenso contato com a cultura americana através de revistas e intercâmbios escolares para os Estados Unidos. Atualmente é arquiteto e não surfa com freqüência. Atualmente, é arquiteto, possui aproximadamente 55 anos.

[20]De acordo do Griéser, seu pai assinava a revista LIFE Magazine, que é uma publicação americana especializada em fotojornalismo, fundada em 1936 por Henry Luce (fundador da Time Magazine), depois de adquirir os direitos da marca Life. A publicação periódica do Life Magazine terminou com a edição de maio de 2000.

[21]No dizer de Antônio Carlos Quinderé, ele também foi um dos primeiros surfistas. Morava no Rio de Janeiro, mas vinha frequentemente à Fortaleza visitar parentes e, no início da década de 70, instalou-se definitivamente na capital cearense. Foi um dos surfistas que fez intercâmbio para os Estados Unidos. Hoje é empresário e não surfa com freqüência.

[22] Os irmãos Mudinhos eram José Airton, Eurico e Carlos Mudinho. Eles eram jovens cariocas de classe média que possuíam parentes em Fortaleza. Atualmente, Carlos Mudinho é considerado um dos maiores e melhores fabricantes de prancha do Rio de Janeiro.

Porto do Mucuripe, quando o guindaste Titã, que auxiliava nas obras do Porto do Mucuripe ainda existia.[23] Eles vinham constantemente ao Ceará, pois, apesar de morarem no Rio de Janeiro, tinham parentes em Fortaleza. Na época, praticamente passaram despercebidos pela maioria dos jovens que viriam a tornarem-se surfistas nos anos seguintes. Somente em 1972, o surfe chegou a Fortaleza com uma maior constância, praticado por cearenses. Nas férias de julho de 1973, Quinderé comprou uma prancha e começou a surfar também. Trouxe sua prancha para Fortaleza e foi descer as ondas na praia do Náutico.

Apesar do início do surfe em Fortaleza ter acontecido no começo dos anos 1970, no Brasil, a prática do surfe parece ter chegado pela primeira vez ainda em 1938 com Osmar Gonçalves[24] na praia de Santos. No entanto, apenas anos depois, aproximadamente em 1955 o surfe tenha se apresentado com mais força na Praia do Arpoador, na cidade do Rio de Janeiro e apenas em 1968, tenha tomado uma dimensão bem maior a ponto de desenvolver-se e espalhar-se por outras cidades do Brasil.[25]

A partir de então, com uma maior ênfase a partir dos anos 1970, vários jovens adentraram num universo que pareceu ter mudado suas vidas e sua relação com o mar, com o corpo e com a técnica para sempre: o surfe. Inicialmente, esse universo era permeado de imagens e referências externas, advindas principalmente dos Estados Unidos e do Rio de Janeiro, apreendidas e assimiladas por aqui através da televisão, das revistas e das imagens em geral.

De fato, a década de 1970, foi uma década de mudanças no mundo ocidental, principalmente nos Estados Unidos. Variações comportamentais, transformações nos modos de agir, vestir e pensar dos jovens e adolescentes fizeram emergir uma cultura jovem bastante poderosa. O jovem emergia como sujeito detentor de voz e agente

---

[23] De acordo com Espínola, o guindaste Titã fez parte da paisagem do litoral leste da cidade de Fortaleza entre o início da década de 1940 até fins dos anos 1960. ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, Jangadas e Navios: história do Ceará resgates e contrastes. 2 ed. Ver. E ampl. Expressão Gráfica Editora, 2010. P. 181.

[24] Osmar Gonçalves, nascido em 14 de setembro de 1922, foi o sujeito que construiu a primeira prancha no Brasil, além de ter surfado a primeira onda em mares brasileiros. Em 1937, o pai de Osmar ganhou uma revistaamericana chamada “Popular Mechanics”. O periódicoveio com a planta de uma prancha havaiana, na época denominada, Tábua Havaiana. Como pioneiro, foi também ele quem construiu a primeira prancha do Brasil, em São Paulo.http://surfinsantos.com.br/parabens-osmar-o-pai-do-surf-no-brasil/ Acesso em: 06/08/2013.

[25] Para saber mais sobre a re-apropriação do surfe pelos americanos no início do século XX e o início dessa prática em Santos e Rio de Janeiro, ver: WARSHAW, Matt. The history of surfing., Young, Nate. The History of Surfing.2.ed. Editora Gibbs Smith, Publisher, 2006., e ÁRIAS, Marcelo. Alma surf.

cultural capaz de expor suas vontades e pensamentos. Nesse sentido, Erick Hobsbawn afirma que ainda nos anos 1960, empreendeu-se uma nova "autonomia da juventude" como uma camada social separada, com atitudes próprias e consciência de que eles eram sujeitos de direitos. Segundo Hobsbawn, no ocidente, a juventude passou a ser vista como o como ápice da vida humana, e não mais como estágio preparatório para a vida adulta, passou a se estabelecer como sujeito detentor de poder de compra dentro das economias de mercados desenvolvidas e como sujeito internacional, principalmente através do *rock*[26]e do surfe, fortes influenciadores da cultura jovem da época

Apropriando-se desse momento, a indústria americana empreendeu uma redescoberta das ilhas polinésias, principalmente no que diz respeito ao arquipélago do Havaí[27], readaptando e reapropriando vários aspectos culturais, dentre eles, o surfe.[28] Essa assimilação fez com que o sul do estado americano da Califórnia se tornasse o berço do renascimento do surfe, que, após a ocupação inglesa na Polinésia vinha gradativamente desaparecendo, expandido mundo a fora vários aspectos da cultura havaiana. Nessa época, os Estados Unidos experimentava a hegemonia cultural e a prosperidade da Era de Ouro do pós-guerra. Sua economia continuava a crescer e eram detentores de quase dois terços da produção industrial do mundo.[29]

A partir do final dos anos 1960, as praias californianas popularizaram-se através da divulgação de filmes, fotografias e revistas, o que as tornou famosas em todo o mundo a partir de então. Como parte desse movimento, a indústria cinematográfica teve um importante papel. Ela aproveitoua "construção" dessa nova cultura jovem e de todos os aspectos que emergiram com a hegemonia cultural americana:

---

[26]HOBSBAWN, Erick. **Era dos extremos:** o breve século XX. [trad. Marcos Santarrita]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 319 e 320.

[27]A Polinésia é um conjunto de ilhas distribuídas em uma área de 25 milhões de quilômetros quadrados, formando o triângulo polinésio. Ao norte, localiza-se o arquipélago havaiano, ao sudeste a ilha de Rapa Nui (Ilha de Páscoa) e ao sudoeste, a Nova Zelândia .In :Alma surf. Cap. I

[28] O contato do surfe com os Estados Unidos se deu em diversos momentos. Quando os primeiros europeus chegaram às ilhas polinésias, em 1778, todos os esportes, passatempos e cultura dos havaianos desapareceram. Isso durou aproximadamente até a anexação das ilhas aos EUA, em 1898. Em 1907, George Freeth, norueguês que morava no Havaí, foi convidado por Henry Huntington para fazer uma demonstração de surf em Redondo Beach, na Califórnia. Essa demonstração era parte de um plano de marketing destinado a promover a estrada de ferro Los Angeles-Redondo Beach. Sua atuação publicizou-se nos jornais americanos como "o homem que pode andar sobre a água." Antes disso, em 1885, três príncipes havaianos deram inúmeras demonstrações de surf primitivo, na boca do rio San Lorenzo. E em 1911, Duke Kahanamoku, surfista nascido na ilha de Honolulu, mudou-se para a Califórnia para treinar natação no Clube Olímpico de São Francisco, tornando-se, posteriormente, o nadador mais rápido do mundo. Ver: Alma surf. Cap. I e II.

[29]HOBSBAWN, op. cit., p. 254.

> Os EUA jamais conseguiram estabelecer um domínio comparável sobre os vastos e linguisticamente mais sofisticados mercados de televisão. Seus estilos juvenis se difundiam diretamente ou através da amplificação de seus sinais via a intermediária cultural Grã-Bretanha, por uma espécie de osmose informal. Difundiam-se através dos discos e depois fitas, cujo grande veículo de promoção, então como antes e depois era o velho rádio. Difundiam-se através da distribuição mundial de imagens; através dos contatos internacionais do turismo juvenil, que distribuía pequenos mas crescentes e influentes fluxos de rapazes e moças de *jeans* por todo o globo; através da rede mundial de universidades, cuja capacidade de rápida comunicação internacional se tornou óbvia na década de 1960. Difundiam-se ainda pela força da moda na sociedade de consumo que agora chegava às massas, ampliada pela pressão dos grupos de seus pares. Passou uma a existir uma cultura jovem global.[30]

Os contatos internacionais reforçados pelo turismo juvenil, associados a um aumento na capacidade de produção e difusão da imagem do jovem se espalhasse de uma maneira nunca antes vista. Nesse sentido, Jane Jacobs[31] afirma que, de fato, o que acontecia nas cidades americanas daquela época era uma intensa produção de signos e imagens, através das quais se operava as marcas de uma distinção social, através das posses e da aparência. [32]

Dessa forma, a imagem do surfista e do que ele representava, veiculada através dos meios de comunicaçãocontribuiu enormemente para a expansão dessa atividade em vários países, inclusive o Brasil. Especificamente no Ceará, o contato inicial dos primeiros surfistas cearenses com o surfe não se deu de maneira presencial, mas através dos meios de comunicação que difundiam amplamente a imagem do surfista da época, ratificando que o surfe também foi parte dessa difusão da cultura e da imagem do jovem global.

Do mesmo modo, como parte da disseminação dessa cultura jovem, os receptores diretos dessas imagens no Ceará eram garotos pertencentes a uma parcela da sociedade que tinha acesso aos meios de comunicação e às viagens. Assim como André Griéser, outros jovens viajavam para os Estados Unidos, seja a passeio, seja através de programas de intercâmbio para aprendizado da língua inglesa, adquirindo assim acesso às revistas, o que facilitou a aproximação desses jovens com a cultura americana. De volta das viagens, traziam na bagagem, equipamentos, filmes e a prática do surfe para

---

[30]HOBSBAWN, op. cit., 321.
[31]HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.p 15.
[32]JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades.** [Trad. Carlos S. Mendes Rosa].São Paulo, Martins Fontes, 2000.

Fortaleza, construindo todo um conhecimento sobre a nova atividade descoberta em terras estadunidenses.

Nesse sentido, Cleber Dias, ao tratar da mesma perspectiva no Rio de Janeiro afirma que:

> Sob este aspecto, o aparecimento do surfe enquanto surf corresponde à incorporação de modelos de prática vindos dos Estados Unidos; representa a integração definitiva do lazer praiano carioca à dinâmica mundial de popularização desse esporte. Equipamentos, que incluem pranchas, revistas, filmes e toda uma indumentária típica ao surfista, passariam a ser importados.[33]

A incorporação desses modelos se davam principalmente através de imagens. Elas chegavam para os jovens brasileiros, que mais tarde tornaram-se os primeiros surfistas brasileiros da época, através dos filmes e revistas que passaram a ser produzidos em larga escala, criando uma identificação desses garotos com o surfe antes de começarem a praticá-lo efetivamente. Nesse sentido, Antônio Carlos Quinderé afirma que, desde muito cedo, já era apaixonado pelo surfe: "Desde menino, com uns 6, 7 anos eu já tinha, eu não sei onde é que eu via, na televisão, mas eu tinha uma paixão assim e uma identificação muito grande."[34] Então, a combinação de uma sociedade que havia descoberto os prazeres à beira-mar associada ao forte referencial da cultura americana que começou a chegar no Ceará no final da década de 60 sedimentou o conhecimento e a vontade de praticar o surfe em vários jovens cearenses.

As imagens veiculadas nesses meios de comunicação carregavam referenciais americanos, exibiam como era ser surfista e o que era necessário para ser um. O visual utilizado nas praias americanas, associado às imagens de surfistas em ação, espalhava um ideal de beleza e estilo de vida que inspirava saúde, férias e diversão. Esse contato inicial de garotos cearenses com o surfe se deu através dessas imagens de jovens bronzeados na praia portando pranchas de baixo dos braços ou deslizando pelas ondas. Seja pelas revistas ou televisão, alimentou-se a imaginação e a pretensão com relação à

---

[33] DIAS, Cleber Augusto Gonçalves**. Urbanidades da natureza:** o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
[34] QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

atividade em muitos leitores e espectadores, reforçando os anseios com relação a essa prática.

Como parte desse fenômeno, a produção de filmes, revistas, a versão cinematográfica de Gidget[35], seguido por uma grande expansão de surfe de nove anos, caracterizaram o surfe para além de deslizar em uma onda, mas para um verdadeiro um fenômeno cultural, que se espalhou para longe atingindo o consumismo adolescente.[36] Assim, a dispersão do surfe pelo mundo muito tem a ver com a hegemonia cultural estadunidense no pós-guerra, mas também se articulava com as manifestações da comunicação, das artes e do entretenimento.

Da mesma forma, e, certamente, numa escala maior, as imagens, anúncios e propagandas veiculadas em revistas ajudaram a divulgar o surfe no Brasil, mais especificamente em Fortaleza. As revistas, principalmente, àquelas com elevado conteúdo em imagens foram fundamentais para proporcionar o contato inicial com o surfe. Através das entrevistas realizadas, foi possível perceber que as imagens veiculadas nesse tipo de publicação estimulavam a imaginação daqueles jovens, que passaram a imaginar como seria deslizar nas ondas em pé sob uma prancha.

Mesmo não sendo uma revista especializada em esportes, voltada para o público surfista, pelo contrário, tratava-se de um periódico cujo conteúdo era de entretenimento geral, a Revista Life Magazine comumente veiculava imagens que mostravam pessoas bronzeadas praias paradisíacas e frequentemente, com a presença de surfistas deslizando nas ondas em sua parte interna, como também imagens de cunho propagandístico relativas à prática do surfe:

[35]Gidget é um filme produzido em 1959 pela Columbia Pictures, é estrelado por James Darren, Cliff Robertson e Sandra Dee. Conta a história da iniciação de uma adolescente na cultura do surfe da Califórnia e de seu romance com um jovem surfista. O roteiro foi escrito por Gabrielle Upton, baseado no romance de Frederick Kohners, de 1957. http://en.wikipedia.org/wiki/Gidget_(film) Acesso em 23 de set. 2013.

[36]WARSHAW, Matt. **The history of surfing**.2.ed. Editora Gibbs Smith, Publisher, 2006.

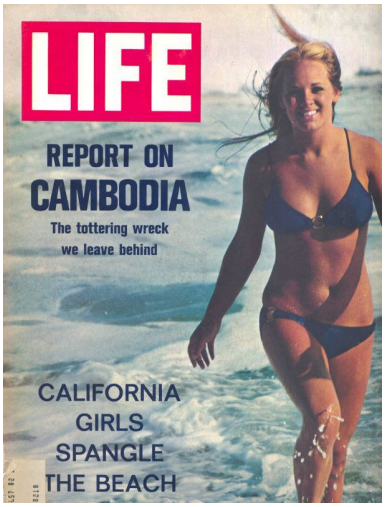


FIGURA 1: Capa de uma edição da revista Life, datada de 07/10/1970.[37]

A imagem acima retrata bem tal fato. Trata-se da capa da revista Life, cuja manchete enfatiza: “California girls spanglethebeach”, ou seja, “Garotas californianas abrilhantam a praia”. A capa traz a idéia de diversão, saúde na praia californiana. Nesse sentido, o surfe que chegou ao país àquela época depende, essencialmente, de um referencial cultural atrelado às praias da Califórnia, nos Estados Unidos. André Griéser tinha freqüente acesso a esse periódico em casa e as imagens de surfistas alimentavam sua imaginação.

Com o passar do tempo, revistas especializadas começaram a surgire serem trazidas para a capital cearense. Em 1972 aproximadamente, Antônio Carlos Quinderé passou a trazer do Rio de Janeiro revistas, cujo conteúdo abordava especificamente o universo dos surfistas, ao passo que André Griéser, que antes tinha acesso às imagens de surfe apenas através da Revista Life e através das viagens, passou a assinar também, após várias tentativas, a revista americana *Surfer Magazine*.[38]

A *Surfer* foi pioneira como revista de gênero direcionada para o público surfista. Publicada inicialmente em 1960, foi concebida inicialmente como foto-livro, mas depois alterou seu formato, incluindo também um meio de publicidade para as marcas relacionadas à atividade.[39] Nesse sentido, de acordo com Rafael Fortes[40], o papel das

[37] http://www.oldlife.net/search.php?pndate=07/10/1970Acesso em: 19 set. 2013.
[38] De acordo com Rafael Fortes, em 1989, a revista Surfer ocupava um dos principais lugares em tiragem e anúncios de revista de surfe seguida pelas revistas Surfing e Fluir. pg. 19, 180 e 186.
[39] ZUCH, Lucas Arsego. As características psicográficas dos surfistas. P. 52.
[40] SOARES, op. cit. p. 27 e 28.

revistas segmentadas, ou seja, daquelas revistas que tratam especificamente de assuntos de determinados grupos, nesse caso o surfe, é importante, pois possibilitavam aprofundar a discussão sobre temas específicos à temática surfística, tais como a informação sobre lugares bons para a prática do surfe, filmes e equipamentos, ao contrário do que possibilitava a mídia de massa, ou seja, as revistas de cunho geral. Segundo Fortes, durante muito tempo, até aproximadamente meados da década de 1990, o espaço midiático para se discutir e conhecer o surfe com maior profundidade foi o meio impresso, com destaque para as revistas, o que confere um papel muito importante para seu desenvolvimento no Brasil. Como referências nesse sentido, na década de 70, Fortes menciona, ainda, as revistas*Surf Sul*, deFlorianópolis, *Quebramar,*Santos, e *Brasil Surf*, produzida no Rio de Janeiro.[41]

SegundoGriéser, conseguir essa assinatura para ter acesso ao periódico foi bastante difícil, devido ao precário acesso em Fortaleza. Com o decorrer da década de 1970, a facilidade de acesso à "Surfer" se insere no boom de consumo da classe média brasileira dessa época. Possivelmente, revistas como ela contribuíram, no passado, para os então adolescentes se apaixonarem pelo surfe. Segundo Rafael Fortes, a Surfer, chegou a vender mais de 10 mil exemplares por edição num país em que pouquíssimas pessoas falavam inglês, tamanha era a influência americana e de referências do surfe. Para ele, Cinema e impresso estavam totalmente articulados, pois revistas como "Surfer", "SurfingWorld", "Tracks" haviam surgido com o objetivo específico de divulgar filmes, tanto na Austráliaquanto nos EUA. Algumas delas fizeram tanto sucesso que se tornaram, posteriormente, publicações regulares.

A regularidade desse tipo de publicação especializada proporcionou a criação de um movimento de grande registro de imagens. A possibilidade de fotografar dentro d'água, através das caixas estanques para máquinas fotográficas, proporcionou um maior dinamismo aosurf. Surfistas somente conhecidos em suas praias locais poderiam ver e serem vistos através das páginas dos periódicos, criando um ponto de convergência de

[41]Nas décadas seguintes: *Alma Surf*, *Hardcore*, *Inside*, *Mesklada*, *Venice*, *Visual Surf*, *Expresso do Surf*, *Fluir Girls*, *Ação*, *Swell*, *The Surf Press*. Um *boom* particular ocorreu em meados dos anos 1980, com "*Surf Nordeste* (PE), *Swell*(BA), *Costa Sul* (RS), *Quiver*(RS), *Trip*(SP), *Terapia Intensiva* (PR), *Ação* (BA) e *Surfer*(RJ)" (Gutenberg, 1989, p. 188). Entre os jornais, *Drop*, *Inside*(inicialmente um jornal publicado pela ACS, tornou-se revista em 1986),7 *Jornal do Surf*,8 *Momento Esportivo – Surf*, *Now*, *Qual o Lance?*, *Quiver*, *Staff*, *Surf News* (Santos), *Surf-News* (Rio de Janeiro). Há ainda revistas apresentam ou apresentaram, constantemente, conteúdo ligado ao surfe, como *Realce*, *Pop*, *Trip*e*Visual Esportivo*.

estilo e comportamento.[42] Nesse sentido, ao falar do surgimento da fotografia Boris Kossoy afirma que:

> O mundo tornou-se de certa forma "familiar" após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidade cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais.[43]

Igualmente, com a difusão das imagens de surfe, foi possível torná-lo mais familiar aos jovens da época. O surfe foi tornando-se cada vez mais conhecido e, na primeira oportunidade de contato com seus equipamentos, foi tornado possível.

Além das fotos, no mercado americano foram lançados também diversos filmes que veiculavam imagens de cenários de praia, com jovens bonitos, bronzeados a entrarem no mar com suas pranchas e descerem as ondas das praias californianas. Um gênero hollywoodiano de filmes de praia surgiu reforçando a associação entre uma "cultura surfe" e a mídia. Na época, as músicas e filmes cujo tema era o surfe geraram grandes sucessos comerciais.[44] Esses filmes produzidos à época, foram importantes instrumentos de divulgação junto ao grande público afeito ao surfe, que, na maioria das vezes, era classificado como prática simpática, saudável e divertida.[45]

Um filme, em especial, tornou-se o marco desses novos filmes de praia: Gidget. Outros filmes também, tais como: Endless Summer[46], SlipperyWhenWet,[47]LetThereBe

---

[42]ZUCH, Lucas Arsego. As características psicográficas dos surfistas. P. 52. Apud. KAMPION, 2003

[43]KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.p. 26.

[44]MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.), São Paulo , v. 23, n. 3, Sept. 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092009000300009&lng=en&nrm=iso>.access on 23 Sept. 2013. http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092009000300009.

[45]DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 49, June 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000100008&lng=en&nrm=iso>.Acesso em 1 Sept. 2013. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008.

[46] É um filme de surfe produzido em 1966 e dirigido por Bruce Brown. Um dos filmes de surf mais conhecidos, conta a história de uma aventura de surfe cruzando o globo terrestre em busca da onda perfeita. Na época da veiculação do filme, incentivou muitos surfistas a viajarem para fora do país em busca de novos lugares para surfar, além de ter introduzido o surfe, que tornou-se popular fora do Havaí e

Surf[48] e The Glass Wall[49] contribuíram para a expansão do surfe e da imagem do surfista pelo mundo.Marcelo Árias, afirma que, muitas vezes, esses filmes eram produzidos pelos próprios surfistas, em sua maioria, retratavam as cenas de surfe de forma caricaturizadamas, mesmo assim, juntamente com a indústria de consumo de produtos de surfe, foram responsáveis por uma explosão de novos adeptos em todo o mundo.[50]

Em Fortaleza, os primeiros surfistas também entraram em contato com esses filmes. Diante da dificuldade e da curiosidade em saber como se operava a prática do surfe, eles comumente reuniam-se na casa de um deles e organizavam verdadeiras sessões de cinema para assistirem aos filmes de surfe.[51] Para além do filme em si, olhar os movimentos, as roupas e os modos de agir eram fundamentais para a consolidação dos surfistas enquanto grupo.

Os primeiros a inaugurar a prática do surfe no Ceará foram André Griéser, Antônio Carlos Quinderé[52], Gladstone[53] e Jorge Fiúza[54]. Fizeram isso quase que concomitantemente, tornando-se mais tarde, o que chamarei aqui de a "primeira geração" de surfistas. Essa primeira geração era composta pelos primeiros surfistas cearenses que trouxeram o surfe para Fortaleza e, de certa maneira, deram continuidade a essa prática na capital cearense. Eles faziam parte de uma parcela da sociedade privilegiada financeiramente que já se relacionava com a praia de uma forma ou de outra antes da chegada do surfe na cidade: "A minha ligação com a praia vem desde

---

as ilhas da Polinésia em lugares como Califórnia e Austrália, para um público mais amplo. http://en.wikipedia.org/wiki/The_Endless_Summer Acesso em 23 de set. 2013.

[47] Filme produzido em 1958, por Bruce Brown, contendo imagens dos surfistas Del Cannon, Henry Ford, Freddy Pfhaler, KempAaberg e Dick Thomas descendo ondas no Havaí, filmadas com uma câmera de 16mm. http://www.surfclassics.com/surf-movie-posters/slippery-when-wet/Acesso em23 de set. 2013.

[48]Filmado na Califórnia, Havaí e México, em 1963, é a primeira produção de Jim Freeman. http://www.surfclassics.com/surf-movie-posters/let-there-be-surf/Acesso em23 de set. 2013.

[49]Último filme de Jim Freeman antes dele se juntar a Greg MacGillivray.

[50] ÁRIAS, Marcello. **Surf gênese – a antropologia do surf.** Encarte Alma Surf, ed. 8, capítulo I. P. 18-21.

[51]CASTRO, Odalto. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[52] Antônio Carlos Quinderé também foi um dos primeiros surfistas de Fortaleza. Atualmente é empresário do ramo de fornecimento de matéria prima de origem mineral.

[53] Gladstone, já falecido, também foi um dos primeiros surfistas da época.

[54] Jorge Fiúza, é um dos primeiros surfistas de Fortaleza, membro do chamaremos aqui de "Primeira Geração" do surfe.

muito novo. Meu pai é alemão e adorava praia. Então todo fim de semana a gente ia pra praia e tal. [...] O meu quintal era a Praia do Náutico, como muita gente aqui."[55]

Em todo este trabalho, a influência americana, associada ao gosto por desfrutar a praia poderá ser percebida. Nos itens e capítulos subsequentes, verificaremos como se deu a assimilação e reapropriação desses referenciais, seja no que diz respeito a apropriação do espaço e nos modos de vivenciá-lo, como também através da imagem do surfista, chegando até mesmo os equipamentos utilizados por eles.

Nesse sentido, o surfe é uma atividade essencialmente peculiar, não pelo fato de se tratar do ato de deslizar sob as ondas em si, mas pelo fato de englobar diversas questões culturais em seu redor. Ao longo de todo o trabalho, essa influência poderá ser percebida de maneira mais tangível. Misturada às outras discussões, o intercâmbio de informações, referenciais e objetos aparecem de forma mais concreta e exemplificativa, seja através da aparência e roupas, como também através dos equipamentos necesssários à prática do surfe.

Tais referenciais influenciaram sobremaneira na forma que os surfistas iniciantes tinham em se relacionar com o surfe e com o espaço. As imagens, os filmes e revistas serviam de exemplo para uma apropriação e reapropriação do espaço e das maneiras de utilizar terra e mar. Nesse sentido, não foram poucos os relatos de viagens, trajetos e experiências com a cidade verificadas nas entrevistas realizadas. No tópico seguinte, será possível verificar um pouco mais desse aspecto.

1.2 **Leitura do mar, trajetos e apropriação do espaço pelos surfistas**

> "Surfing is such an amazing concept. You're taking on Nature with a little stick and saying, 'I'm gonna ride you!' And a lot of times Nature says, 'No you're not!' and crashes you to the bottom." — Jolene Blalock[56]

[55]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[56]Read more: http:life.time.comsportsinternational-surfing-day-classic-photos-of-surfers-from-hawaii-to-peruixzz2XPsSgV6f Acesso em: 26 ago. 2013.

Com a incorporação dessas novas idéias, desses novos referenciais da cultura americana, o ato de deslizar nas ondas sob uma prancha[57], uma prática nunca antes vista por aqui, começou a fazer parte da paisagem das praias de Fortaleza, dentre elas as praias de "Iracema"[58], "Ideal"[59], "Náutico"[60] e "Meireles". Surfar passou a ser a mais nova diversão de muitos jovens da época.

Para os então iniciantes, a praia do Náutico foi o local escolhido para a primeira tentativa de surfar em Fortaleza com o novo equipamento. André Griéser, o primeiro surfista, começou a pegar onda em julho de 1972. Em seu relato afirma que as condições do mar da Praia do Náutico naqueles dias não eram favoráveis, por conta das poucas ondas e do início da temporada de muitos ventos na cidade, o que inicialmente, aliado à falta de prática teria inviabilizado o sucesso na tentativa de tornar-se surfista. Percebe-se aqui que, no relato, o tempo parece misturar-se. Com o olhar de hoje, Griéser afirma que o mar não estava muito bom para a prática do surfe. Entretanto, nessa época, ele não possuía ainda elementos para saber se as condições marítimas estavam boas ou não. Nesse caso também, o recurso da memória associa-se à falta de habilidade do surfista na época e tenta justificar o fato a pouca habilidade quando da primeira empreitada com o surfe. Nesse sentido, Jean-Jacques Becker, ao falar da fonte oral como documento construído tempo depois do fato afirma que:

> [...] pode resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para "coincidir" com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores.[61]

Nesse sentido, concomitantemente às empreitadas de Griéser, Gladstone Costa também começava a tentar pegar onda. Diante da atividade em comum, os dois

[57] Antes era possível ver o uso das "carretilhas", pranchas de madeira, utilizadas por alguns para deslizar na onda deitado.

[58] A Praia de Iracema é uma praia do bairro nobre homônimo, no município de Fortaleza, no estado do Ceará, no Brasil.2 Seu nome vem do personagem Iracema, que dá título ao romance Iracema, do escritor cearense José de Alencar. Segundos os mapas holandeses de 1649, foi neste local onde os índios potiguares encontravam-se quando Matias Beck e sua frota chegaram a Fortaleza.http://pt.wikipedia.org/wiki/Praia_de_Iracema_(Fortaleza) Acesso em 19 nov.2013.

[61]BECKER, Jean-Jacques.*Ohandcap a posteriori*.IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (ET AL). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 28.

passaram a se encontrar na praia, local que se tornou o ponto de encontro de outros surfistas que os seguiram. Dos encontros com as pranchas vários laços de amizade foram estabelecidos.

Ainda no mesmo ano, Antônio Carlos Quinderé entrou em contato com a prática do surfe no Rio de Janeiro, na Praia do Arpoador, pólo irradiador do surfe no Brasil. Como ele nasceu em Fortaleza, e sua família morava na capital cearense, sempre retornava à capital alencarina durante o período das férias. Nesse ano, trouxe para o Ceará uma prancha de fibra de vidro e também começou a surfar.Os três, ainda muito jovens na época, com aproximadamente 13, 14, 15 anos se conheceram na praia e começaram a surfar juntos, dando início à prática do surfe propriamente dito, ou seja, começaram a deslizar nas ondas a partir de um referencial Californiano que se manifestava também em outras localidades de maneira constante e regular em Fortaleza.

Griéser, Quinderé, Jorge Fiúza e Gladstone compunham a “primeira geração” de surfistas cearenses, na medida em que eram considerados exemplo para outros jovens que não possuíam acesso com tanta facilidade aos referenciais americanos. Esses outros jovens passaram a vê-los e tentar imitá-los. A “primeira geração” mantinha contato direto com os grandes pólos irradiadores do surfe, tais como Califórnia e Rio de Janeiro, e eram capazes de influenciar outros jovens da cidade de Fortaleza com as novidades trazidas do exterior. A partir de então, eles passaram a atrair alguns adeptos, jovens com idade entre 9 e 16 anos, de classe média, que passaram a viver em função da prática da nova atividade, formando o que chamarei a seguir de “Segunda e Terceira Geração” do surfe em Fortaleza. Os membros dessa nova geração também transformaram seu modo de viver, bem como construíram novas relações com o mar e a cidade que só poderiam ter sido construídas através do aprendizado e vivência da prática do surfe naquela época.

De fato, a prática do surfe teve uma expansão muito rápida em Fortaleza. Esse desenvolvimento se dava, dentre outros fatores, através da atuação dos próprios surfistas. Os surfistas da “primeira geração” serviram de exemplo para os outros surfistas que surgiram após 1972. Dessa forma, as maneiras de pegar onda, as roupas e o jeito de ser, foram imitados pelos surfistas da “segunda e terceira geração”, e que não tiveram uma vivência direta nos Estados Unidos. Dessa forma, ao serem indagados a respeito de como começaram a surfar, os surfistas mais novos sempre citam a influência

de um outro surfista, amigo ou até mesmo desconhecido: *"(...) vi um dos alunos do Cearense que fazia de uma tribo diferente pegando onda na praia do Náutico."*[62]

Entretanto, não foi o surfe que inaugurou o ato de correr sob uma superfície plana em uma onda em Fortaleza. Ainda na década de 50, ou seja, muito antes da chegada da prática do surfe na cidade, era possível verificar a prática constante das "carretilhas", principalmente na Praia de Iracema e Mucuripe: " [...] o papai, ele sempre incentivou a gente a pegar onda, por que ele pegou onda de tábua também na Praia de Iracema, nos anos 50 [...] a turma dele pegava de tábua na Ponte Metálica [...]"[63]

"Pegar carretilha" significava descer deitado em qualquer pedaço de madeira que pudesse servir como uma espécie de prancha, numa onda espumada. Ou seja, pegar a onda que já havia se formado e quebrado, fazendo espumas, aproveitando para pegar um impulso proporcionado pela espuma das ondas nos pequenos pedaços de madeira. Geralmente, era uma brincadeira feita por crianças das mais diversas idades, era praticado bem à beira-mar, sem a necessidade de entrar bastante dentro do mar, no outside[64], no local onde as ondas são formadas.

Além da "carretilha", em 1968, a revista Veja ainda veiculou uma reportagem mostrando também que garotos moradores das favelas localizadas perto das altas dunas do Mucuripe, nos momentos de folga, desciam as dunas de até 50m de altura sob tábuas de madeira: "Para descansar, esquecer a vida dura, êles tomam banho de mar e descem as dunas de até 50 metros dealtura escorregando sentados ou deitados em pedaços de tábua. Os mais corajoso descem de pé."[65]

[62]MELO,Pepo. **Uma onda atrás da outra.** Romero Jucá e o surf cearense. Fortaleza, 2002. p. 14.
[63]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[64]Qualquer local para fora da arrebentação, local mais distante da costa.
[65]Veja_O esqui na areia foi iventado no Ceará_ed.7_23.10.68_p.55

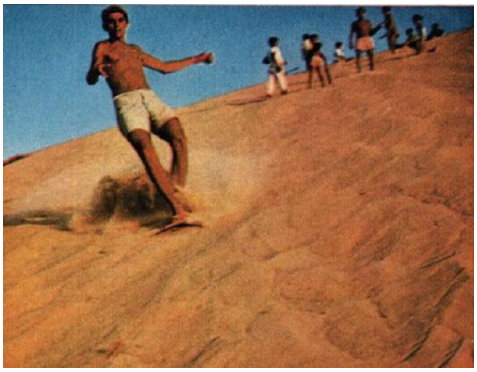


FIGURA 2: Menino descendo duna sob tábua de madeira.[66]

Nem as “carretilhas”, nem a descida das dunas do Mucuripe de tábua pelos filhos dos pescadores não se comunicava com o surfe. Ela não carregava os mesmos signos, referências e influências que o surfe carregava. Nem mesmo os modos de usufruir a natureza, o olhar e os movimentos eram parecidos, embora a atividade fosse realizada sob uma tábua ou prancha de madeira.

Portanto, nem a carretilha, nem as tábuas nas dunas não devem ser atreladas ao surfe. Mesmo sendo uma atividade na qual se desliza nas ondas ou na areia com uma tábua, simulando uma prancha, essas atividades não se comunicam com os referencias aos quais o surfe se interliga. O surfe é uma prática que depende essencialmente da cultura Californiana, caracterizando-se não apenas pela atividade em si, mas por todos os outros elementos culturais que estão envolta de sua prática, conforme serão discutidos nesse trabalho.

Certamente, uma maior aproximação da cidade de Fortaleza com os espaços de praia, constituiu-se como fator fundamental para a configuração da prática do surfe no Ceará. De fato, a sociedade cearense já havia começado, desde a década de 1920-1930, e com maior intensidade após 1970[67], a se relacionar mais de perto com o mar. Isso se deu principalmente através da incorporação dos banhos de mar e das zonas de praia

[66]Veja_O esqui na areia foi iventado no Ceará_ed.7_23.10.68_p.55

[67]Eustógio Dantas afirma que em Fortaleza houve dois movimentos de valorização das zonas de praia, sendo o primeiro após 1930 e o segundo, em maior escala, após 1970. VIDE: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. p. 48.

como lugar de lazer e veraneio[68] na Praia do Peixe (hoje Praia de Iracema), tornando esses espaços de praia mais valorizados, fazendo com que, aos poucos, a praia se configurasse como lugar de habitação e lazer em Fortaleza.[69] A construção da Avenida Beira-Mar, em 1963, foi um exemplo disso, afirmando-se como "lugar de encontro da sociedade e de habitação da população abastada"[70].

Com essa nova aproximação e a conseqüente formação de uma praia, no dizer de Alain Corbin[71], potencializou-se o surgimento de uma nova sociedade do lazer[72], da qual os surfistas da "primeira geração" faziam parte. De forma que, para ele, "o percurso das praias de mar integra-se a um conjunto de práticas da natureza que respondem ao plano de vida de uma elite desejosa do retorno às fontes."[73]Nesse sentido, a faixa compreendida entre os trechos da Praia de Iracema, chegando, posteriormente, até a Praia do Futuro, foi gestada como espaço de sociabilidades e práticas da natureza relativas ao mar.

Conseqüentemente, acontigüidade das residências do mar, associada ao crescente gosta da população pelos espaços de praia também foram fatores que contribuíram para o acostamento dos surfistas da "primeira geração" e o surfe: "A gente morava muito próximo à praia, no Ideal, a Praia do Ideal, a gente morava muito próximo, a menos de 50 metros da praia (...)"[74] ou ainda "(...) por acaso meus pais sempre adoraram praia e

[68] O veraneio consiste no ato de passar o verão fora do domicílio habitual. Em Fortaleza, consolidou-se no início da década de 70 como uma prática bastante recorrente. Muita gente implementou a construção de casas de praia em municípios próximos onde se pudesse aproveitar os finais de semana.
[69]Estógio Dantas. Ibid. p. 57 e 58.
[70]Ibid, p. 61.
[71] Alain Corbin estabelece uma diferença entre praia e litoral. Para o historiador francês, o conceito praia é algo inventado e datado, dependendo do modo como os sujeitos estabelecem seus hábitos na cena litorânea. Mesmo considerando que a paisagem é um emissor de imagens, Corbin verifica que o modo como elas são recebidas e percebidas é essencialmente cultural, não sendo a praia algo necessariamente natural, mas uma natureza-cultura, no dizer de Bruno Latour. Para saber mais ver: CORBIN, Alain. A praia e o imaginário ocidental.
[72]De acordo com Linhares, pg. 65 e 165, a nova classe privilegiada que se formou com a segunda fase da política de industrialização (executada através de incentivos fiscais e impulso da SUDENE), passou a buscar muito mais os espaços de lazer em Fortaleza. Desse modo, essa nova sociedade emergente, com o aumento de seu poder aquisitivo, estava intimamente ligada a um aumento do tempo livre para desfrutar os benefícios da praia. Assim, novas demandas de lazer passam a surgir na cidade.
[73] CORBIN, Alain. **O território do vazio**. A praia e o imaginário ocidental. Editora Schwarcz: São Paulo, 1989.p. 32.
[74] FRANCO, Carlos E. X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

eu sempre morei perto de praia" [75]foram relatos constantes nas entrevistas, principalmente dentre os membros das primeiras gerações de surfistas.

A proximidade que as pessoas começaram a ter do mar, ao construírem suas residências na Praia de Iracema e na Praia do Meireles é reflexo da predileção por esses lugares e da aproximação dos primeiros jovens com a praia[76], o que favoreceu o início da prática do surfe, embora a aprovação dos pais com relação ao surfe não seja tão pacífica assim.[77]Ter por perto a praia e os clubes que disponibilizavam a oportunidade de praticar alguma atividade física, como a natação, contribuiu sobremaneira para a difusão do surfe em Fortaleza.Ter a possibilidade de ver outros jovens pegando onda sem mesmo precisar sair de dentro de casa[78], ou então, poder observar o que acontecia no mar a poucos metros, certamente, contribuiu para que essa prática pudesse ser vista, e imitada, disseminando-se numa velocidade considerável.[79]

Essa mais nova moda espalhava-se através do exemplo e da atuação de cada novo surfista, o divertimento sobre as ondas cearenses podia ser visto por quem estivesse na areia, ajudando a propagar tal prática pelas praias da cidade. Nesse sentido, o surfe e o intenso contato com o mar possibilitaram uma interação entre os jovens e a água bastante intensa. Ao contrário da afinidade já estabelecida entre os vários garotos da época com a natação, bastante praticada por jovens garotos da sociedade cearense nos clubes da cidade[80], dentre eles o Náutico Atlético Cearense, o Clube dos Diários e o Ideal Clube[81], todos localizados próximo à praia em Fortaleza, o surfe propiciou uma nova experiência empírica com o mar impossível de ser estabelecida no interior das piscinas dos clubes.

---

[75] BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[76] Foi possível verificar que a maioria dos surfistas, principalmente, àqueles da "primeira e segunda geração", moravam em ruas próximas à praia, nos bairros Meireles e Praia de Iracema.

[77] Em algumas entrevistas foi possível perceber a reprovação dos pais de muitos entrevistados com relação ao surfe.

[78] Em algumas entrevistas verificou-se que vários desses jovens moravam próximo ao mar, possibilitando-os verificar as condições marítimas mesmo sem sair de casa.

[79] Para maiores informações sobre a aproximação da cidade com o mar ver: Linhares, Eustógio

[80] PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

[81] Nos jornais do período, principalmente o jornal O Povo, e posteriormente o Diário do Nordeste, havia colunas específicas para mostrar o esporte amador na cidade. Esses esportes, dentre eles, a natação, eram praticados nos principais clubes da cidade, tais como o Náutico atlético Cearense, o Clube dos Diários e o Ideal Clube, além das grandes escolas de Fortaleza.

Nesse sentido, boa parte dos primeiros surfistas eram também exímios nadadores. Muitos deles praticavam a natação nos clubes da cidade, que na época, já se localizavam próximos à praia, além de participarem de campeonatos de natação. Sérgio Capibaribe[82] era um exemplo. Foi através de um campeonato de natação disputado no Rio de Janeiro, cidade importantíssima para a disseminação do surfe no Brasil, que ele entrou em contato com essa prática pela primeira vez. Nas entrevistas realizadas para essapesquisa comumente era possível ouvir:"eu fui campeão de natação, então eu sempre fui..." [83], ou ainda: "A gente andava no Ideal Clube não é? Fazia esporte lá não é?" [84].

De fato, novas sensibilidades com relação ao mar foram geradas a partir da prática do surfe. Para um aproveitamento perfeito dos bons lugares para se surfar e a localização de boas ondas, os novos surfistas passaram a olhar o mar de maneira diferente. Aprender a ver e interpretar os movimentos engendrados pelo oceano configurava-se como imperativo para que se soubesse quando e onde as melhores ondas estavam acontecendo. Aos poucos foi se criando uma nova orientação do olhar para o mar, que passava através das gerações de surfistas.

Na época, não havia nenhum sistema de previsão das ondas, tal como temos hoje.[85] Dessa maneira, saber se o mar estava bom para a prática do surfe dependia que alguém, que detivesse algum conhecimento sobre o mar, que pudesse olhá-lo e dizer se estava bom ou não para os pegadores de ondas. As casas de muitos deles possuía vista para o mar, bastava telefonar e perguntar para os mais próximos da praias se as ondas estavam boas:

> Ah! Tinha um amigo que surfava nessa época. Ele chegou um pouquinho depois, mas é contemporâneo. Mas é um cara que depois foi para o Rio, que era o Geraldo Kueler. O Geraldo Kueler morava numa casa que

[82] Sérgio Capibaribe inicialmente era nadador do Náutico. Tornou-se também um dos primeiros surfistas, embora não fizesse parte do grupo de amigos da "Primeira Geração"de surfistas. Não viajou aos Estados Unidos, observava os outros surfistas pegando onda e tentava imitá-los. Atualmente fabrica pranchas e surfa frequentemente.

[83] BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[84] FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[85] Atualmente, o praticante do surfe tem acesso a sites especializados na previsão de ondas que transmitem não só o tamanho e a formação das ondas, mas também direção e velocidade dos ventos, fatores fundamentais para determinar as reais condições do mar.

> fica atrás do Hotel Beira Mar. Eu acho que nessa época não tinha o Hotel Beira Mar. Então o que é que a pessoa fazia: eu ligava pra casa do Geraldo. – Geraldo, como é que tá o mar? O mar tá bom? O mar subiu? Como é que tá a maré? As pedras vão sumir? Aí ele dava... Ele saía, ele botava a cabeça fora da janela e olhava ali pro Jackeline e dava o recado. Aí eu descia, me encontrava com ele e a gente se encontrava.[86]

Era necessário que a pessoa também soubesse surfar, pois ela saberia verificar as condições oceânicas ideais, o tamanho das ondas, a variação das marés e das correntes marítimas. Nesse sentido, a visibilidade das pedras também ajudava na medição da maré, dependendo da quantidade de pedras que apareciam. Com o passar do tempo, essa rede de comunicação foi melhor se estabelecendo:

> Então, a gente morava em frente à praia ali na Carlos Vasconcelos e depois nós mudamos para em frente ao Náutico, ali né?! Então a gente bastava olhar ali que a gente via o *swell*[87], estando grande, a gente ligava um para o outro. Aí largava trabalho, largava o colégio, faculdade, o que fosse que tivesse fazendo e se mandava para as praias [...][88]

Para os surfistas da "segunda geração", as notícias das boas condições do mar se espalhavam numa maior velocidade, na medida em que, não se fazia mais necessário telefonar e solicitar a informação daqueles que moravam com vista para o mar. Ao contrário, quando as condições marítimas eram favoráveis, velozmente aqueles que haviam olhado para o mar e suas ondas, informavam aos outros. Dessa forma, uma rede de comunicação entre os jovens praticantes se estabelecia. Quem não morava bem perto da praia ou que não tivesse a visão do mar da janela de casa acabava por ser informado das condições marítimas através dos amigos também surfistas. Dessa forma, todos se dirigiam à praia para aproveitar as ondas, deixando de lado todas as outras atividades da quais eram participantes.

No discurso do surfista da "Segunda Geração" palavras como *swell* já aparecem. A concepção de que a formação das ondas dependia de uma ondulação oceânica profunda, invisível aos olhos, mas que possuía freqüência e tempo determinado pra acontecer, influenciando diretamente no tamanho das ondas começou a gestar-se e a se incorporar

[86]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[87]O termo "swell" numa tradução literal significa ondulação oceânica. Trata-se de um conjunto de ondulações que transitam pelo oceano, possuindo direção, velocidade e força diferenciadas. Quando o "swell" chega à praia proporciona o aumento de força e tamanho das ondas contribuindo para a melhoria das condições do mar. Para não-surfistas, "swell" pode ser conhecido como "ressaca do mar".
[88]FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

ao vocabulário deles. O olhar atento ao mar, mas também as informações das revistas, que traziam previsões nesse sentido, foram essenciais para que essa percepção se construísse ao longo do tempo no meio deles.

Realmente, o olhar direcionado ao mar passou a fazer parte do ritual de chegada à praia. O olhar se punha a serviço de analisar as reais condições do mar: em que ponto da praia era melhor entrar no mar, em que local as ondas estavam mais favoráveis, para que lado as correntes marítimas direcionavam-se. Não são poucas as fotografias que enfatizam tal fato.



FIGURA3.Foto de Odalto Castro[89].



FIGURA 4. Foto de Odalto Castro.

Analisar o mar passou então a fazer parte do ritual de chegada na praia e da imagem do surfista. Antes desse período, o olhar dos entrevistados não estava exercitado para a análise do mar. Como banhistas ou nadadores das piscinas da cidade, não precisavam preocupar-se com o tamanho, formação, direção e freqüência das ondas.

Da mesma forma, o mar calmo, tranqüilo, interessava mais ao banhista do que ao surfista que necessitava de ondas com tamanhos consideráveis para efetivar sua prática. De fato, uma nova maneira de observar o mar nasceu com os surfistas, que passaram a desenhá-lo de acordo com seus objetivos. A prática do olhar para o mar e

[89]Odalto Castro foi um dos primeiros surfistas em Fortaleza. Com o tempo, passou a fabricar pranchas em sua própria casa, criando, posteriormente, uma pequena fábrica de pranchas denominada *Nortão*. Foi o primeiro brasileiro a ser capa de uma revista internacional de surfe, a *Surfing*.

interpretá-lo constituiu-se parte dessa série de códigos elaborados para que um melhor aproveitamento das condições oferecidas pelo elemento natural, representado aqui através do mar, pudesse ser feito. Olhar para o mar relacionava-se intimamente com o que se pretendia, verificando a formação da onda, como ela se formava e fechava, possibilitando uma melhor precisão na execução dos movimentos quando da entrada na água.

Nesse sentido, Alain Corbin fala a respeito de uma nova percepção das formas litorâneas:

> O olhar dirigido a uma costa arenosa ou rochosa, e a leitura que é feita dessa paisagem, variam de fato conforme as convicções ou, mais simplesmente, conforme a cultura científica do espectador [...] a revolução do olhar opera-se quando este começa a perceber a costa, seus recifes, os rochedos e as falésias que e circundam, como outras tantas ruínas telúricas; não mais caóticos vestígios de um cataclismo, mas produtos de um desgaste imemorial. O desenho da paisagem observada da costa testemunha a imensidão do tempo; permite igualmente pressagiar as transformações futuras. De uma só vez, as figuras do passado, do presente e do futuro da paisagem litorânea modificam-se.[90]

Então, por mais que a freqüência do mar, das ondas e das marés não sofressem alterações através do simples ato de observar, o próprio olhar e sua representação, seu significado para cada um daqueles jovens alterava-se. Os modos de perceber o mar, construídos ao longo do tempo, também através da prática do surfe, foram edificados e sedimentados pelo grupo de surfistas que então se estabelecia na cidade.

Já em 1986, com o início da consolidação do surfe enquanto esporte sistematizado, esses conhecimentos acerca dos mares passa a ser transmitido também nos jornais. O Diário do Nordeste passou a publicar aos sábados uma coluna intitulada "Tempo Livre" que buscava dar informações sobre torneios, venda de pranchas e as condições do mar. A coluna apresentava um conteúdo bem sistematizado, contendo imagens, previsões e um bom conhecimento acerca das boas condições para se pegar onda:

---

[90] CORBIN, Alain. _____. **O território do vazio.** A praia e o imaginário ocidental.Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 117 e 118.

> As ondas estiveram perfeitas durante todo o fim de semana, apenas variando de localização e tamanho por razões naturais: as marés. A praia do Naúticoé, nos finais de ano, o melhor point para a prática do surf, apresenta sempre o desenrolar perfeito das ondas, tendo elas sempre velocidade e tamanho. Fora do mar, da praia, é fácil notar as linhas d'água que se formam ao fundo, uma após a outra, tomando forma gradativamente.[91]

A reportagem indicava ainda os "points" ideais para a prática do surfe. De acordo com a reportagem, a Praia do Náutico poderia ser considerada uma praia boa de pegar onda devido ao seu "desenrolar perfeito". O desenho primoroso formado pelas boas ondas promovem linhas d'água, as quais representam a freqüência constante das ondas e ausência de agitação no mar.

As percepções acerca dos formatos das ondas permeavam o imaginário daqueles jovens. As "linhas d'água" mencionadas na reportagem acima muitas vezes eram imaginadas por alguns dos jovens surfistas também nos momentos fora d'água: "Quando a gente estudava, ficava sonhando com aquela onda perfeita, com aquela onda que a gente fazia na linha do caderno, ia só dobrando assim com a caneta, aí fazia aquela onda desenhando no caderno." [92]A linha representada no caderno fazia menção não só ao formato da onda, mas ao trajeto empreendido pelo surfista durante a execução dos movimentos dentro na onda, além de alimentar as expectativas com relação às ondas que poderiam encontrar. No caderno, Fernando Bittencourt traçava os movimentos a serem empreendidos da próxima vez em que fosse à praia.

> Olha a massa d'água que vem de cima. Que vem fazendo a volta. [...] Aqui ó ela vem bem grande ó. Aqui é quase o início dela. Tá vendo o tamanho que ela estourou aqui. Aí eu venho passando por ela. Você vê o tamanho que ela fica e o tamanho final dela. Tá vendo? Aqui é quando ela bate e vem. Faz aqui esse volume da água. A velocidade que ela entra na praia é grande.[93]

No discurso do entrevistado, a massa d'água, ou seja, a onda, não aparece como se estivesse estática, mas em constante movimento. Ela não "é", mas "vem", num constante movimento. Nessa descrição, não é mais o olhar do surfista que se estabelece,

---

[91] Tempo Livre,**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 27 dez 1986.
[92] BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[93]FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

mas sua ação: ele vai passando pela onda, na medida que ela também executa seus movimentos. Certamente, a possibilidade que aqueles surfistas tinham de sentir a velocidade, os movimentos e os impactos das ondas sobre seus corpos acentuava ainda mais as impressões cinestésicas da prática do surfe e dos conhecimentos acerca do mar. Nesse sentido, para acompanhar a linha da onda, aqueles meninos precisaram conectar-se com as ondas:

> Por que a onda vem assim, sabe?! Ela vem pra esquerda e o drop é para a direita? E é em cima da pedra mesmo. Se você perder o time da onda, ela vai quebrar em cima de ti, ou se tu embicar, vai quebrar a prancha, com certeza. Não tem outra. É como Indonésia, tem que ser pelo tubo. Se você não for pelo tubo, você vai bater as quilhas na pedra que vai estar aqui do lado, um metro e meio aqui do lado, se você ver a outra linha da onda, vbocê não botar pra dentro da linha do tubo, já no drop, acertar a linha, você já vai quebrar as quilhas ali, é muito raso.[94]

Acompanhar o tempo e o trajeto na onda era fundamental para que a empreitada de deslizar sob a ondulação desse certo. Eles precisavam saber para que lado a onda se direcionava, em que momento a onda fechava e como era o fundo do mar naquele ponto, de areia ou de pedra, por que a depender do tipo de fundo, tornava-se extremamente perigoso cair da onda. Muitas vezes, a depender do tipo de onda, era preciso acompanhar a linha determinada pela onda, caso contrário, as chances de cair da prancha e se dar mal eram grandes.

Com relação aos movimentos engendrados pelo surfista na onda, Cynthia Studart Albuquerque afirma que nessa atividade:

> "Um único vetor é estabelecido: o surfista precisa seguir, surfar a "linha da onda". "Tem que seguir o trilho". O trilho ou a linha é um lugar na onda em que a pessoa se posiciona e desliza com mais velocidade e fluidez. Segundo os praticantes do surfe, toda onda tem sua linha (mexida, perfeita ou tubular) e o surfista tem que encontrar o "trilho" para ter um bom desempenho da onda".[95]

Trilhar a onda, ou seja, seguir esse vetor estabelecido por cada ondulação de maneira singular exigia do surfista a capacidade de executar a leitura de onda[96], de forma que eles, de acordo com a formação de cada ondulação, pudessem estabelecer

---

[94] FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[95] ALBUQUERQUE, op. cit. p.91.
[96] DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

verdadeiros percursos marinhos. Ler ou interpretar a onda significava que os movimentos ali empreendidos não dependiam somente do executor, mas da maneira como a ondulação se estabelecia e quebrava na beira da praia, além de como o surfista interpretava a onda após a prática do surfe.

Além do olhar lançado ao mar, ao entrarem em contato com o surfe, eles começaram a estabelecer relações com o espaço da cidade bastante interessantes e totalmente peculiares, relações que escapavam aos muros dos clubes ou às cristas das ondas, contribuindo para a construção do surfe em Fortaleza não apenas como uma atividade física, mas também como uma prática de espaço, exercida daquela forma apenas por aqueles que experimentaram o surfe.Essas atividades não se estabeleciam apenas na praia, mas já se iniciavam no trajeto até ela, tornando-se um verdadeiro rito de chegada.

Romero Jucá[97], pertencente a "Terceira Geração"[98] do surfe em Fortaleza, portanto um dos poucos daquele tempo que não morava próximo à praia afirma que o trajeto que tinha que percorrer até a praia não era fácil:"Eu saía da 13 de Maio e ia a pé para a Praia dos Diários, por dentro do mato da Aguanambi, não tinha a avenida ainda. O trajeto era percorrido em uma hora, uma hora e meia, dependendo da disposição. Ia e voltava carregando a prancha, uma 7'4'', grandona, típica da época."[99]

Partir da Avenida 13 e Maio em direção à Praia dos Diáriosà pé, carregando uma prancha, por dentre os atalhos e caminhos não convencionais na cidade tornou-se característica de Romero Jucá. Além do longo trajeto percorrido por caminhos que não eram os convencionais, havia o peso da prancha que funcionava como fator de dificuldade. Os trajetos percorridos mostram ainda, uma cidade diferente, que oferecia obstáculos àqueles que levavam consigo uma prancha relativamente grande. Dessa maneira, estabelecia-se uma relação entre o trajeto e equipamento.

---

[97] Romero Jucá começou a surfar em 1973. Ele morava perto da Avenida 13 de Maio mas tinha vários colegas do colégio que surfavam na Praia do ideal.

[98] Os surfistas da terceira geração caracterizam-se pelo fato de não terem sido influenciados diretamente pelos Estados Unidos através de viagens e contatos diretos com referências externas. Pelo contrário, são jovens que, às vezes, possuíam uma condição social um pouco mais desfavorável, além de serem influenciados diretamente pelos outros surfistas cearenses. Nem sempre suas residências localizavam-se perto das praias.

[99] MELO, op. cit., p. 15.

Desse modo, é possível verificar que Romero estabelecia uma descontinuidade com o espaço que se apresentava para ele. Ao andar de outra maneira, por outros lugares que não eram os mais prováveis, e que não andaria não fosse a vontade de pegar onda. Assim, ele acabava por efetuar, no dizer de Certeau, uma verdadeira atualização do espaço:

> Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede de prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as indas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. [...]o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona portanto. "O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo".[100]

Possibilidades, proibições e obstáculos são fatores que determinavam as táticas empreendidas pelos surfistas para determinação de seus trajetos. De tal modo, que o peso do equipamento, a amizade com alguém que possuía prancha e a distância a ser percorrida contribuíam para a definição do trajeto e também para determinar a possibilidade de pegar onda, principalmente para aqueles que não tinham o caro equipamento.

Como muitos surfistas que se seguiram à "primeira geração" não possuíam prancha ainda, o dono da prancha podia ser considerado um privilegiado, a ponto de, durante o trajeto até a praia, não precisar suportar o peso dos antigos pranchões, pois tinha sua prancha transportada pelos outros que a tomariam emprestado após o dono do equipamento deslizar nas ondas. Assim, "iam três ou quatro levando a prancha do dono da prancha, ele ia só caminhando, chegando lá ele pegava o surfe dele, depois ele emprestava e a gente ficava revezando entre nós." [101]Muitas vezes, o peso da prancha incomodava, mas a vontade de pegar onda e o fato de não possuir o caro equipamento fazia com que pudessem ter disposição: "a gente ia pela beira da praia... era o maior

[100] CERTEAU. op. cit., p. 178.
[101]FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

sufoco pra chegar lá porque a prancha era muito pesada, eram quase FunBoard[102] ou LongBoard[103], então nós nos revezávamos para pegar onda."[104]

Numa época em que era proibido entrar nos ônibus com o equipamento, a ida à praia para aqueles que moravam longe, mesmo que fosse apenas aos fins de semana, se revelava como um desafio a ser vencido. Os trajetos percorridos mostram ainda uma cidade diferente, que oferecia obstáculos àqueles que levavam consigo uma prancha relativamente grande. Fatores tais como o olhar dos curiosos e o peso do equipamentose apresentavam nesses trajetos.

Da mesma forma, André Griéser, nas idas à Praia do Titanzinho, junto com Quinderé, Gladstone e Jorge Fiúza, também estabeleciam trajetos, por via terrrestre, mas também por via marítima: "A gente descia à pé, andava a beira-mar todinha chegava no Iate botava a prancha no mar, remava até o Titã, surfava a tarde inteirinha, voltava remando e voltava caminhando até em casa."[105]

Além da peculiaridade do trajeto, percebe-se que o percurso traçado por eles dificilmente seria traçado por outra pessoa. O acesso oferecido pelo Iate Clube, somente para seus associados, encurtava a distância e privilegiava um melhoracesso ao Titanzinho para poucos que se aventurassem a remar até o local. De fato, os trajetos empreendidos por cada um que se dispunha a pegar ondas faziam parte da própria atividade. Nos discursos, eles aparecem como parte da atividade em si, mesmo para aqueles da "primeira geração", que se aproveitavam do acesso que tinham ao Iate Clube de Fortaleza para facilitar o acesso à praia desejada. Eles andavam pela Avenida Beira-

[102]É uma prancha para se divertir muito, por ter um design de bico mais arredondado e um meio largo que variam entre 20" polegadas (50,8 cm) à 21" (53,3 cm), com uma flutuação moderada, bordas mais cheias e fundo mais flat (menos curva), facilita muito ao aprendizado da pessoa que está começando a surfar como o que já pega altas ondas, permitindo ficar de pé mais fácil e fazer manobras mais "clássicas" tanto em ondas pequenas e médias. In: ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. Nas ondas do surfe: estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. P. 198.

[103] Pra um surfe mais clássico estes pranchões devem ser acima de 9'5" com uma área de meio em torno de uns 22 3/8" (56,9 cm), bico bem largo e bordas mais arredondadas. O ideal para se surfar com este modelo é de 0,5m a 1,0 m de onda, porque o surfista usa muito o bico desta prancha para se fazer um hangten ou hangfive é uma divertida brincadeira. Ibid. P. 199

[104]FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[105]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Mar, entravam no Iate Clube, dirigiam-se ao *píer*, colocavam a prancha dentro d'água e seguiam remando até a praia desejada.

Encurtar caminhos, estabelecer trajetos aquáticos ou percursos não comuns a outros grupos são fatores que, em certa medida, refletiam preferências e escolhas diante das proibições de acesso, da dificuldade em acessar o transporte disponível à época com o equipamento, ocasionando o traçado de trajetos fora do que era comum.Nesse sentido Michel de Certeau afirma que o percurso não é destituído de cultura. Através dele estabelecem-se leituras e apropriações do espaço da cidade. Ele compara o ato de caminhar com o ato de falar, afirmando sua tríplice função:

> [...] enunciativa: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, "contratos" pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é "alocução", "coloca o outro em face" do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores).[106]

Analisando essas três funções do ato de caminhar, percebe-se que: quando se caminha, há uma apropriação e uma realização desse mesmo espaço. O ato de caminhar se comporta como uma enunciação, ou seja, uma maneira, dentre tantas possíveis, de percorrer. Assim, os passos também tecem a cidade na medida em que para cada tipo de caminhante há a construção de uma cidade diferente, há a apropriação do espaço de maneira peculiar. Há o estabelecimento de "contratos" manifestados sob a forma de movimentos. E para os surfistas aqui entrevistados essa atualização parecia fundamental para a sua atividade. Não eram todos os surfistas que trafegavam por dentro do Ideal, muito menos, aqueles que passavam por dentro da espessa vegetação existente próximo da atual Avenida Aguanambi. Podemos imaginar, então, os percursos e roteiros engendrados pelos surfistas.

Da mesma forma, verificando diversas possibilidades de leitura do espaço, Ítalo Calvino percebe uma multiplicidade de cidades em *As Cidades Invisíveis*, a partir dos relatos de Marco Polo à Kublai Khan. São cidades que se embutem umas nas outras, cidades que comportam outras em seu interior, cidades que existem quantas são as relações dentro delas. As cidades são feitas "[...] de relações entre as medidas de seu

[106] CERTEAU. op. cit. p. 177.

espaço e os acontecimentos do passado.” Para ele, a cidade não pode ser tratada apenas como um espaço geográfico, mas como um espaço de tensões, de relações entre as pessoas e entre estas e seu espaço. A cidade não é feita apenas de ruas, de edifícios ou de rios, mas das relações entre o espaço e os acontecimentos.[107]

Nesse sentido, Certeau, em seu capítulo intitulado “Caminhos pela cidade”, identifica nas cidades um conjunto de práticas, operações e maneiras de fazer que fogem ao espaço geográfico da cidade:

> [...] eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca e cega* da cidade habitada. Uma cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.[108]

Ele percebe que nas cidades existem práticas que fogem do espaço “geométrico” ou “geográfico” das cidades, ou seja, práticas que vão além das construções visíveis. Para ele, essas práticas referem-se a determinados tipos de operações e maneiras de fazer que acabam por construir uma outra espacialidade, uma mobilidade poética, contrapondo-se à “mobilidade opaca e cega da cidade habitada”, além dos prédios e construções urbana. Como ele mesmo afirmou: “(...) a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía.”[109]

Então, o conjunto de práticas remetem a uma forma de construir, de fazer e de experienciar a cidade que fogem do espaço planejado. São práticas que vão além daquilo que é visível, contemplando aquilo que é vivido e construído pelos próprios sujeitos cotidianamente, no executar de cada atividade. Foi sendo gestado um conjunto de operações que, na interação com o elemento natural, aqui caracterizado pelo mar, constituíram uma série de características e atributo peculiares aos surfistas da época.

---

[107] CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad.São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.14.
[108] CERTEAU, op. cit. p. 172.
[109] CERTEAU, op. cit. p. 174.

A descoberta de novos pontos de surfe também fazia parte desse trajeto que era uma verdadeira aventura frente às limitações que os equipamentos ou a falta deles na cidade impunham.[110] Quando o Titanzinho[111] revelou-se como o pico[112] dos sonhos, levar e trazer as enormes pranchas tão característica da época não deixava de ser um desafio:

> Pegava dois ônibus, o Circular até o Náutico e, de lá, o Serviluz. Descia em frente à Delegacia do Farol. Não dava pra ficar levando e trazendo a prancha. Todos guardavam a prancha na bodega do seu Aldo. Lá era onde merendávamos o famoso pão passado e Coca-Cola[113]

Diante das dificuldades de transporte, parecia mais sensato guardar as pranchas na casa de alguém que morasse perto da praia. Afinal, era comum os surfistas serem barrados pelos motoristas dos ônibus que não permitiam que os jovens entrassem no transporte com as pranchas. Dessa forma, conhecer algum motorista de ônibus e burlar as regras impostas ao sistema de transportes se mostrava como a garantia de poder chegar à praia mais facilmente com a prancha.[114]

Muitas vezes, o trajeto pela praia era determinado pelo próprio mar: de acordo com a mudança da maré, o percurso pela beira da praia era delineado, tornando o ritual de andar pela praia uma verdadeira relação com a natureza:

> Eu morava perto do Náutico então eu ia surfar na Ponte Metálica, voltava e surfava um pouquinho no Diários, um pouquinho no Náutico e ia pra casa. E naquela época, isso em 76, 78 e 79 dava muita onda no Jackeline, muita onda, quase todo dia tinha onda [...] Meu pai me deixava na Ponte Metálica, ia trabalhar e eu vinha surfando, voltava pra casa sozinho pra não ficar esperando ele lá, já ia andando, remando, surfando, não perdia muito tempo por que aqui tem essa variação de maré, então você ia acompanhando a maré na praia, daí chegava uma hora que a maré secava, acabava a onda total, aí eu já tava perto de casa.[115]

Assim, a variação das correntes marítimas e da maré determinava duas coisas: o tempo que Fernando[116] levava para chegar a sua casa e também em que lugar da praia ele deveria sair da água e continuar o trajeto à pé. Dessa forma, a natureza determinava

---

[110] Mais adiante esse aspecto será discutido de forma mais pormenorizada.
[111] O Titanzinho, localiza-se no atual Bairro Serviluz. Ver dissertação André
[112] Pontos ou locais adequados para a prática do surfe.
[113] FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[114] JÚNIOR, Amélio. Entrevista [mai. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[115] BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[116] Fernando Bittencourt, surfista, carioca, veio morar ainda jovem em Fortaleza. Hoje é dono de uma escola de surfe, localizada na Praia do Futuro.

não só o lugar onde o surfe era praticado, mas como era praticado e até mesmo o percurso traçado. Percebemos que tal percurso era totalmente peculiar e mostrava total integração do sujeito, da cidade e da natureza, evidenciando que os aspectos culturais e a natureza estavam totalmente interligados para a realização dessa prática. Para elaborar tal trajeto, o tempo não era o cronológico, mas o tempo das marés. Dependia da quantidade de tempo que a maré demorava a secar ou encher.

Dessa forma, é possível verificar que o início da prática do surfe em Fortaleza foi acompanhado por uma série de apropriações do espaço por seus praticantes. Eles extrapolavam os limites da praia e dos espaços socialmente construídos, fabricando trajetos e demarcando espaços na praia e no mar. Com o desenrolar dos anos e o aumento do número de surfistas, o espaço da praia começou a ficar pequeno. A cada dia mais surfistas apareciam, o que ocasionou a demarcação de espaços.

Nesse sentido, além do estabelecimento de trajetos, havia ainda a demarcação, mesmo que de forma simbólica, de espaços no mar. Determinados grupos de surfistas julgavam-se "donos" das praias cujas ondas eram melhores. Ocasionando o que no universo desse esporte pode ser designado de "localismo"[117]. Surfistas menos experientes eram proibidos de pegar ondas nas praias onde os mais velhos e mais experientes estivessem surfando. As proibições se davam através de brigas e embates físicos fora da água, como também através do impedimento de pegar qualquer onda dentro d'água. Quando a onda se aproximava, o surfista considerado "dono" do "pico" remava antecipadamente no sentido da onda exatamente no local onde o colega indesejado estivesse. Ainda, a tomada ou destruição do equipamento do surfista estranho ao "pico"também acontecia:

> Eram grupos que existiam nessas praias, tipo assim... índios né?! Cada qual tomava conta da sua praia. Se você chegasse na praia da ponte metálica iria ter uma briga. Se tivesse um desafeto e um deles estivesse ali pegando onda iria rolar briga mesmo...briga de mão mesmo (...) não podia nem ir pra praia, não podia nem chegar na areia com a prancha porque senão eles pegavam a prancha...[118]

[117] Conflito entre os surfistas, ocasionado pelas disputas pelas ondas e pelo território surfado.
[118]FRANCO, Antônio C. de Q. F. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Esses "grupos"[119] eram caracterizados tanto por aqueles que moravam naquela praia ou que sabiam surfar bem e, por isso, julgavam-se possuidores das melhores ondas. O objetivo deles era pegar as melhores ondas, impedindo que aqueles que não possuíam a destreza de deslizar bem nas ondas pudessem estragar as ondulações vindas: "Por que esses caras chegavam e brigavam com a gente no mar, davam cascudo na gente, entendeu?!"

Apesar da abundância de "picos" e de ondas constantes, as disputas pelos espaços no mar, cada vez mais freqüentes, associado a um certo espírito de aventura contribuíram para que alguns surfistas passassem a buscar outros locais para praticar o surfe.

1.3 Osurfári: por uma caça às ondas

A partir de 1974, o número cada vez maior de garotos que iniciavam o surfe nas praias de Fortaleza caracterizou o ápice dessa atividade no Ceará. Naquele ano, vários adolescentes haviam partido para os Estados Unidos em programas de intercâmbio e voltado para a cidade com equipamentos e indumentárias necessárias ao surfe, ao passo que, desde 1972, outros eram influenciados por André Griéser, Gladstone Costa e Antônio Carlos Quinderé.[120] As praias começavam a ficar com um número cada vez maior de jovens com pranchas, o que proporcionou encontros de surfistas cada vez mais constantes, principalmente nos finais de semana e nos meses de férias escolares.[121]

Com a presença cada vez maior de surfistas na Praia do Náutico, do Ideal, aos sábados e domingos, os jovens da primeira geração (Quinderé, Jorge Fiúza, Gladstone e André Griéser) passaram a querer distanciar-se da praia movimentada e começaram a

---

[119]Maffesoli, ao falar sobre o neotribalismo afirma que ele *"(...)recusa-se reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como púnica razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente (...) é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão*. IN: MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.130 e 132.

[120] De acordo com Quinderé, alguns desses jovens eram : o próprio Quinderé, Jorge Fiúza, Humberto, João Gentil, Marcelo Gentil, José Afrânio Teles.

[121] Segundo André Griéser, a média de 5 surfistas dentro d'água ao mesmo tempo, já era uma média considerada alta para a época.

sair em busca de outros lugares para pegar onda. Segundo eles, o local ideal devia ter boas ondas e não ter a presença de outros surfistas.

A praia do Paracuru foi o primeiro local escolhido. Naquele mesmo ano, um amigo de Quinderé, então piloto da Petrobrás, chamado pela alcunha de "Carioca" sobrevoava o litoral cearense haja vista o fato da empresa estar em meio às prospecções de petróleo no estado, quando, do alto, avistou séries de ondas ideais para a prática do surfe. Após receber essa notícia, Quinderé e seus amigos passaram a visitar a praia. De acordo com Quinderé, foi a partir de então que iniciou-se os denominadosSurfáris no Ceará.

Os surfáris empreendidos pelos surfistas de Fortaleza caracterizavam-se por serem viagens às praias mais distantes em busca de boas ondas e poucos surfistas. Mais tarde, os destinos mais comuns tornaram-se: Praia do Futuro, Icaraí, Paracuru e Taíba, por serem locais de difícil acesso e com poucos habitantes. Atualmente, essas localidades podem ser consideradas bem próximas de Fortaleza, e no caso da Praia do Futuro, a praia mais procurada dentro da cidade. Entretanto, no período aqui estudado, esses locais eram vistos de outra maneira por aqueles jovens. Devido às dificuldades de acesso às praias na época, além do fato dessas viagens serem empreendidas sem a presença dos pais, tais excursões podiam ser consideradas verdadeiras aventuras que fascinavam aqueles que as empreendiam. Nas entrevistas realizadas, a impressão que se tinha ao chegar a esses destinos era a de uma imagem paradisíaca: "Chegamos lá e era um verdadeiro paraíso de ondas, não é?!"[122] Aventura, descobertas, busca pelo desconhecido e, principalmente, novas possibilidades de ondas levaram aqueles jovens a empreender essas viagens a outras praias do estado do Ceará, em busca de novas ondas e sensações de diversos tipos.

Em meados de 1975, Odalto Castro e seus amigos empreenderam uma outraSurfári. Nessa viagem, foram de carro até Saquarema[123], no Rio de Janeiro, em dois carros. Grafite, Carlinhos (irmão Grafitte), Zorrinho, Neo Pinel e Odalto. No outro, o Érick,

[122]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[123] Saquarema é um município da Microrregião dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é uma cidade predominantemente turística, conhecida também como "A capital nacional do surfe", pois as ondas de suas praias são consideradas entre as melhores do país. http://pt.wikipedia.org/wiki/Saquarema#Turismo acesso em: 16.10.2013

Kelson, André Griéser. Nos anos seguintes, foram algumas vezes mais a Saquarema. E assim, o hábito de viajar para buscar ondas foi se estabelecendo.

Muito antes disso, ainda em 1962, a banda americana “The Beach Boys”[124], em tradução livre: “Os garotos da praia”, laçou um música intitulada “Surfin' Safari”, que tornou-se sucesso no mercado do rock americano. A “Surfin’Safari” dizia: “Voufazer um safári para as ilhas este ano/Portanto, se você está chegando, prepare-se para ir/ Venha baby (surfar) espere e veja (surfe safári)/ Sim, eu vou (surfar) levar você para surfar comigo (surfe safari)/Baby, (surfar) espere e veja (surfe safari)/ Sim, eu vou (surfar) levar você para surfar comigo (surfe safari)[125]. A música conclamava os jovens a sair em busca de ondas em outros locais, de conhecer vários tipos de ondas e representava o espírito que, somente no início dos anos 1970, tomou conta da vida dos surfistas de Fortaleza, tornando-se um imperativo para aqueles que iniciavam a prática do surfe.

Provavelmente, o “Surfin’ Safari” tornou-se Surfári numa adaptação feita por surfistas brasileiros. A palavra “Surfári” pode ter sido adaptada por surfistas cariocas e, posteriormente, incorporada ao vocabulário dos novos surfistas cearenses, a partir do modelo americano do safári: a tradicional expedição por terra para lugares selvagens com fins de caça e observação de animais selvagens. Ao invés da caça aos animais em savanas, eles começaram a empreender o “Surfári”, ou a caça às ondas.

De fato, as descrições feitas por Antônio Carlos Quinderé a respeito de como esses Surfáris se davam assemelham-se bastante com os valores disseminados pelos surfistas americanos, representada em menor escala pelos “The Beach Boys”, senão vejamos as imagens abaixo:

---

[124]Surfin' Safari, lançado em 1962, é o álbum de estréia da banda de surf rock americana chamada The Beach Boys. A banda era composta pelos primos Brian Wilson, Mike Love, Dennis Wilson, Carl Wilson e o amigo Alan Jardine. Surfin' Safari é considerado algo diferente na música rock 'n' roll no início dos anos 1960. A banda é considerada o maior grupo vocal dos anos 60 e 70.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Surfin'_Safari Acesso em: 04.09.2013.

[125]At Huntington and Malibu/Theyre shooting the pier/At Rincon theyre walking the nose/Were going on safari to the islands this year/So if youre coming get ready to go/Come on (surfin) baby wait and see (surfin safari)/Yes Imgonna (surfin) take you surfin (surfin safari)withme/Come along (surfin) baby wait and see (surfin safari)/Yes Imgonna (surfin) take you surfin (surfin safari)withme

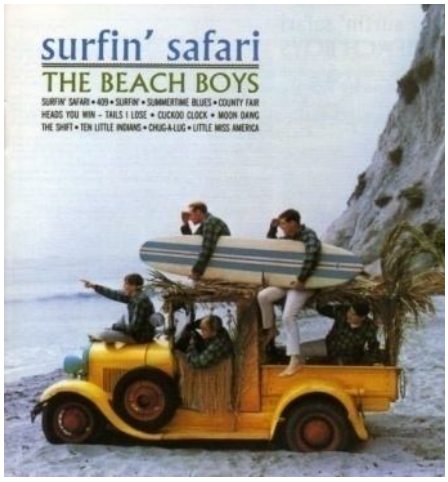


Figura 5. Capa do discodos "The Beach Boys".



Figura 6. Jovens vão de carro à deserta Praia do Futuro da época.
Acervo pessoal de Odalto Castro.

A paisagem dominada pelas dunas, as poucas vias de acesso e ausência de grande quantidade de pessoas, dava à Praia do Futuro da época o caráterquase que selvagem ao lugar. Assim, da mesma forma que na imagem 5, na qual os surfistas pareciam procurar, em meio à natureza virgem as ondas perfeitas para surfar, os surfistas de Fortaleza também buscavam as ondas em lugares considerados distantes e pouco freqüentados. Dessa forma, os Surfáris tornavam-se uma maneira de incorporar a então pouco freqüentada Praia do Futuro ao restante da cidade.

Vários jovens, num automóvel capaz de transportar as pranchas, estradas de carroçal ou piçarra e todos os companheiros de aventuras reunidos eram fatores essenciais para empreitar os "Surfáris", no clássico modelo americano. A similaridade no estilo do automóvel, as pranchas dispostas na parte de cima e a reunião de vários jovens com características físicas bem parecidas dão à imagem 6, uma semelhança muito grande com a imagem da banda, veiculada em 1962, o que ratifica a discussão sobre a influência americana nos modos de proceder dos aspirantes a surfistas.

O acesso à Praia do Futuro não era dos melhores, a grande quantidade de areia por todos os lados, as poucas vias, associada à falta de transporte disponível levou, dentre outros fatores, ao Jornal O Povo noticiar, em 1978, o prolongamento da avenida

dioguinho: Continuam em ritmo acelerado os trabalhos de prolongamento da Avenida Dioguinho que ligará a Praia do Futuro à Barra do rio Cocó.[126]

De fato, essas viagens eram o retrato de que, com o passar do tempo, as práticas de espaço foram se aperfeiçoando e a busca pelas ondas tornando-se algo cada vez mais complexo. Com o tempo, empreender as surfáris tornou-se fator de diferenciação, principalmente por dois motivos: pela possibilidade de analisar os diversos mares e obter a informação sobre os locais onde havia boas ondas e pelo fato de possuírem automóveis.

Aqueles que as empreendiam o faziam por que eram capazes de realizar a leitura do mar e descobrir novos locais com boas ondas. Eles possuíam ainda o automóvel, fundamental para as viagens, haja vista a dificuldade de locomoção e o caráter aventureiro que se queria agregar às empreitadas. Todos esses fatores - habilidade e a possibilidade de ter acesso a novas ondas -passou a diferenciar ainda mais os grupos de surfistas. Com a circulação das informações dos novos "picos", os mais novos passaram a desejar o mesmo. Então, quando começaram a descobrir que os surfistas mais velhos iam para outras praias, passaram a querer conhecer as ondas "descobertas" nas surfáris.

Mais tarde, a busca dos grupos de surfistas mais novos por ondas diferentes começou a gerar novas disputas de espaços. Carlinhos, surfista de uma terceira geração, afirma que:

> Os caras iam até a praia onde a gente tava. Os meninos estão lá na Taíba, vamos surfar lá. Saía em cima da hora para surfar lá. Daqui a pouco os caras chegavam só para fazer confusão. Chegando naTaíba, ainda tinha um monte de praia para eles surfar, eles iam surfar lá onde a gente estava. Isso aí altas ondas no ceará inteiro. Só pra fazer confusão.[127]

Mesmo sendo membro de uma terceira geração de surfista e de, provavelmente, ter ouvido falar que vários desses surfistas mais velhos já empreendiam as viagens em busca de ondas, Carlinhos afirmou que, numa clara disputa, era o grupo dos veteranos que o seguia, não o contrário. Independente da possibilidade de analisar as ondas, a simples presença de um grupo de surfista em determinada praia já era, por si só, fator da presença de boas ondas.

---

[126] Obras da Dioguinho em ritmo acelerado. 11 abr. 1978. O Povo

[127] FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

De acordo com o relato acima, as praias possuíam uma enorme extensão. Entretanto, apenas alguns pontos determinados eram considerados bons, por isso também, ficavam cheios da presença de surfistas. Dentre outras coisas, visitar esses novos locais e "descobrir" que determinada praia era um bom lugar para a prática do surfe transformava, no universo daqueles surfistas, uma praia em "pico[128]"

Nesse sentido, Michel de Certeau[129] propõe que a cidade oferece várias possibilidades e que os espaços vão sendo construídos na medida em que são praticados. Ele estabelece uma diferenciação entre espaços e lugares.

> Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio": os elementos considerados acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar "próprio" e distinto que define. Um lugar é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.[130]

O lugar é aquele no qual suas funções estão previamente definidas. Ele implica estabilidade por que seus usos e funções foram estabelecidos categoricamente, sem que outras possibilidades de uso/fruição sejam possíveis. Ao contrário do lugar:

> Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o ciscunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio". Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.[131]

---

[128] Picos, lugares bons para a prática do surfe.
[129] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de Fazer. Trad. Eprhaim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
[130] CERTEAU. op. cit., p. 201.
[131] CERTEAU. op.cit., p. 202.

Se os espaços são como vetores de direção, existem uma infinidade de espaços a depender dos movimentos que são engendrados nele. O espaço é um lugar praticado. Então, existem tantos espaços quanto lugares perpetrados. Os espaços são construídos pelos sujeitos que os praticam e, a depender desses indivíduos e suas experiências, novos espaços são criados num mesmo lugar.Dessa forma, compreende-se o simples litoral como um lugar. Ele já está dado pela natureza desde sempre.

Nas Surfáris, as praias tornavam-se "picos", tornavam-se, portanto, espaços para a prática do surfe. Os espaços eram aqueles que eram disputados, mesmo existindo um extenso litoral e uma variedade enorme de ondas. Quer dizer, após a prática constante em determinados locais, os sujeitos estabeleceram suas relações, imputando significado ao local transformando-o em "pico". Essa transformação se dava através da efetiva prática do surfe e da circulação da informação que determinado lugar era bom para surfar, em detrimento dos outros lugares. Com o tempo, a demarcação dos lugares e os discursos envolvendo os bons locais para a prática do surfe foram transformando cada um desses locais.

1.4 "O Havaí é aqui": construção de novos picos através dos nomes

> O Hawaí, seja aqui/Tudo o que sonhares/Todos os lugares/As ondas dos mares/Pois quando eu te vejo/Eu desejo o teu desejo...[132]

A música "Menino do Rio" de Caetano Veloso, de 1980 é inspirada em José Artur Machado, mais conhecido como "Petit", conhecido surfista carioca. "O Havaí é aqui" era uma expressão bastante utilizada por Petit, em um momento em que vários surfistas iam para o Havaí na tentativa de pegar boas ondas. Como tinha medo de andar de avião, Petit exclamava que o Havaí era o Rio de Janeiro, que não se fazia necessário ir até a famosa ilha polinésia em busca de ondas. O Rio de Janeiro poderia ser nosso Havaí.

O Havaí também estava em Fortaleza. Durante a prática do surfe, a intensa relação com as várias praias possibilitava a transformação delas em picos. Se os surfáris e as caças às ondas não proporcionavam encontrar as tão sonhadas ondas perfeitas, tal qual

[132]Menino do Rio. Caetano Veloso.

eram vistas nas revistas e nos meios de comunicação em geral, pelo menos aguçavam a criatividade dos iniciantes. Se eles não tinham as ondas dos sonhos, pelo menos podiam criá-las, mesmo que fosse apenas em sua imaginação.

Isso se dava de tal forma que foi possível verificar o surgimento de vários picos denominados “Havaizinho”, numa clara alusão à famosa ilha, berço do surfe e local onde ondas gigantescas podem ser encontradas. O primeiro localizava-se nas proximidades da Ponte Metálica. O segundo localizava-se perto da praia do Titanzinho. E o terceiro localizava-se na Praia Mansa, perto do Porto do Mucuripe. Mas na verdade, nenhum deles podia ser considerado, de fato, análogo ao Havaí. Em nenhuma dessas praias, formavam-se ondas de 30 pés[133], assim como na famosa ilha, berço da prática do surfe. Apesar de serem lugares onde boas ondas se formavam suas ondas não ultrapassavam os 3 metros de altura. Entretanto, o que não acontecia de fato permeava a imaginação daqueles surfistas que exploravam as praias e as transformavam em “picos”.

Através do mapa abaixo, é possível verificar onde os “Havaizinhos” localizavam-se:

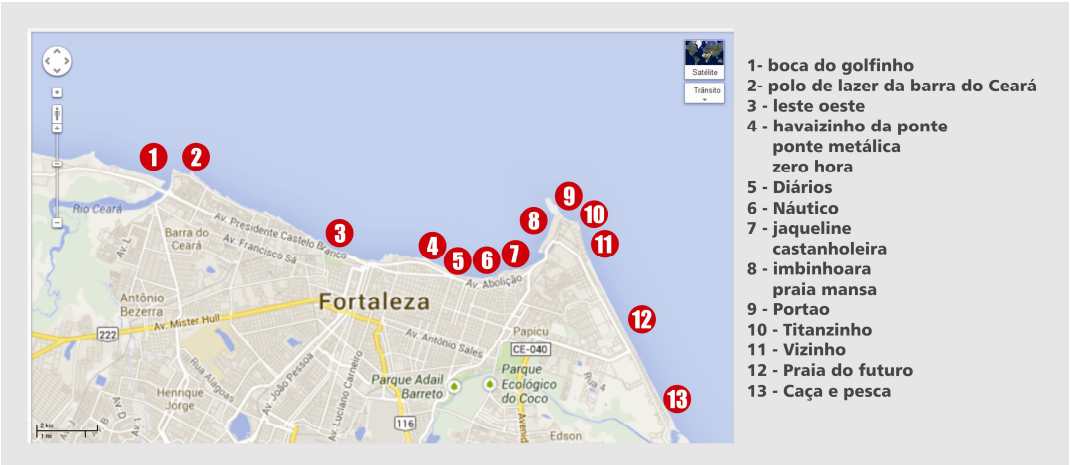


Figura 7: Mapa dos “picos”da época em Fortaleza.

Como forma de diferenciar os diversos “Havaís” contidos na cidade de Fortaleza, a partir da perspectiva dos surfistas da época, frequentemente o nome Havaí era associado ao local onde ficava localizado, facilitando, dessa forma, a identificação do pico

[133] Pé (ou pés no plural; símbolo: ft ou ′) é uma unidade de medida de comprimento. Um pé corresponde a doze polegadas, e três pés são uma jarda. Esse sistema de medida é utilizado atualmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e, com menor frequência, no Canadá.
Um pé correspondia a onze polegadas e meia. Hoje, a medida é doze polegadas - o tamanho médio dos pés masculinos adultos. Esta medida é amplamente usada na aviação e atualmente equivale a 30,48 centímetros. http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A9_(unidade) Acesso em 24 set. 2013.

surfado, principalmente entre as conversas e contações de causos entre os próprios surfistas. Dessa forma, havia o "Havaizinho da Ponte", localizado do lado esquerdo da atual Ponte dos Ingleses, na Praia de Iracema. Ou ainda, o Havaizinho do Titanzinho, localizado aproximadamente a 50 ou 60 metros mais à frente do espigão que forma a praia do Titanzinho.

Nesse caso, o estabelecimento dos nomes refletem uma concepção maior que se queria atribuir. Com a existência de vários Havaizinhos, cada surfista poderia possuir seu próprio Havaí, seu paraíso das ondas, sem precisar, necessariamente, viajar para muito longe.

Da mesma forma, tal fato acontecia com os nomes de outras praias famosas e assim, outras também era renomeadas pelos primeiros surfistas. Outras praias descobertas como boas para surfar, através dos "Surfáris", também recebiam nomes de acordo com as características de suas ondas. A praia de Paracuru, localizada a 84 km de Fortaleza, passou a ter, após a renomeação, dois picos famosos. Um, denominado "Rock Point"[134], análogo ao localizado no Havaí e o outro "JefreysBay"[135], localizado em uma região onde as ondas eram mais longas:

> Nós na época, entre nós, nós batizávamos com nomes de praia que tinham no Havaí. Isso somente entre nós. Era Rock Point era onde tinhapraias que tinham semelhança com o Paracuru. Paracuru tinham dois picos que quebravam muito bem. Um que nós chamávamos de Rock Point,que é um pico que tem no Havaí, e outro, JefreysBay, é um que tem na África do Sul que tem uma onda muito longa. Mas isso só entre nós.As pessoas não...Esses nomes não pegaram...[136]

De fato, quando empreendiam os "surfári" os primeiros surfistas não iam apenas ao Paracuru, mas também à JefeysBays e Rock Point, e isso se dava porque de ato se deslocavam intencionalmente, mas por que nomeavam as praias locais com esses nomes, sentindo-se, assim, como se ali estivessem. E, de fato, criavam a própria JefreysBays e Rock Point, através das sensações desfrutadas durante a descida às ondas, mas também a partir de todo um imaginário do lugar, e da imagem que daquele lugar

[134]Rock Point é uma Região localizada no estado americano de Arizona. http://pt.wikipedia.org/wiki/Rock_Point Acesso em 24 set. 2013.
[135]JeffreysBay(também conhecido como J-bay) é uma cidade localizada na província do cabo oriental da África do Sul. A cidade situa-se a rodovia N2, cerca de uma hora de carro de Porto Elizabeth.
[136]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

construíram. Assim como viam nas revistas e filmes de surfe, os surfistas iniciantes nomeavam as praias onde surfavam com nomes de praias conhecidíssimas internacionalmente devido à boa qualidade das ondas.

Em algumas situações, a nomeação das praias se dava com um fim diverso ao do desejo de se ter aquela praia vista em revistas e na televisão. Às vezes, a nomeação diversa da usual possuía a finalidade de esconder a verdadeira localização dos picos de surfe. Impossibilitar a identificação do lugar impedia que outros surfistas também se dirigissem ao local, lotando a praia e tornando as ondas ainda mais disputadas. De acordo com Quinderé, ninguém fora do grupo dele sabia onde localizava-se "Rock Point" ou "JefreysBays" criados por eles.

A troca de nomes das praias por vezes acontecia, como foi em 1975, quando a Revista Brasil Surfe veio à Fortaleza realizar uma reportagem. Com medo de que a praia sobre a qual a reportagem era feita ficasse conhecida nacionalmente e pudesse lotar de surfistas, foi indicado aos produtores da revista nome diverso ao que a praia era conhecida. Ao invés de Praia Mansa[137] do verdadeiro nome, disseram que o local chamava-se Imbinhoara. Assim, os surfistas de outros estados que lessem as revistas não encontrariam a praia caso viessem à cidade de Fortaleza em busca das ondas daquele lugar.

A praia localizada perto da área delimitada pelo porto do Mucuripe, a Praia Mansa[138], que originalmente possuía esse nome, passou a ser denominada pelos surfistas de Titã.[139], nome que passa uma idéia totalmente oposta a que era denominada anteriormente, numa clara alusão ao velho guindaste utilizado para a construção/reforma do Porto do Mucuripe, gigante e imponente assim como o gigante

[137] A Praia Mansa,localizadanocontextooperacional portuário do Porto do Mucuripe, é uma formação costeira artificial, formada a partir da deposição de sedimentos para a construção da baía de evolução do referido porto. Possui apenas 11 hectares sendo um ambiente bastante frágil, inserido em um ambiente costeiro extremamente complexo. Nessa praia, as ondas quebram em um sentido inverso, de modo que os surfistas pegam onda de costas para a orla. http://inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br/2008/07/praia-mansa-em-fortaleza.html Acesso em 25 set. 2009.

[139] Titã era o nome de um enorme guindaste construído na França e trazido para Fortaleza com a finalidade de arremessar pedras para a formação de um espigão durante as obras do Porto do Mucuripe. Movido à eletricidade e por uma caldeira de lenha, era o maior equipamento produzido pelo homem no Ceará da época. Para maiores informações, ver: ESPÍNOLA,

Deus grego de mesmo nome. Se a grandeza do nome não fazia jus ao tamanho das ondas verdadeiramente existentes, pelo menos nos dava uma idéia do desejo e da imagem desejada pelos primeiros surfistas.

De fato, o nome que os sujeitos dão às coisas e lugares pode nos dizer muito sobre o que pensam, sentem e vêem. Nesse sentido Ítalo Calvino, de maneira muito poética disserta em uma passagem de seu livro:

> Chegou o dia em que as minhas viagens me conduziram a Pirra. Logo que coloquei os pés na cidade, tudo o que imaginava foi esquecido; Pirra tornara-se aquilo que é Pirra; e imaginei que sempre soubera que a cidade não tinha vista para o mar, escondido atrás de uma duna baixa e ondulada; que as suas ruas correm em linha reta; que as casas são reagrupadas em intervalos, não altas, e são separadas por descampados de depósitos de madeira e serrarias; que o vento move os cata-ventos das bombas hidráulicas. Daquele momento em diante, o nome Pirra evoca essa vista, essa luz, esse zumbido, esse ar no qual paira uma poeira amarelada: é evidente que significa isto e que não podia significar mais nada. A minha mente continua a conter um grande número de cidades que não vi e não verei, nome que trazem consigo uma figura ou um fragmento ou ofuscação de figura imaginada: Getúlia, Odila, Eufrásia, Margara. A cidade sobre o golfo também está sempre lá, com a praça fechada em torno do poço, mas não posso mais chamá-la com um nome, nem recordar como pude dar-lhe um nome que significa algo totalmente diferente.[140]

Assim como Calvino imaginava um grande número de cidades que ele mesmo não via, mas que podiapensar, o estabelecimento de nomes para refletir aquilo que eles imaginavam acontecia. Assim, a Praia do Farol, dentro do universo dos surfistas virou Titanzinho. O Paracuru às vezes eram denominado de “os currais”.

Além desses,Apito, Castanhola, Jacqueline, Olho da Pedra, o Meio, Náutico, Diário, Ideal, Zero Hora, Estrela, Ponte, Havaizinho da Ponte[141] também existiam. Eles parecem não denominar as praias em Fortaleza, mas são alguns dos nomes atribuídos aos picos de surfe. Certamente, poucas pessoas que lerem este trabalho saberão onde ficavam esses locais.

Além da demarcação dos espaços no mar, os surfistas visualizavam e nomeavam várias outras praias dentro daquelas convencionalmente existentes. Dito de outro modo, dentro da Praia do Ideal ou da Praia do Náutico havia a demarcação de pontos

[140] CALVINO, op. cit., p. 39.
[141]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

considerados bons para a prática do surfe. Essa demarcação era feita através de nomes dados a cada lugar determinado, como forma de demarcar, em terra firme, pontos do mar onde a formação das correntes marítimas, das ondulações e do fundo do mar reuniam-se num só conjunto para formar boas ondas.

A vantagem em demarcar esses pontos era que os locais exatos para o surfe poderiam ser facilmente identificados. Além disso, o conjunto desses pontos constitui-se para formar um conjunto de códigos elaborados, de forma que somente aqueles que participassem daqueles grupos pudessem tornar inteligíveis seus significados. Dessa maneira, o ponto denominado "Jackeline", fazia referência ao prédio existente na Avenida Beira-Mar. As "castanholeiras" referem-se a árvore castanholeira, existente no local até os dias de hoje. Ao nomearem esses pontos, passavam a estabelecer uma relação única com a cidade, construindo a cidade dos surfistas de maneira única. Nesse sentido, Certeau afirma que existe uma mística entre os nomes e os símbolos:

> Nos espaços brutalmente iluminados por uma razão estranha, os nomes próprios cavam reservas de significações escondidas e familiares. Eles "fazem sentido": noutras palavras, impulsionam movimentos, à maneira de vocações e chamados que dirigem ou alteram o itinerário dando-lhe sentidos (ou direções) até então imprevisíveis.[142]

A reserva de significações estabelecida pelos nomes, além de ser uma forma de apropriação, passaram a atribuir sentido aos lugares nomeados. Esses significados fazem referência a significações que, não necessariamente, estão disponíveis a qualquer indivíduo. Entendemos, portanto, que o indivíduo constrói um espaço na prática dele e isso é que se torna significante. A praia que o surfista construía possuía muito mais tons do que se podia perceber. E, quando se dá um nome, atribui-se sentido àquele lugar.

De acordo com Certeau:

> Um indício da relação que as práticas do espaço mantém com essa ausência é precisamente fornecido por seus jogos sobre e com os nomes "próprios"[...] Nos espaços brutalmente iluminados por uma razão estranha, os nomes próprios cavam reservas de significações escondidas e familiares.[143]

Segundo ele, ao dar nomes diferentes a determinados lugares, os jovens surfistas também passavam a dar sentido àqueles lugares construindo significações antes

[142] CERTEAU, op. cit. p.
[143] CERTEAU, op. cit. p. 184.

implícitas, mas que se tornariam completamente familiares. Para alguns, essa foi uma experiência transformadora que, mais tarde, alterou sobremaneira o modo de viver de vários desses jovens. A influência da cultura americana, a construção de um conhecimento sobre o mar, o delineamento de espaços e lugares e uma nova relação com a cidade e a natureza passou a ser estabelecida pelos novos surfistas desde então.

Por causa do surfe, eles empreenderam práticas de espaço peculiares, tecendo uma cidade que se mostrava de outra maneira para eles. Nessa relação, cultura e natureza perpassam e muitas vezes determinam os trajetos, as direções e a construção do espaço. Aliás, cultura e natureza estavam presentes em todas as suas atuações, de tal forma que até mesmo o corpo do surfista sofreu alterações com o início dessas atividades.

Se empreender trajetos, relacionar-se com os espaços e com o mar era algo importante, ser visto empreendendo esses trajetos como um surfista também era fundamental. O importante não era apenas lidar com o espaço, mas ser visto relacionando-se com ele, e, para isso, a imagem do surfista era imprescindível. Por isso, a seguir, vejamos como o corpo dos surfistas foi afetado por essa prática e como a relação natureza e cultura perpassou também por todas as transformações físicas desses primeiros surfistas de Fortaleza.

2 O CORPO TORN(E)ADO SURFISTA

A partir das práticas de espaço estabelecidas pelos surfistas, conforme constatadas no capítulo anterior, foi possível verificar nos jornais e nas entrevistas produzidas para este trabalho que o surfe iniciado naquela época colocou em bastante evidência o corpo daqueles jovens. Ao transitarem pela cidade, com roupas de banho características, segurando suas pranchas coloridas e estabelecendo seus trajetos em busca de boas ondas, o grupo dos então novos surfistas expunha seus corpos, de tal forma que eles passariam a ser reconhecidos através deles. A cidade presenciava uma transformação efetiva e uma nova configuração de corpo: esguios, bronzeados e "saudáveis", numa imagem que o surfe enquanto prática ajudou a produzir.

Nesse sentido, Le Breton afirma que: "De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo,a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros.Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica,provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visíveldo ator."[144] Se na medida em que se ampliam as teias sociais e simbólicas, o corpo passa a ser o traço mais manifesto do sujeito, tornando-se elemento de diferenciação e identificação, da mesma forma, na medida em que as práticas de espaço iam se construindo, ia se configurando também um novo corpo para aqueles jovens. Um corpo de surfista, além das diversas concepções acerca de como ele deveria ser.

Certamente, os novos olhares lançados pela História Cultural, influenciados pelo contato significativo com outras disciplinas como a Antropologia, Etnologia, Geografia e Psicologia, por exemplo, proporcionaram à História a criação de novos objetos de estudo, e a esse trabalho especificamente aventurar-se nos estudos sobre o corpo. Essa tomada de empréstimo dos modelos de análise das áreas de conhecimento citada acima fez emergir temáticas como corpo, alimentação, vestuário, etc.[145]Afinal, é através dele que marcamos nossa presença no mundo, estabelecendo relação com a cultura e

[144]LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2ª ed. [trad. Sonia M.S. Fuhrmann] Petrópolis, Vozes, 2007. P.8.
[145] PRIORE, Mary Del. A história do corpo e a nova história: uma autópsia in. Revista USP

natureza. O corpo é símbolo do indivíduo e de sua diferença e tal fato pôde ser verificado no caso dos surfistas da época.

O corpo é também algo cultural, por que varia de acordo com a visão do grupo social elencado. Le Breton[146], ao tratar sobre a sociologia do corpo, revela que ele é território sobre o qual é possível a realização de uma marcação cultural. Em seus estudos, percebe que várias sociedades realizavam intervenções diretas sobre esse corpo, tais como mutilações, marcas na epiderme, modelagem dos dentes, pescoço e uso de apetrechos que "deformam" o corpo.

Entretanto, não foi sempre que a História preocupou-se com a imagem corporal. No prefácio de História do corpo na Idade Média, Le Goff chega até mesmo a afirmar que a história tradicional era "desencarnada", devido ao fato desse tipo de abordagem historiográfica ter negligenciado a questão corpórea, como se a vida humana estivesse fora do tempo e do espaço, permanecendo o corpo imóvel, estático. [147] O corpo enquanto invólucro, pele, "lugar" ou ainda "território" que abriga a alma dos sujeitos, sempre esteve presente nas transformações das sociedades, mas nem sempre recebeu a devida atenção. Ele, que é também depositário das marcas deixadas pela experiência de cada indivíduo, ficou por muito tempo à margem dos debates historiográficos como se o lugar do corpo na sociedade, sua presença no imaginário e na vida cotidiana não tivessem se modificado ao longo do tempo, refletindo as mudanças complexas vivenciadas pelos diferentes sujeitos. Nesse sentido, afirma Mary Del Priore: "[...] é preciso ter claro que, se hoje vivemos, devemos obrigatoriamente, pensar as aventuras de nosso próprio corpo: carente de linguagem, ele é, simultaneamente, o lugar de desejo e da dor. Ainda bastante ausente da história, ele é, também, como queria Michelet, um seu território."[148]

Nesse sentido, a abordagem trazida por Norbert Elias[149] sobre a civilização dos costumes da Europa a partir do século XIII contribuiu para a percepção de que os comportamentos e a expressão corporal dos sujeitos estão intimamente ligados às mudanças na estrutura e na constituição psíquica da sociedade. Em sua obra, ele deu às

---

[146] LE BRETON, op. cit., p. 31.
[147] LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na idade média.** [trad. Marcos Flamínio Peres] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
[148] PRIORE, op. cit.
[149] ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Uma história dos costumes. [trad. Ruy Jungmann] 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

funções corporais o caráter de objeto da História e da Sociologia. Analisando a obra de Erasmo, Elias percebe que o comportamento externo, tais como os gestos, a postura e o vestuário são manifestações de um homem interior, que denotam diferentes estruturas mentais. Mesmo sendo bastante criticado por trazer a idéia de que existe um processo civilizador que atua impositivamente sobre os corpos, moldando-os rumo a uma civilização, a abordagem adotada por Elias ajudou a fundamentar vários estudos sobre o corpo que se seguiram.[150]De acordo com o sociólogo, essas modelagens simbólicas possuem diversas funções nas diferentes sociedades. Seja com o caráter de separação, modificação elas integram o homem de uma maneira simbólica dentro da comunidade a qual ele pertence, distinguindo-o dos demais e também o integrando em uma determinada posição.

Em "História do Corpo"[151], vê-se que foi o século XX que inventou o corpo enquanto conceito teórico. Os estudos de Freud afirmando que o inconsciente fala através do corpo proporcionaram tal fenômeno. Foi também nesse mesmo século que o corpo "conheceu transformações de uma grandeza e de uma profundidade semelhantes às encontradas no decurso do século que acaba de terminar" [152].

Na mesma via, há que se considerar a atenção que o homem contemporâneo passou a dar ao corpo, à aparência e a sua imagem. Pois, se "(...) o corpo é hoje a sede da metamorfose dos novos tempos",[153] como preconizava Le Goff, ele é hoje alvo das atenções nas mais diversas esferas do conhecimento. Nesse sentido, os meios de comunicação possuem uma contribuição fundamental para esse aspecto. A partir da década de 1970, as revistas, a televisão e o cinema elevaram de maneira significativa o *status* dado à imagem. Seguindo esse mesmo movimento, o surfe também deu ao corpo um destaque e uma importância sem precedentes.

Em Fortaleza não foi diferente. No início dos anos 70, com o advento da pratica do surfe na capital cearense um novo corpo para alguns jovens também foi formado. Junto com essa nova atividade, que era física, e, conseqüentemente, já ocasionaria transformações corporais naqueles que a praticasse com certa freqüência, novas

---

[150] ELIAS, op. cit. p. 67.
[151] CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques.VIGARELLO, Georges. **História do corpo:** as mutações do olhar: o século XX. [trad. Ephraim Ferreira Alves]. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 7.
[152] Ibid. p. 10.
[153] LE GOFF, op. cit. p. 32.

referências corporais também chegaram, contribuindo para a transformação do corpo dos iniciantes da prática de surfe em Fortaleza em um corpo de surfista.

Dessa forma, o objetivo aqui é pensar em que medida o corpo foi, para os surfistas e para a cidade que os observavam, elemento de distinção e de reapropriação diante da prática do surfe que se iniciava no período aqui estudado.

A partir de 1972, com a difusão da prática do surfe e das referências californianas, a mídia, as revistas, as fotografias e o vestuário influenciavam os jovens praticantes a vestirem-se e manter hábitos que fossem comuns aos surfistas californianos, titulares das informações a cerca dessa atividade. Além disso, verificou-se ainda que esse corpo foi um elemento fundamental para os primeiros praticantes, tanto no que diz respeito à imagem, configuração e forma, quanto ao que ele representava como fator de agregação social. Dessa forma, a partir daqui, veremos como os surfistas iniciantes passaram a ser identificar e serem identificados através da sua imagem, de seu corpo, não bastando, para isso, apenas saber surfar, mas também parecer ser surfista.

Diante disso, o que se pretende aqui é abordar o corpo do surfista enquanto território de suas ações, espaço contraditório e recheado de símbolos. O intuito aqui é pensar o lugar e a fabricação do corpo do surfista a partir dessa nova prática em Fortaleza: o surfe. O objetivo aqui é pensar como, aos poucos, aconteceu a construção de um corpo característico do surfista e como esse corpo passou a ser dotado de significados. Pretende-se pensar em que medida, através do desenrolar de uma prática, foi possível a configuração de uma nova forma de ser, de se vestir, de se exibir por alguns jovens em Fortaleza.

Da mesma forma que a historiografia passou a moldar o corpo enquanto objeto de estudo, um corpo para o jovem surfista também foi moldado, construído, tanto nos jornais da época quanto nos discursos daqueles que iniciaram a prática do surfe nos anos 70 em Fortaleza. Nesse sentido, enquanto prática, foi o surfe que possibilitou a construção de um novo corpo jovem, tornando-o possível e necessário, contribuindo para que alguns jovens alterassem a configuração do próprio corpo, fazendo-os identificáveis pela cidade, mas também por eles mesmos. Deste modo, esse corpo foi torneado, e aos poucos, foi tornado surfista.

Portanto, considerar-se-á o corpo através de quatro vieses que se seguem abaixo: o corpo em movimento no mar, as concepções sobre o corpo saudável do surfista, os corpos bronzeados e as maneiras de vestir-se e as roupas características dos surfistas. Veremos, então, como esses fatores foram importantes para a formação do corpo dos surfistas naquele tempo.

2.1 Da natação ao surfe: por uma proposta do corpo livre

No período abordado nesta pesquisa, diversos clubes da cidade, dos quais podemos destacar Ideal Clube, Diários e Náutico Atlético Cearense ofereciam a prática de esportes para as crianças e adolescentes[154], filhos de uma classe mais favorecida de Fortaleza. Nesse contexto, logo cedo, várias crianças e jovens que se tornariam surfistas posteriormente iniciaram a prática de algum esporte, especificamente os esportes aquáticos, tais como o pólo aquático e a natação, que seriam, mais tarde, o mote inicial para a prática do surfe.

O modelo estabelecido para a sociedade cearense da época se encaixava bem nessa visão, de modo que seus filhos entravam na lógica esportiva comandada pelos clubes da cidade, que pretendiam formar pequenos atletas. Nesse sentido, os jornais da época, evidenciavam bem tal fato. O jornal O Povo, por exemplo, a partir de 1978, passou a veicular uma coluna denominada Amadorismo, através da qual exibia os resultados dos torneios e campeonatos realizados na cidade e fora dela disputados pelos alunos das escolas e clubes de Fortaleza.[155]

De fato, a natação não é um esporte que fazia parte de um universo popular, mas é fruto de uma cultura eminentemente burguesa,[156]privativa daqueles que freqüentavam os clubes da cidade. Para alguns, freqüentar os clubes, cuja localização se dava muito próximos à praia possibilitou um primeiro contato com o surfe: “Eu ia treinar natação nos Diários. Aí eu olhava por cima do muro e via o mar.”[157]ou ainda, “Eu fazia basquete, fazia natação aí no Náutico, moleque, 13, 14 anos, aí via os moleques

[154] Natação: um ano muito bom. **O Povo,** Fortaleza, 4 jan. 1978.
[155]Convocados 16 nadadores para o N/NE Fortaleza, Ceará. **O Povo**, Fortaleza, Quarta-feira, 13 dez. 1978.
[156] LINHARES. op. cit. 1992. p. 271.
[157]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

pegando onda [...][158] De dentro dos clubes, uma ponte entre surfe e natação era estabelecida. Os então nadadores Capibaribe e Odalto avistaram os surfistas da "Primeira Geração" e tiveram, a partir daí, seu primeiro contato com a prática do surfe. Nos anos que se seguiram, o surfe expandiu-se dentro do meio dos nadadores.

Esses nadadores, faziam parte daquilo que Corbin[159]denomina de sociedade do lazer. Segundo o francês, ela possuía o tempo livre e, a partir da década de 1950, passou a valorizar espetáculo esportivo, caracterizandofortemente os anos que se seguiam. De fato, alguns desses meninos que mais tarde se tornariam surfistas não só praticavam a natação, mas também participavam de competições, como verdadeiros atletas, tal foi o caso de Sérgio Capibaribe e Fernando Bittencourt, que se destacavam na natação praticada nos clubes: "Olha, eu fui campeão de natação, então eu sempre fui." [160]

De acordo com Corbin, aconteceu uma mudança mais profunda nas práticas esportivas, a partir da década de 1970 e 1980. Muitas práticas novas, se desenvolveram à margem dos esportes tradicionais, reivindicando uma pertença específica.[161] O surfe pode ter sido um desses. Diferente de tudo o que já havia existido, o surfe não se enquadrava como uma modalidade daqueles esportes tradicionais, mas como algo revitalizado à margem deles, embora se utilizasse do elemento água como parte de sua atividade. O surfe não se enquadrava dentro das formas de esporte já existentes na época: ele não se propunha a uma competição, nem mesmo acontecia através da repetição dos movimentos, mas proporcionava ao surfista, através do elemento prancha sentir-se livre no mar, de tal forma que todos os dias a atividade acontecia de maneira diferente, pois o elemento mar também era diferente. Diferenciava-se do ato de velejar, pois a prancha não era um barco, diferenciava-se também da natação e do pólo aquático, por exemplo, pois não se dava no interior dos clubes, por exemplo. Tal fato proporcionou o surfe se instaurar como uma atividade que não se enquadrava em nenhuma das categorias que já existiam por aqui.

Com a chegada do surfe em Fortaleza, vários dos surfistas deixaram de exercer a natação e passaram a dedicar-se somente à prática do surfe, tendo, com isso que acostumar-se com a nova atividade. Isso de fato representou uma ruptura, tanto com

[158]CASTRO, Odalto. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[159] CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, op. cit. p. 235.
[160] Entrevista com Fernando Bittencourt, realizada em 23.06.2010.
[161] CORBIN, op. cit. p. 238.

relação aos movimentos praticados e exercitados, como com espaço físico do clube. Para surfar, a figura do treinador, do tempo cronometrado e do o espaço do clube tornaram-se totalmente dispensáveis, o que elevava o grau de liberdade que a nova atividade proporcionava. Para o surfe, não havia um técnico ou alguém que os ensinasse, além das revistas e filmes, conforme discutido no capítulo anterior, mas apenas a atuação dos surfistas e a movimentação das ondas.

Entretanto, residia aí um problema: surfar não era o mesmo que nadar na piscina. Dessa maneira, os então nadadores encontraram uma série de dificuldades no trato da prancha e do mar, dificuldades essas não encontradas na prática da natação. O mar apresentava uma série de diferenças, tais como as ondas, as marés e a corrente marítima que exigia uma maior atenção dos nadadores.

A natação por si, enquanto prática normatizada, com regras pré-estabelecidas, exigia daqueles garotos a apropriação de uma série de movimentos, que demandavam treino e repetição, esforço e desdobramento de energia. Ser atleta de natação significava repetir várias vezes os movimentos dos braços e pernas, aumentar ou diminuir a velocidade, o que a caracterizava como um exercício previamente construído:(...) o triunfo definitivo do exercício "construído", o de movimentos sistematizados, mecânicos e precisos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos: neles, o corpo seria educado de acordo com um código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte.[162]

Progressivamente, o corpo era ensinado a partir de um código de movimentos possíveis e adequados: movimento após movimento, numa seqüência e tempo pré-estabelecidos, tudo isso doutrinado no interior dos clubes. De fato, a prática da natação exigia um local específico, o espaço pré-construído do clube onde todos esses movimentos eram repetidos, tais como as piscinas dos clubes locais. O olhar atento de um treinador/professor que lhes orientassem a cerca do modo de execução dos movimentos para um melhor aprendizado também era requerido. Nesse sentido, o aprendizado da natação e a apropriação desses movimentos característicos da natação acabavam por distinguir esses jovens em uma classe específica, transformando o

[162] CORBIN, op. cit. p. 199.

treinamento em cultura material.[163] Dessa forma, George Vigarello, ao discorrer acerca do treinamento no século XX, afirma que:

> (...) o fascínio técnico domina esses inventários de gestos. Um fascínio pelos instrumentos, em primeiro lugar, (...) "Treinar", ou seja, praticar esses exercícios seria mais que nunca entrar na modernidade (...) o fascínio vai também se voltar para a própria tecnicidade dos gestos (...) o corpo se vê aqui, da cabeça aos pés, "tecnicizado", sempre mais atravessado pelos modelos de sociedade industrial (...) mas também atenção sempre mais viva aos erros e aos imprevistos em seguida, aqueles que a prática lúdica não pode evitar totalmente.[164]

A respeito do treinamento, Vigarello afirma que, com o século XX, a legitimidade do treinamento se impõe. Para ele, o exercício treinado possui uma organização sempre mais exigente e um "desenvolvimento metódico", tornando-se a palavra-chave das pedagogias e das formações físicas."[165]Para ele, treinar possui "(...) uma visão sempre mais técnica e mecânica do movimento, uma visão sempre mais rigorosa e ordenada do treinamento,"[166]

A partir desse momento, o mar e a praia importavam mais. O tempo não era mais do cronômetro do treinador, mas da freqüência com que as ondas chegavam à costa. O treinador? Não existia. Na época, não havia quem soubesse de fato surfar. Todos os iniciantes estavam aprendendo a nova prática. Por isso, todos os movimentos eram imitados, de revistas, de filmes e de outros surfistas. O surfe proporcionava um corpo mais livre aos seus praticantes do que a natação. O valor do surfe e o encantamento que propôs pras pessoas naquele contexto dos anos 70, produz a sensação de que eles estavam indo no contra fluxo dos acontecimentos. De fato, o domínio dos movimentos da natação facilitou bastante no trato com o mar, superando em parte as dificuldades do trato com o oceano, haja vista a possibilidade da sufocação e do afogamento sempre presentes, mas não se configurava como determinante. Muito mais do que força ou repetição dos movimentos, a nova atividade exigia muito mais equilíbrio em cima das pranchas, leveza, conhecimento e sintonia com o mar.

O tempo do mar é o tempo do acontecimento, do quebrar da onda. Na piscina o que se tinha era o tempo que se podia quantificar. Na piscina, eles deveriam ir e voltar em determinado tempo ou no menor tempo possível. No mar e com o surfe, não havia

[163]Ibid. p. 203.
[164] CORBIN, op. cit. p. 207-209.
[165]Ibid., p. 197.
[166]Ibid., p. 198.

essa contagem. O corpo não precisava de máximo esforço para mover-se em um determinado espaço de tempo. O tempo era dado pelo mar, poderia ser 1 hora, 2 horas ou apenas 15 minutos. De fato, não interessava a quantidade do tempo que eles surfavam, mas como ele se relaciona com o tempo e freqüência das ondas. Dessa forma, o parâmetro de tempo que se dava na piscina era diferente do parâmetro de tempo que se dava no mar.

Ao contrário da prática da natação, no mar não havia a possibilidade de ser campeão, de dominar o oceano. Nem sempre era possível conseguir surfar. Além da habilidade do sujeito de se manter em cima de uma prancha, havia a necessidade de boas condições marítimas para tal. Não bastava somente a habilidade do surfista, mas a junção dessa qualidade com a existência de ondas propícias. Na medida em que as condições do mar alteravam-se, também o surfista precisava conhecer o mar e sua capacidade e se adaptar. Não se tratava apenas de um esporte propriamente dito, mas da necessidade de se construir a interação e construção de um conhecimento acerca do mar.

Ao contrário do que era praticado nas piscinas dos clubes da cidade, a prática do surfe não exigia o treinamento, uma organização mais exigente, repetição ou movimentos controlados, pois surfar não era, no período aqui estudado, um exercício construído com base em repetições, com base em treinos, tempo e movimentos milimetricamente contabilizados. O corpo daquele surfista não precisava ser treinado, mas precisava estar em consonância com o mar. Nesse sentido, com relação ao treinamento, Michel Serres afirma que:

> Nada resiste ao treinamento, de cujos gestos repetitivos a disciplina tira a naturalidade (o chute no rúgbi, o saque no tênis, fosburyflop, ioga) e torna espontâneas as necessárias virtudes da concentração (basquete, salto em altura), coragem (rúgbi), paciência, domínio da angústia na montanha, por exemplo; não existe trabalho sem regras quase monásticas de emprego do tempo, algo que o desportista de alto nível conhece bem: uma vida subordinada aos ritmos do corpo, à observância rigorosa do sono e da alimentação sadia.[167]

Se não havia um treinamento, uma disciplina e um trabalho no qual se fazia necessário o emprego de tempo, regras muito bem determinadas, os movimento de remar, subir na prancha e deslizar nas ondas eram os mais espontâneos possíveis, haja

[167]SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.p. 35.

vista a falta de habilidade inicial dos primeiros surfistas e a natureza dos movimentos engendrados.

Foi possível verificar, ainda, que os primeiros surfistas depararam-se com situações diversas àquelas encontradas na prática da natação. Ao contrário do ambiente tranqüilo das piscinas, o mar não representava a tranqüilidade nem a segurança encontrada nas piscinas. O mar, com suas correntes marítimas, suas ondas e suas marés variantes passaram a proporcionar novos desafios. A impossibilidade de prever o tamanho ou a intensidade da próxima onda criava expectativas e sentimentos os mais diversos.

Lidar com aquilo que não se conseguia prever, com movimentos marítimos exigiu deles qualidades que não lhes eram exigidas na prática da natação, por exemplo. O mar não é o lugar do mensurável. A piscina, ao contrário, é o lugar do mensurável, nela é possível observar os milhares de litros de água, ao passo que essa quantidade de água sempre estará no mesmo lugar, da mesma maneira, dentro de um limite totalmente controlável. No mar, isso não acontece. De fato, tal percepção é comum a todos os sujeitos que necessitam lidar como o mar. Nesse sentido, sobre o caráter indomável do mar, Alain Corbin, ao discutir todo o imaginário ao redor do elemento oceano, afirma que:

> Por outro lado, não se pode subjugar o oceano, rebelde a toda domesticação; ali o homem não pode encontrar um autêntico abrigo, construir uma segunda casa. O elemento líquido, irremediavelmente selvagem, representa o estado primitivo do mundo. A própria beira-mar escapa à ação do homem; presta-se mal à aparência de desordem arrumada que tanto agrada o jardim inglês. Acima de tudo, esse lugar insubmisso não conserva o vestígio da história humana; a areia e a água apagam os signos da mesma forma que escapam aos planos. Excetuando-se o porto e o dique, freqüentemente precários, e o espetáculo móvel das velas, a beira-mar não pode oferecer ao olhar provas de uma natureza domesticada. Para que o litoral penetre no horizonte dos atrativos, será preciso que emerja o desejo do espetáculo sublime (...)[168]

Essa impossibilidade de se impor diante do oceano e de domar a água ali contida, tal como faziam nas piscinas, criou uma imagem ao redor desses garotos cujo reflexo era de coragem, destreza e habilidade. A partir de 1980, por algumas vezes, os jornais exaltavam a atuação desses surfistas de maneira gloriosa, de forma que um ou outro

[168]CORBIN, op. cit. p. 72 e73.

recebia a alcunha de “ás do surf”, ou ainda, “equilibrista de grandes recursos”[169], quando o assunto era o trato direto com o mar.

Nesse sentido, ao analisar a emergência dos banhos de mar e da natação na França do século XVI e XVII, Alain Corbin afirma que, para os teóricos da época, a natação no mar:

> [...] não consiste em saber flutuar, mexer-se, avançar entre duas ondas, sentir-se em comunhão dinâmica com o elemento líquido. A natação é sobretudo esforço, combate contra a submersão, desdobramento de energia. A convicção de que é preciso antes de mais nada sobreviver justifica essa prática violenta e ativa, que Gaston Bachelard vê como um desafio cósmico ao elemento líquido; ela faz parte do estado de mobilidade geral que os médicos apreciam no banhista. O temor permanente do afogamento, avivado pela convicção de que o homem não consegue flutuar nem andar naturalmente, comanda a arte da natação.[170]

Embora fale da emergência dos banhos de mar, Corbin menciona ações inerentes à natação: esforço, combate contra a submersão, desdobramento de energia, como se houvesse uma luta contra a água, na tentativa constante de evitar a submersão e o afogamento. De fato, no trato com o mar parece haver esse embate contra as ondas e a corrente. E na prática da natação há sempre uma força a ser empreendida por quem nada, sempre uma conduta ativa. Na ausência dessa conduta, a natação não acontece.

A partir de 1978, com a maior difusão do surfe, referências sobre o corpo do surfista começaram a aparecer nos jornais locais, contribuindo para a construção de uma imagem ideal daqueles jovens surfistas. Em suas reportagens, freqüentemente, as concepções a cerca do surfista ideal, da destreza e dos aspectos de saúde eram defendidas:“Para ele, o surfista tem que ter habilidade, coragem e saúde. Deve se alimentar o mais possível de substâncias naturais e evitar o mais possível as biritas em circulação.” [171] De acordo com o jornal, ao contrário das palavras atribuídas aos nadadores, tais como “rapidez” ou “movimentos repetitivos” o surfista não precisava ser rápido, mas “corajoso”, “equilibrista”, ao referir-se ao surfista, nem mesmo o elemento “força”, “técnica” ou treino é invocado. Ao contrário de treinamento, repetição e técnica, termos muito comuns quando se fala em atividades físicas, habilidade, corageme saúde eram, de acordo com o jornal, características consideradas importantes para aquele que “enfrentava” o mar.

---

[169]Surf,**O Povo**, Fortaleza, 25 jan. 1980.
[170] CORBIN. Op. cit. p. 88.
[171]Fame vai ao surf. **O Povo,** Fortaleza, 21 ago 1978.

Por certo, o ato de deslizar sobre as ondas formadas no mar provocava no expectador e naquele que surfava sensações de encantamento comparáveis ao sublime:

> Quando se vê um desses surfistas em ação, sua pequena figura traçando linhas incertas sobre a monumental superfície aquosa que a todo momento parece prestes a engoli-lo – o que eventualmente acontece – é difícil permanecer incólume: o observador, esteja ele familiarizado ou não com este universo imagético, é acometido por um sentimento arrebatador, da ordem do deslumbramento. Deslumbramento que mantém uma aproximação mais e menos direta com a categoria do sublime – conceito da teoria estética que está longe de comportar uma acepção definida ou estanque.[172]

É o estabelecimento de um diálogo sublime com a natureza na sua fúria. Nesse sentido, as descrições acerca dos movimentos elaborados por eles, por vezes aparecem nos periódicos locais. O deslumbramento e a valorização de qualidades inerentes aos surfistas eram bastante enfatizados:

> O domar das ondas, exigindo sagacidade e segurança e muita tranquilidade dos surfistas [...] que enfrentando os perigos deliciavam-se com a sintonia perfeita e a liberdade que gozavam no amplo espaço liberto e a suavidade ao deslizar nas águas do Mucuripe.[173]

Sagacidade, segurança e tranqüilidade eram atributos importantes para aqueles jovens no trato com o mar. A impossibilidade de domar o mar por inteiro fazia com que valores como esperteza e inteligência de aliassem às qualidades como calmaria. Nessa nova relação com o mar, apenas movimentos sincronizados, velocidade e força pareciam não ser suficientes.

Além disso, para eles, o mar apresentava ainda outro fator interessante: o perigo. Os mistérios carregados pelos mares, assim como descreveu Corbin[174] e a pouca previsibilidade do tamanho e da força das ondas contribuíam para, em algumas ocasiões, a relação do surfista com o mar fosse vista como uma verdadeira disputa:

> No último fim de semana, Fortaleza vibrou com a demonstração de coragem e destreza dos surfistas ao deslizarem da crista das ondas, não tão imensas quanto se esperava, em suas pranchas.[175]

> [...] entraram no mar os cinco primeiros surfistas, tendo a partir daí se realizado verdadeiros shows de bravura, garra e habilidade, com os surfistas

[172] AMADO, Guy. **O sublime no extremo** n. 8. Limites: 2006.
[173] Competição de surf na praia do Titanzinho,**O Povo,** Fortaleza18 out. 1978.
[174] CORBIN, Alain. *El mar.* Terror y fascinación. Paidós:Barcelona, 2007.
[175]Quatro baterias classificadas para a última fase do "Surf", **O Povo,** Fortaleza, 24 jan. 1980.

> mostrando sua perícia e sua força de luta, numa competição sadia e cheia de brios, que se fez exigir de cada um deles [...] De início as ondas não ajudaram muito aos atletas, mas todos reconheceram que esses contratempos existem e partiram de corpo e alma para luta com muita vontade e confiança [...] por volta das 17 horas foi dado início à última batalha entre os surfistas Felipe e Zorrinho [...] O final teve um deslecho (sic) em ritmo de festa, quando foram divulgado os nomes dos grandes ganhadores.[176]

Qualidades como bravura, garra e habilidade vão emergindo nos discursos jornalísticos e explicitando como a cidade via o surfe. A relação entre a água do mar, com todos os seus movimentos, ondas e correntes marítimas, e o surfista emergia nos jornais em descrições que mais pareciam verdadeiros enfrentamentos, dotando o corpo do surfista de uma potência prévia e de um vigor incomparável.[177]

Assim, é possível afirmar que para o surfista, não havia a necessidade de que seu corpo fosse treinado, como havia na natação. Era preciso apenas que ele soubesse lidar com o mar, havia, portanto, uma liberdade dos movimentos. "Notadamente, no caso do esporte das pranchas, o fascínio por uma proposta de corpo livre e em contato com a natureza é muito bem expresso no sucesso de Menino do Rio, filme de Antônio Calmon que estreou no início dos anos 1980.[178]

Nesse sentido, é possível afirmar que, no período aqui estudado, o surfe ainda não poderia ser considerado esporte, nem aqueles que o praticavam eram atletas. Nesse sentido, Victor Andrade de Melo[179] pensa o esporte como uma *"estratégia de formação corpórea; uma boa ferramenta para a preparação de corpos musculosos (que passam a ser considerados padrões de saúde)"*.O esporte trata, dentre as outras coisas, da preparação do corpo, de um padrão. Esse papel já havia sido exercido pela natação. Ela que na França do século XVIII relacionava-se com a preocupação dos banhos de mar, mais tarde passou também a ser vista como tática de conservação da saúde.[180] Especialmente em Fortaleza, esse esporte gestou um ideal de corpo que se concretizou com o advento do surfe e alteração corporal de seus praticantes.

---

[176] Felipe, campeão do "Setembro Surf", **O Povo,** Fortaleza, 8 set 1980. Fls. 17.
[177] VIGARELLO, Georges. **Lo limpio y lo sucio.** La higiene Del cuerpo desde la Edad Media. Madrid: Alianza Editorial, 1991. p. 163.
[178]PRIORE, Mary. AMANTINO, Márcia. (Orgs.) História do corpo no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2011.p. 528.
[179]MELO, VICTOR Andrade de. Esporte e lazer: conceitos. Uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.p. 93.
[180]Ibid. p. 109.

Além disso, os movimentos do corpo eram fundamentais na relação com o mar. Na prática do surfe, ao contrário de ouras atividades, *"o corpo se move na prancha, a prancha se move na onda e a onda se movimenta no mar"* [181], formando uma verdadeira composição. Nesse sentido, Denise Bernuzzi de Sant'Anna afirma que:

> Trata-se de estabelecer uma composição na qual os seres envolvidos se mantêm singulares, diferentes, do começo ao fim da relação: a composição entre eles realça tais diferenças sem, contudo, degradar qualquer uma delas em proveito de outras. A avidez característica da vontade de controle do corpo tende, neste caso, a empalidecer perante estas relações nas quais os corpos não precisam dominar ou ser dominados para adquirirem importância e força.[182]

Nessa composição, esses três elementos (prancha, corpo e mar) encontram-se completamente interligados, cada elemento em sua heterogeneidade, de tal forma que se tornam a própria ação. Então,a ação de surfar é sempre no gerúndio, está acontecendo, por que depende da onda. Essa composição se dava de tal modo na paisagem que cada parte do corpo do surfista e de sua prancha, insere-se na paisagem, expressando essa mesma paisagem ao longo de sua extensão, combinando natureza, corpo e artefato técnico num conjunto só.

O surfe, enquanto prática aquática, parecia bastante diverso das práticas já existentes. Surfar significava que, deitado se remava, mas em pé se fazia outro movimento que não era remar. E remar era da natureza da natação. Se o surfista estava em pé, ele fazia o que? Não havia nenhum barco ou vela que o levava, apenas seu corpo em contato com a energia das ondas, intermediado pela prancha. Em pé, o surfista não remava, não havia vela, remo ou motor. Em pé ele não estava em um barco, deitado ele não estava nadando, então o surfista estava fazendo algo que não era nadar nem velejar nem pescar.

A prática do surfe da época não se pretendia ser esporte ou formar atletas, necessariamente. Hoje o que se entende por atleta, o que podemos associar a figura de um atleta é aquele sujeito que mantém uma relação de cuidado constante com o corpo, com a finalidade de não prejudicar seu desempenho esportivo. O atleta tem uma obrigação, como se seu trabalho fosse ser atleta. Os surfistas da época não eram atletas.

---

[181] FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[182] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem.** Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: estação Liberdade, 2001. p. 95

Entretanto, os movimentos que eles colocavam em ação no surfe davam ao corpo deles uma aparência atlética, não querendo dizer que atletas fossem. Através das entrevistas realizadas para este trabalho, foi possível verificar que eles não tinham compromisso com nenhuma instituição, com tempo ou com treinos. Pelo contrário, através dos relatos aqui construídos foi possível constatar que o surfe na época aproximava-se mais com divertimento.

Eles não tinham a pretensão de fazer uma modalidade esportiva. Eles pretendiam apenas surfar, ou seja, relacionar-se com o mar de maneira peculiar, por que era o surfe o que eles entendiam e reconheciam como diferente. Por que pescar era trabalho, nadar era atividade física, com competições e status de esporte. Nesse sentido, o surfe era uma prática que se relaciona com o mar, mas era uma prática cultural que tem o mar como espaço de ação, mas não faz do mar um caminho para a saúde. Não quer dizer que o corpo dele fosse saudável. Mas naturalmente na relação com essa prática, o corpo dele se fazia saudável, não por que a busca desse corpo saudável fosse um objetivo, mas pela atividade em si.

Entretanto, quando tentavam defender a prática os discursos tentavam aplicar ao surfe algum status ou sentido esportivo. Diante dos benefícios ao corpo ganhos com a prática do surfe, hoje, alguns surfistas reivindicam para si e para o surfe, o caráter de atividade física, considerando-o depositário de valores, como elementos extrínsecos à prática em si:

> Pra uns é vagabundagem, pra outros é uma atividade física, no mínimo uma atividade física, fora os outros valores que tem no surfe. É no mínimo uma atividade física. Você não acha legal não?! Ou será que só a cultura de beber é que é legal? Por que hoje em dia a gente só vê cultura de beber. O pessoal só saí pra beber, pra ir pra bar pra beber. Lá em casa é só o que tem. O pessoal não pratica nenhum esporte, de tarde estão dormindo[...][183]

No dizer de Carlos Eugênio, os valores inerentes ao surfe garantiam aos seus praticantes o caráter saudável, portanto legítimo, ao passo que os outros jovens da cidade passavam a tarde dormindo ou em festas que duravam a noite toda.

---

[183]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

2.2O corpo saudável?

Atualmente, quando se fala em alguma atividade física, faz-se menção a corpos atléticos, musculosos e sem gorduras. Hoje essa é a visão de um corpo saudável. Entretanto, essa visão nem sempre foi a mesma durante os tempos e nas diversas sociedades. A noção de corpo ideal, saudável é uma questão histórica, alterando-se com o passar dos anos.

A esse respeito, os historiadores franceses por muito se debruçaram sobre o tema. Na série de livros organizados por Alain Corbin, Georges Vigarello e Jean-Jacques Courtine[184] o corpo aparece retratado como instrumento de práticas sócias através de muitos vieses ao longo dos séculos. Da Renascença ao século XX, passando pelas Luzes, Revolução Francesa e Primeira Guerra Mundial. O conjunto de textos ali publicados analisa o Renascimento como marco inaugural na história do corpo, o aparecimento do corpo moderno, a obtenção da presença carnal e beleza, o desaparecimento do pudor corporal, etc.

No início dos anos 70, os jovens iniciantes da prática do surfe e parte da sociedade cearense já era afeita aos prazeres da água, através dos banhos de piscinas dos clubes da cidade, dos banhos de mar e da prática do veraneio.[185]Em 1975, quando Carlos Eugênio,[186]na ocasião com 13 anos de idade, membro da "Terceira Geração" de surfistas da cidade começou a surfar na Praia de Iracema, necessitou pedir a aprovação do pai para dar continuidade à prática.

Como forma de legitimar tal prática para que os próprios pais se sentissem confortáveis em autorizar os filhos a tornarem-se surfistas, alguns pais passaram a assumir o discurso da saúde como benefício principal da nova modalidade. Assim, o caráter saudável do exercício foi enfatizado, diante da doença respiratória que acometia o jovem até então. No dizer de Carlos Eugênio:" [...] eu tinha asma e [...] o papai,

[184]CORBIN, Alain. COURTINE, Jean Jacques. VIGARELLO, Georges. (dir) **História do corpo.** As mutações do olhar. O século XX.V. 3 Trad. Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
[185]DANTAS, op. cit.
[186] Começou a surfar com 13 anos, em 1975, na Praia de Iracema. Começou a surfar por influência de seu irmão, Antônio Carlos. Como os dois moravam perto do Ideal Clube, sempre viam outros jovens surfando, e assim, iniciaram a prática também. Atualmente atua como DJ em campeonatos de surfe, kitesurfe e bodyboard. Surfa frequentemente.

apoiou a gente: não, vocês podem pegar onda [...] Mas o papai disse você pode fazer. Eu gosto que você faça por causa da asma e tal, é um esporte do mar e tudo [...][187]

Nesse caso específico, o fato de o pai de Carlos Eugênio já ter utilizado tábua de madeira[188] para "pegar jacaré"[189] certamente contribuiu para que a permissão de surfar fosse dada. No entanto, o pai, como forma de legitimar o fazer do filho como algo saudável, permite que ele o faça, sob a desculpa de que o mar pudesse amenizar os efeitos da asma que acometia o filho. Entretanto, o pai de Carlos Eugênio, não entendia, nem possuía maneira de provar que o surfe era, de fato, uma prática saudável. Pelo contrário, provavelmente, ele o fazia como forma de dar uma resposta a um conjunto de pessoas que, de alguma maneira, olhavam para o filho dele e pudessem associá-lo a algum fator negativo. Então, para o pai, não havia problemas em ser surfista por que ser surfista, na visão dele, era saudável, não se relacionando, por exemplo com vagabundagem, com contracultura, muito menos com entorpecentes.

É interessante verificar que o caráter terapêutico do mar apareceu em outros tempos e sociedades, contribuindo para o desenvolvimento dos banhos e do olhar sobre o mar. Nesse sentido, Alain Corbin[190]afirma que a partir do século XVIII na Europa o discurso dos médicos e curistas a cerca das virtudes da água fria do mar e do contato com as ondas contribuiu para a mudança de relação entre as pessoas e a praia. O imperativo terapêutico ajudou a transformar a maneira de ver e lidar com o mar. As vantagens do contato com as ondas e as virtudes da água fria proporcionaram o surgimento da moda do banho de mar, contribuindo para a invenção da praia na Europa.

Entretanto, ao contrário do que acontecia na Europa, no Ceará, o caráter terapêutico do mar não adquiriu a mesma ênfase através do discurso médico. As qualidades terapêuticas da água do mar não se revestiam de uma recomendação normalizada desses profissionais. Aqui, os discursos medicinais acerca das qualidades

[187]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[188] Antes da chegada do surfe em Fortaleza, nos anos 70, era comum ver jovens deslizando pelas ondas com tábuas de madeira, próximo a Ponte Metálica. Essas tábuas eram chamadas de madeirites. Para esse trabalho, consideramos que o uso das madeirites diferencia-se do surfe, por que não contempla os mesmos aspectos culturais, nem mesmo os mesmos gestos e movimentos dentro da água.

[189] Ato de deslizar deitado sob a água com a ajuda da espuma da onda.

[190] CORBIN, Alain. **O território do vazio.** A praia e o imaginário ocidental. [trad. Paulo Neves] são Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 69.

curativas do clima e do vento, especificamente, no tratamento das doenças respiratórias foram muito mais significativos.[191]

A despreocupação do que era ser saudável também era possível ser verificada através das entrevistas. Nos relatos, foi possível perceber que nem sempre a alimentação antes e depois das idas à praia possuía um caráter natural:"A alimentação a gente não tinha sanduíche natural em praia, não tinha nada disso... A gente comia sabe o que? Comia dindin de batata. Olha o almoço: dindin de batata, cream cracker e uns bichos de goiaba, doce de goiaba. [...]"[192]Na maioria das vezes, a escolha da alimentação realizada antes e depois de "pegar onda" caracterizava-se por dois fatores: pela facilidade com que eram encontrados nas mercearias localizadas no trajeto até a praia e pela praticidade com que elas ficavam prontas, pois, para eles, o que interessava mesmo era estar surfando, não preocupar-se com a alimentação. Assim, muitas vezes:"A gente pedia um pão, por que um pão era deste tamanho [gesto de quem mostra o tamanho de uma baguete], uma coca-cola de 1l (*risos*)."[193] Alimentar-se de pães, bolachas, refrigerantes, e todos esses carboidratos e açúcares presentes nesses elementos parecia não ser problema para aqueles surfistas.

Entretanto, a partir de 1978, ao noticiarem os pequenos torneios de surfe realizados, os jornais passaram a mostrar outra coisa. Eles noticiaram que esses torneios contavam com o apoio e patrocínio da Brahma,[194] que oferecia como premiação, caixas de refrigerantes para os primeiros colocados. Com propagandas que faziam menção à velocidade, esportes, cores e movimento, a marca de bebidas trazia o slogan que dizia: *"Brahma. O patrocínio que corre, voa, desliza, joga, participa, veleja, pula, nada salta e estimula*." [195]Com a finalidade de passar a mensagem de promotora da saúde, os anúncios da Brahma da época traziam imagens de jovens com corpos sarados, realizando os movimentos característicos da natação, tênis, atletismo vôo-livre e, claro, o surfe. Nesse sentido, a empresa considerava que:"o patrocínio esportivo é uma das maneiras mais saudáveis de uma empresa integrar-se à comunidade. A Brahma vem

[191]DANTAS, op. cit. p. 35.

[192]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[193]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[194] A Brahma, durante muito tempo, patrocinou eventos de esportes radicais. Em Fortaleza, patrocinava os pequenos campeonatos realizados, dando como premiação caixas de refrigerante.
[195]Brahma. **Veja**, São Paulo, 16 ago. 1978.

provando isso há muito tempo. Estimulando nossos atletas nas mais diversas modalidades esportivas e, dessa forma, estimulando o próprio ideal esportivo." [196]

Por mais estranho que nos possa parecer atualmente, a referida empresa de refrigerantes e cervejas também passou a forjar um ideal de corpo, na medida em que patrocinava eventos de surfe, oferecendo suas bebidas como premiação e também trazia no bojo de seus anúncios imagens de surfistas e atletas de outras modalidades em ação. Dessa maneira, os atletas que ingeriam Brahma, seriam, portanto, capazes de voar, deslizar e saltar.

Isso parece ser parte de uma configuração maior presente naqueles anos 70 e 80. Naquela época, as propagandas e anúncios de refrigerantes, bebidas alcoólicas e cigarros associadas às atividades físicas e esportes disseminaram-se pelo mundo. Não era raro encontrar comerciais de bebidas alcoólicas e cigarros, associados às atividades físicas. Um exemplo disso é o caso dos cigarros Hollywood, que no período compreendido entre os anos 70 e 80, lançou uma série de comerciais na TV, os quais exibiam jovens, magros, bonitos e descolados praticando atividades radicais na água, no ar, na terra e na neve, tais como o surfe, Jet-ski, alpinismo, MotoCross, etc., ao som de uma trilha sonora agitada que remetia à agitação e agilidade.[197]

Esses comerciais também influenciavam os surfistas da "Segunda e Terceira Geração", influenciando-os através da imagem de jovens bonitos, corajosos e ágeis. Nesse sentido, Fabiano Dias, surfista da "Terceira Geração" de surfe disse: "A gente via propaganda, sabe?! A gente via Hollywood, atriz num sei o que [...] a gente via cowboyzão, os cavalos a coisa mais linda [...] e o cara lá de chapeuzão e tal, dominando um animal selvagem e tal...Da mesma forma uma atriz de Hollywood, um carrão aquela coisa [...]" [198]A performance desses atores na televisão impulsionava o fumo no meios daqueles que faziam alguma atividade física, da mesma forma que justificava o uso dessas substâncias. Assim, os corpos em movimento nos anúncios faziam menção à agilidade com que aqueles atletas conseguiam realizar suas proezas ao fumar ou beber.

No Ceará, algumas empresas também se apropriaram da imagem dos surfistas para promover seus produtos: "E o Jorge Fiúza e o Humberto, que eram bem pintosos,

---

[196] Brahma. **Veja**, São Paulo, 16 ago. 1978.
[197] <http://www.anos80.com.br/lembrancas/cigarros.html> Acesso em 28.09.2013.
[198] DIAS, Fabiano. Entrevista[out. 2011Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

foram contratados para fazer a propaganda de um chocolate, se não me engano, era uma coisa local do chocolate prestígio.E aí eles foram de lancha, foram do Iate, de lancha e o cenário era a Praia Mansa."[199] O chocolate em questão queria associar à sua marca, um cenário paradisíaco, contendo sol, mar e lanchas, junto com a imagem daqueles jovens.

Nesse sentido, Victor Andrade de Melo, verifica como as atividades físicas passaram a ser concebidas como estratégia de formação corpórea. Assim, esse corpo que antes era motivo de vergonha e restrições, quando, a partir da década de 1970, passou a ser cada vez mais objeto de atenção, sendo cada dia mais exposto nos mais variados meios:

> O corpo, outrora motivo de vergonha e restrições, a partir das necessidades econômicas, dos desdobramentos culturais, esquadrinhado e desvendado pela ciência, torna-se paulatinamente elemento de consumo – levando também a essa prática-, sendo submetido, todavia, a uma nova ordem disciplinar: na mesma medida em que fica mais exposto, também se torna mais sujeito a novas normas de comportamento, suscetível a estratégias comerciais, enquadrado pelos ditames relacionados à saúde e ao bem-estar (nada mais compreensível, afinal, se se lembrar que a ambigüidade é uma das marcas da modernidade).[200]

Essa ambigüidade citada por Victor Andrade de Melo também se configurava no que diz respeito à imagem dos corpos dos surfistas em Fortaleza. As concepções do que era considerado saudável ou não mantinham imbricadas à despeito das referências ao corpo com saúde levadas a cabo pelos jornais ou pelas propagandas de marcas de bebidas ou automóveis que traziam em seus produtos a concepção de um estilo de vida totalmente relacionado ao surf.[201]

Por outro lado também, outro elemento era constantemente associado à imagem do jovem surfista: as drogas. Na foto abaixo (Figura 1), provavelmente tirada em janeiro de 1981, durante o Summertime Surf, evento realizado na Praia do Titanzinho[202], pode-se perceber um pouco da contradição pela qual o corpo do surfista passava. Nessa imagem, é possível verificar dois surfistas. Ambos com corpos visivelmente atléticos, com músculos definidos, com pouca ou quase nenhuma gordura exibem seu bronzeado.

---

[199]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[200]MELO, Victor Andrade de. "O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico." IN: PRIORE, Mary Del. AMANTINO, Márcia. (Orgs.) **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2011. P. 509.
[201] Pegue a nova onda. Passat surf. **Veja,** São Paulo, 10 mai. 1978.
[202] A praia do Titanzinho localiza-se no bairro Serviluz, próximo ao Cais do Porto do Mucuripe, em Fortaleza.

Um deles, segura uma caixa de leite longa vida e um copo. *"Aqui eu tava me alimentando. Tinha acabado de treinar"*[203], disse o surfista retratado. Ao seu lado, outro jovem faz um gesto característico de quem traga alguma coisa, provavelmente alguma droga, tal como maconha.

No documento original, percebe-se que a fotografia foi recortada pelo proprietário dela como forma de esconder o rosto daquele que fuma. A partir dessa imagem, pode-se verificar que a despeito da imagem de um corpo saudável construída pelos jornais locais, o corpo surfista da época carregava também contradições que dificultam a afirmação categórica se tratavam- se ou não de corpos categoricamente saudáveis.de jovens que se utilizavam de bebidas alcoólicas e não se exercitavam. Na figura 1, pode-se perceber que o sujeito que está fazendo uso de maconha aparece mais escondido através de uma intervenção na própria fotografia.



Figura 8. Summertime Surf, em 1981, em Fortaleza.
Acervo pessoal de Antônio Carlos.

Afinal, da mesma forma que um jovem bebe leite após o seu treino, como forma de alimentar-se de algo supostamente natural,e, portanto, benéfico à saúde, ao seu lado, outro jovem está sentado ao seu lado, realizando, explicitamente e a despeito da tentativa de encobrir tal fato pelo proprietário da fotografia, um ato de quem utiliza

[203]FRANCO, Antônio Carlos. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

substâncias tóxicas. Nesse sentido, a despeito do que afirmavam os jornais, o uso da maconha parecia ser constante entre alguns desses jovens:

> Veio uns caras do Rio de Janeiro, uns cariocas! Eles vieram em um fusca com umas dez pranchas, eram umas dez em cima do carro. E o carro cheio de maconha (risos) [...] A gente usava maconha, mas por que era uma coisa natural. Ela você tira da planta e queima. Por que a gente sabia que era natural. Não é como é essas drogas de hoje, que são invenção dos americanos [...][204]

O caráter natural atribuído à droga tenta justificar uma prática que na época era considerava reprovável entre as pessoas de outro meio. Os "jovens de fibra, alegres e cheios de cores, luzes e muita garra"[205] eram, ao mesmo tempo, aqueles que se utilizavam das drogas como forma de potencializar os efeitos e as emoções daquela prática.

Nesse sentido, os discursos envolvendo o uso dessa substância não são pacíficos. Enquanto uns defendiam sua prática afirmando que era mais saudável do que outros grupos. Outros entrevistados afirmam nunca terem visto o uso dessas substâncias no período aqui estudado, evitando falar ou saber do uso nesse meio: *"A gente não via não. Essas coisas a gente não via não, não tinha não."* [206]Havendo ainda aqueles que afirmem ter-se alterado, com o passar do tempo, o grau de entorpecimento das drogas utilizadas:

> Depois teve a questão da droga também, que foi uma coisa que... começou leve, só com maconha e depois foi ficando um pouco mais pesada, com umas drogas mais fortes. E aí alguns foram ficando pelo caminho, foram abandonando o surfe e mais se identificando com a droga. Isso foi uma coisa, o lado negro da história.[207]

Assim percebe-se que as diferentes concepções sobre saúde, bebidas e drogas envolvendo o corpo e a saúde do surfista eram muitas vezes contraditórias, coexistindo até mesmo dentro do mesmo meio.

---

[204]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[205]Summertime Surf. Praia do Titanzinho. **O Povo,** Fortaleza, 7 de fev.1981, p. 19.

[206] Entrevista com Fabiano Dias, em 15 out. 2011.

[207]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Nesse sentido, através da análise das fontes, não foi possível verificar que aqueles surfistas estivessem preocupados em ser saudáveis. Eles não buscavam necessariamente ter saúde com o mar. Pelo contrário, possuíam uma aparência saudável em decorrência da prática do surfe em si, mas não foi possível verificar que esta era uma necessidade ou preocupação. Pelo contrário, verificou-se que, ao mesmo tempo que eles surfavam, sua imagem era constantemente vinculada ao cigarro, às bebidas em geral e às drogas. A seguir, poderemos ver como essa imagem foi construída.

De fato, a partir de 1978, alguns pequenos campeonatos começaram a ser organizados nas praias de Fortaleza, como forma de divulgar a prática do surfe. A rádio e o jornal O Povo[208] passaram a promover algumas dessas competições.[209]Conseqüentemente, uma maior visibilidade a esses torneios e ao surfe foi dada pelo periódico. Assim, em suas páginas, comumente era possível ver surfistas disputando o "Troféu Demócrito Rocha Dummar"[210] ou o troféu O Povo[211] em campeonatos.Nesse sentido, os discursos como forma de legitimar a prática do surfe aparecem com esse sentindo saudável, evocando um corpo são, dotado de beleza e de um espírito característico da juventude, o que contribuía para passar uma imagem positiva desses jovens.Em Fortaleza, dar ao surfe um caráter saudável, que fazia bem ao corpo e a saúde, pareceu ser uma forma de justificar os longos períodos passados na praia, dentro do mar e sob sol forte, dado inicialmente mais característicos das classes mais pobres e dos trabalhadores braçais.

Além da habilidade e da saúde, a juventude e a beleza eram evocados pelos jornais como atributo essencial para a imagem deles. E nesse sentido, de acordo com o periódico, era possível perceber*"(...) o entusiasmo da juventude e a expansão desse novo e saudável esporte"* [212]queficavam mais aparentes durantes as competições, o que fazia até mesmo o jornal afirmar que em determinado campeonato

Da mesma forma, era aconselhado que o surfista não se fizesse uso de bebidas alcoólicas e consumisse uma quantidade considerável de alimentos ditos naturais, pois

[208] Surf. **O Povo,** Fortaleza, 25 jan 1980.
[209] Uma das razões para que o jornal promovesse esse tipo de evento era o fato de Odalto Castro, da "Segunda Geração" de surfistas, ter se tornado, com o tempo, organizador dos campeonatos realizados na cidade, era genro de um alto funcionário do jornal.
[210] Surfistas disputam troféu Demócrito Rocha Dummar. **O Povo**, Fortaleza, 20 jan. 1980.
[211] Final do surf transferido para o final da próxima semana.**O Povo**, Fortaleza, 26 jan. 1980.
[212]Summertime Surf: o sucesso maior de uma promoção para a juventude. **O Povo,** Fortaleza, 14 fev. 1981.

se fazia necessário muita *"(...) vitamina e adrenalina!*[213]*"* para *"(...) explorar as ondas revoltas dos verdes mares cearenses.*[214]

Dessa forma, é possível verificar que os jornais do período aqui estudado transmitiam uma imagem do surfista sempre associada ao caráter saudável da atividade, embora elementos como bebidas alcoólicas, cigarros e outras drogas se apresentassem ao redor e inseridos no meio daqueles surfistas. Por certo, o trato com o mar, os corpos e as imagens envolvendo os surfistas que começavam a aparecer contribuíram muito para isso.

2.3 "A juventude doirada"

Além das concepções sobre saúde e coragem construídas pelos jornais e pelos próprios surfistas, foi possível verificar também que mudanças corporais de outra natureza também foram empreendidas: as mudanças físicas. O desfile de corpos bronzeados e esbeltos pela cidade começou a destarcar-se. Assim como o vigor corporal, imposto pela vitalidade e força, era uma marca de poder detido pela nobreza europeia dos séculos passados, o bronzeado, a magreza, os braços e ombros definidos configuraram-se como elementos de diferenciação de uma parcela da sociedade, especificamente daqueles surfistas.

No caso específico do surfe, a propagação da imagem foi fundamental para a sua difusão.[215]Além dos discursos sobre os aspectos saudáveis do modo de vida dos surfistas, influências diretas da relação com a natureza e as influências provocadas pelos próprios praticantes imprimiram marcas nesse corpo, o que ajudou a contornar um corpo característico e dar-lhe, no dizer dos jornais, o atributo da beleza: *"(...)a movimentação foi realmente das mais intensas, fomentando o esporte e a beleza*".[216]

Cleber Dias,[217]ao analisar a configuração dos esportes ligados à natureza no Rio de Janeiro, percebe que a imagem do surfista foi importante para sedimentar uma forma de ser de algumas praias cariocas por seu caráter transgressor materializado no corpo de seus praticantes. Para além do estilo de vida e do aspecto saudável o corpo do surfista

[213] Seguimento. **Diário do Nordeste,** Fortaleza, 22 nov. 1986.
[214] As 18 baterias que vão concorrer ao campeonato.**O Povo,** Fortaleza,12 fev. 1981, p.16.
[215] DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da Natureza:** o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. P. 127.
[216]Summertime Surf: o sucesso maior de uma promoção para a juventude. **O Povo,** Fortaleza, 14 fev. 1981.
[217] DIAS, op. cit. p. 108.

precisava também ter a imagem de surfista, tal qual os surfistas californianos. Abaixo é possível ver uma imagem de vários surfistas californianos característicos pelo fato de serem altos, loiros e de físico esguio.



Figura 9. Imagem de surfistas californianos.
Revista Time..

A partir da década de 70, a imagem do surfista da Califórnia tornou-se um referencial para os surfistas fortalezenses de tal forma que Quinderé chegou mesmo a afirmar que: *"Eu me fantasiava todo como aqueles garotos californianos. O nosso referencial era a Califórnia, né?"*[218]Os distintivos de beleza se globalizaram[219] de tal maneira que os novos surfistas também gostariam de parecer com o garotos californianos.Fantasiar-se de garoto californiano, incluía, além de dominar as técnicas do surfe, construir a imagem do surfista tão vista nas revistas.

[218] QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[219]PRIORI, Mary. AMANTINO, Márcia. (Orgs.) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.p. 9

De fato, a aceitação no grupo dos surfistas também passava pela aparência. Para entrar no referido grupo não bastava saber pegar ondas com habilidade, mas se fazia necessário também parecer um surfista.

> Tinha gente que até sabia surfar, mas se não se integrasse à tribo, não era bem aceito não.Depois começou a aparecer muita gente que se identificava com tudo, menos com a onda, né?! Com surfe...Tinha a roupa, tinha o estilo, tinha o jeito, muitos casos assim. Ou não levavam jeito ou não tinham prancha,mas se identificavam com o grupo né?![220]

Na entrevista realizada com Antônio Carlos Quinderé, ele afirma que no grupo dos primeiros pegadores de ondas só eram aceitos aqueles que também possuíssem a aparência de surfista, vestindo os mesmos tipos de roupa, possuindo o bronzeado e o corte de cabelo. O quesito aparência foi importante de tal maneira, que, até mesmo aqueles que não eram surfistas, integravam-se ao grupo pelo fato de apreciarem o tipo de roupa e o aspecto levado à cabo pelos primeiros surfistas. Nesse sentido, sobre a aparência Maffesoli afirma que:

> Já demonstrei, a propósito da vida quotidiana, como a profundidade pode ocultar-se na superfície das coisas. Daí a importância da aparência. Não se trata de abordá-la aqui como tal, mas apenas de indicar, rapidamente, que ela é vetor de agregação. No sentido indicado, a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também um meio de reconhecer-se. Parva esthetica? Em todo caso, as matizes da vestimenta, os cabelos multicoloridos e outras manifestações punk servem de cimento [...] O culto ao corpo, os jogos da aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e expectador. [221]

De fato, para os primeiros surfistas, a estética e a aparência foram forte fator de agregação, servindo para reunir até mesmo aqueles que não eram surfistas, além de fazer aqueles que o eram adquirir uma imagem comum aos outros jovens do grupo, não bastando apenas o dom de pegar ondas com destreza.

Por certo, além da intenção de tornar-se parecido a um determinado grupo, a natureza também ajudou a moldar o corpo do surfista. Atlético que era, esse corpo adquiriu também outra característica: o bronzeado. Comum a outros grupos de pessoas que se expõem bastante ao sol, a pele queimada pelo sol tornou-se também fator de reconhecimento dos surfistas. O excesso de melanina na pele, ocasionada pelo longo

---

[220] QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[221] MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.p. 133 e 134.

período passado dentro da água surfando e exposto ao sol conferiu ao surfista cearense o título, dado pelos jornais, de *"(...) juventude doirada de Fortaleza (...)".*[222]

O intenso bronzeamento dos corpos, ocasionado pelo longo tempo exposto pelo sol, associado ã intensa incidência dos raios solares em Fortaleza, às vezes ocasionava confusão a respeito do real tom de pele dele. Fabiano Dias[223] rememorou o dia em que foi realizar o alistamento militar e uma confusão a respeito do seu real tom de pele aconteceu:

> Ninguém nem sabia que eu era surfista. Botaram lá no registro do exército que eu era moreno e nem moreno eu era, eu era branco, cara! Eu digo aí... ei cara eu sou branco, cara isso aqui [gesto de quem afasta o calção e mostra o bronzeado] é bronze, cara! A cor da minha pele virou moreno. Eu não fui mais branco, eu era moreno, em função do surfe![224]

Demonstrando orgulho, Dias lembra que, depois que iniciou a prática do surfe em 1975, a cor da sua pele alterou-se. Nem para si mesmo nem para as outras pessoas a cor de sua pele era a mesma. Assumindo as transformações de sua pele, enfatiza que tornou-se moreno após o início das atividades no mar. Certamente, essa altivez certamente tem uma razão de ser.Do mesmo modo, Sérgio Capibaribe afirma também ter tido sua cor modificada nos registros do exército: *"Me colocaram lá no exército como pardo! Eu nunca fui pardo. Era tostado do sol. Eu sou neto de portugueses..."*[225]

De fato o desfile de corpos dourados pela cidade fazia-os identificáveis enquanto praticantes do surfe. Mas também, denotava um corpo com aparência de férias, de descompromisso e de total dedicação ao surfe e à praia. Nesse sentido, Vigarello enfatiza que o bronzeado não se trata de uma simples moda. Mais do que isso, transmite a idéia de um corpo em constante ritmo de descontração:

> Essa "escalada da melanina à superfície do corpo social" está, no entanto, longe de ser uma simples moda.. Ela é antes de mais nada receita de descontração, vasta revisão pedagógica em que cada um se melhoraria, "se embelezaria", buscando indolência e prazer. Jamais a vontade de conservação sugerira tal "licença": efetuar uma "verdadeira pausa", "entregar-se aos raios" para melhor proporcionar uma "nova sedução". Primeira grande afirmação do indivíduo moderno extensiva à escala de uma população, esse

[222]Summertime Surf Praia do Titanzinho. **O Povo**, Fortaleza, 3fev de 1981.
[223] Fabiano Dias, surfista, começou a prática do surfe em 1975, atualmente possui uma fábrica de pranchas que leva seu sobrenome.
[224]DIAS, Fabiano. Entrevista[out. 2011Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[225]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> abandono privilegia a posse de si, o tempo para si. E é acompanhado pelas férias pagas, tornadas, para alguns, "o ano nº 1 da felicidade." [226]

Para o historiador francês, o corpo bronzeado possui vários simbolismos e relaciona-se diretamente com várias alterações da sociedade. Muito mais que a alteração da cor da pele, o estar bronzeado configura-se como uma marca do indivíduo moderno. Trata-se de uma revisão pedagógica do corpo: era interessante manter-se sempre bronzeado como manutenção da beleza, do espírito de férias e da total entrega aos prazeres. Nesse sentido, tal concepção coaduna-se com um dos principais objetivos daqueles jovens : apenas surfar e se divertir.

O bronzeado, assim como também a obtenção de cabelos loiros, enquanto garantia da beleza se justificava pelo sucesso que fazia com as garotas e pela diferenciação que ocasionava:

> Mas, para os observadores, os cocotas não só existem como são facilmente identificáveis [...] As meninas dispensam qualquer tipo de maquilagem, mas sua indisfarçável preferência pelos gatos de longos cachos louros tem obrigado os meninos ao uso de água oxigenada e até de parafina (a mesma que usam em suas pranchas de surfe) nos cabelos para dourá-los com a ajuda do Sol.[227]

Dessa forma, os longos cachos louros eram adquiridos tanto pelo longo tempo exposto ao sol, como também pelo efeito de outros agentes. Nesse sentido, Quinderé, enquanto pertencente a "primeira geração" de surfistas, portanto, forte influenciador dos demias surfistas que se seguiram afirmou: *"Então, inclusive, o cabelo nós descoloríamos, nós dizíamos na época que nós passávamos parafina, mas mentira! Não era parafina*[228]*, era descolorante, mesmo. Era descolorante mesmo para ficar loiro igual aos garotos da Califórnia."*[229]

Com a finalidade de tornar os cabelos loiros, tal qual os garotos californianos, eles se utilizavam de produtos químicos para que o efeito desejado pudesse ser

---

[226] VIGARELLO, Georges**. História da beleza.** [Trad. Léo Schlafman]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. P. 148.
[227] Geração Cocota**Veja**, São Paulo, 4 jun.1975. P.52.
[228] A parafina é um derivado do petróleo descoberto por Carl Reichenbach. Conhecida por sua alta pureza, excelente brilho e odor reduzido, também pode ser usada como combustível. Possui propriedades termoplásticas e de repelência à água e é usada amplamente para a proteção de diversas aplicações. No surfe, é aplicada em cima da prancha para obter tração, impedindo que o surfista escorregue em momentos críticos. http://pt.wikipedia.org/wiki/Parafina e http://www.gogreensurf.com/passar-parafina Acesso em: 05/05/2013.
[229]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

potencializado, ou, até mesmo, criado, sendo necessário aplicar descolorante para obter o efeito desejado. Ademais, os meios de se aproximar do visual californiano eram guardados em segredo e até mesmo distorcidos. Os rapazes não pertencentes ao grupo dos "primeiros surfistas" não saberiam como adquirir os cabelos dourados, portanto, nunca poderiam, através da aparência, se aproximar dos surfistas da primeira geração. De fato, a detenção da informação de como conseguir os cabelos loiros pode ser considerada como fator separação de um grupo que queria manter-se diferente, nesse caso, o grupo dos primeiros surfistas. Na figura abaixo, é possível verificar o quão loiro os cabelos dos primeiros surfistas ficavam:



Figura 10. Surfistas cearenses
Acervo Pessoal Odalto Castro.



Figura 11. Surfistas cearenses
Acervo Pessoal Odalto Castro.

Diante da divulgação da informação que o aloiramento dos cabelos se dava ao aplicar a parafina nos cabelos, os surfistas que se sucederam àqueles da primeira geração começaram a aplicá-la amplamente em seus fios para que eles também ficassem loiros: *"Eu tinha cabelo loiro assim ó, desse jeito, cabelo loiro, liso! Meu cabelo era lisão! Aí eu estraguei meu cabelo por que passei parafina no meu cabelo [...]"*[230] Certamente, os efeitos obtidos ao aplicar a parafina, nem sempre poderiam ser os mais desejados, como foi no caso de Fabiano Dias, pertencente a uma "Terceira Geração" de surfistas. Não importava de que maneira fosse, mas para eles era preciso potencializar o efeito queimado deixado pelos raios solares, deixando os cabelos ainda mais loiros.

[230]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

O uso de água-oxigenada e parafina nas madeixas caracteriza-se por ser uma intervenção no corpo de maneira provocada e consciente. Era, por conseguinte, desejável ficar com as cores dos cabelos mais claras e a pele mais escura, no verdadeiro intuito de diferenciar-se dos demais.O aspecto bronzeado, magro e com cabelos queimados funcionava como caráter diferenciador e demonstrador de uma habilidade corporal que os rapazesnão-surfistas não possuíam. Para as garotas, era muito mais interessante relacionar-se com esses rapazes. Considerados bonitos, que sempre estavam "por dentro" da moda, cuidando do visual. Eram, portanto, descolados.

Sérgio Capibaribe rememorou sua aparência enfatizando o quanto se utilizava dela como aspecto diferenciador dos outros jovens. Os cabelos grandes ou no estilo *new wave*[231]:

> Será que eu chamava a atenção?! Eu tinha o cabelo daqui até aqui preto, depois era loiro, queimado do sol e as pontas eram verdes por conta do cloro da piscina. Meu cabelo era até a cintura![232]

Muitas vezes, o estilo de cabelo utilizado por eles causava discórdia nas famílias. Nesse sentido, Fabiano Dias afirmou: *"Aí eu tinha uma avó, tipo rigorosa, a mãe da minha mãe, ela pagava a gente pra cortar o cabelo. Ela pagava pra cortar o cabelo. Chegava, surfista, aí ela escancarava.* [233] Para os membros mais velho da família a aparência do surfista causava estranhamento. Os longos cabelos queimados eram motivos de discordâncias, e, nesse caso específico, era até mesmo motivo de chantagem. Oferecia-se dinheiro e, em troca, o visual surfístico desaparecia.

Além do cabelo, o formato do corpo do surfista também sofreu alterações com o início da prática do surfe. Para entrar no mar e pegar onda o movimento de remar, deitado na prancha, passou a ser necessário. Com as sucessivas remadas, a região do tórax e dos ombros deles começou a se desenvolver. Em virtude disso, essa região do corpo tornou-se bem larga. É possível verificar em todas as fotos de surfistas aqui elencadas, o desenvolvimento dos ombros. Pelo contrário, a parte inferior do corpo, não

---

[231]O estilo "New Wave" consagrou no início dos anos 80, caracterizava-se pelo uso de peças em cores cítricas, chamativas e fosforescentes usadas em conjunto, ombros largos, numa mistura alegre e vibrante, cortes de cabelo assimétricos procuravam expressar alegria, estilo esportivo, versatilidade e diversão. Disponível em: http://www.anos80.com.br/lembrancas/moda.html Acesso em: 25.11.11.
Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/instantaneos_anos80.htm Acesso em: 25.11.11.
[232]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[233]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

muito usada na prática do surfe, não se desenvolveu tanto. Assim como os peixes, que possuem a parte correspondente ao tórax bem desenvolvida, em comparação às barbatanas e cauda, aqueles rapazes também ficaram com as pernas pouco desenvolvidas, se comparadas com os ombros e braços.

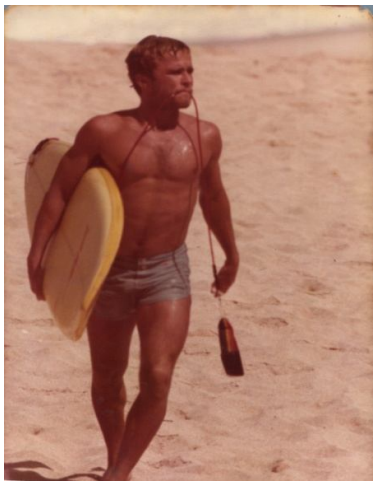


Figura 12. Corpo delineado e ronzeado
Acervo Pessoal Odalto Castro.



Figura 13. Corpo delineado e cabelos de surfista
Acervo Pessoal Romero Jucá.

Como é possível verificar nas imagens, embora não se atingisse propriamente o visual idêntico ao dos surfistas californianos, algo bem próximo disso foi obtido. Pele bronzeada, cabelos loiros e o corpo definido foi obtido com a constância dos treinos, o longo período de exposição ao sol e a adoção de medidas, tais como a descoloração dos cabelos.

2.4A “coqueluche”: as roupas de surfista

Parecia não bastar saber surfar, dominar todas as técnicas do trato com o mar ou descer as ondas com desenvoltura. Além da pele corada pelo efeitos do sol, do corpo torneado se fazia necessário também ter toda uma vestimenta que fosse condizente com a condição de ser surfista. Dessa forma, foi se construindo todo um modo de se vestir que proporcionou a identificação daqueles jovens enquanto surfistas. Além do bronzeado, dos cabelos claros e dos corpos esguios, era necessário utilizar-se de toda

uma indumentária que caracterizasse aqueles jovens. Eles passaram a enxergar todo um modo de se vestir como uma verdadeira moda:

> Já existia no meu entender a moda surfe. O que era a moda surfe?! Era o cara ter meio parafinado o cabelo, ser bronzeado e já usar um tipo de roupa. Tipo assim, um calção assim florido, o cabelo já identificava, o cabelo meio grande, tipo cabelo loiro, assim...[234]

Até mesmo no que se diz respeito as roupas, os surfistas da época queria diferenciar-se: *"Por que o surfista não se vestia com as roupas da lojas...ele se vestia com roupa de surfista [...]"*[235]Não era qualquer roupa, advinda de qualquer lugar que eles deveriam vestir para estar na moda. As roupas deles deveriam ser também roupas de surfistas.

Ainda em 1962, nos Estados Unidos, a primeira marca de roupas de surfe foi criada. Era a HangTen.[236] Foi uma das primeiras marcas a produzir exclusivamente roupas e acessórios para surfistas. Elas geralmente continham algum desenho na frente que fizesse referência ao estilo de vida californiano, podendo conter também os nomes Califórnia ou Flórida, numa clara referência às localidades americanas onde o estilo de vida relacionado ao surfe era mais forte.



[234]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[235]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[236]HangTen foi uma das primeiras marcas a produzir roupas e acessórios para a prática do surfe nos Estados Unidos, tendo iniciado suas atividades em 1960, em Santa Ana, Califórnia. Em 1962, a HangTen cria a primeira marca de roupas de surfe e assim começa a se expandir. Sua logomarca traz o desenho de dois pezinhos. Simbolicamente, representam uma das mais difíceis manobras do surf de longboard (pranchas grandes, pranchão, muito utilizada na época) quando o surfista anda pela prancha até o bico e lá coloca os dez dedos do pé no limite do bico da prancha mantendo o controle da onda. Seu lema era "Quem ama a vida na Califórnia, ama e usa HangTen". Eles criaram o primeiro patrocínio profissional e várias campanhas de marketing que direcionaram todas as marcas de hoje. Foram também os primeiros a entender o total potencial de marketing e cross marketing para esportes de ação.
Fonte: www.hangtenbrasil.com Acesso em: 27/11/2011.

Figura 14. Camisetas com desenhos de ondas Acervo PessoalAntonio Carlos.

Figura 15. Camisetas com desenhos de ondas Acervo PessoalAntonio Carlos.

Figura 16. Camisetas com desenhos de ondas Acervo PessoalAntonio Carlos.

No Brasil, suas camisetas com estampas de ondas e praias era verdadeiras "coqueluches":

> A coqueluche era as camisas *HanTen.*Elas eram umas camisas que tinham uns desenhos assim [...] de ondas quebrando, de animais ou bonequinhos descendo a onda. Era de uma material emborrachado, não era de um silk fininho não...Duravam um tempão!.[237]

Possuir uma blusa dessa marca proporcionava ao garoto estar "com tudo", ou seja, estar por dentro das novidades desse novo universo da prática do surfe, ratificando a idéia de que vestir-se com roupas exclusivas de surfe fazia mais sucesso. As blusas *Hang Tem,* os tecidos coloridos das roupas certamente enquadram-se como uma "febre de verão" e num "modismo" que foi gerado no universo juvenil:

> E o verão chegou ao hemisfério sul, embora no Nordeste a expectativa seja de inverno, ou pelo menos "uma estação de chuvas", como chamam os especialistas. Parece que esta época do ano aguça a criatividade das pessoas e os modismos vão surgindo – uns para ficar definitivamente, outros para aumentar a lista das "febres de verão [...][238]

Entretanto, aqueles surfistas que não possuíam um contato direto com o Rio de Janeiro, nem os Estados Unidos, principalmente os surfistas da "terceira geração", nem sempre conseguiam adquirir esse tipo de camiseta. Para esses garotos, era preciso improvisar. Somente dessa maneira, eles conseguiam estar na moda. Assim, quando ter uma camiseta *HangTen* parecia, devido ao alto custo, pois era um produto importado, restava improvisar e fabricar a própria camiseta. Imprimiam-se nela desenhos com o mesmo tema, sempre relacionados à praia, ondas e surfe, o que poderia remeter mais facilmente à famosa marca americana. Fabiano Dias era um desses surfistas que fazia esse tipo de improviso:

---

[237]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[238] Neste verão, há mais coisa entre o mar e a terra do que podemos imaginar,**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 jan.1986.

> As camisas? As camisas de surfe não tinham chegado ainda e a gente usava camisa de skatista, não existia camisa de surfe ou se existisse era assim Califórnia, Flórida ou alguma coisa assim [gesto de quem mostra um desenho na camisa] chegou o dia a gente ficava empolgado se você não tivesse, tinha que bolar alguma coisa assim relacionada à serigrafia para improvisar mas não tinha. E a camisa o auge era a camisa H*angTen,* da loja de skate, vinda da Califórnia. Todo mundo tinha, quem tinha *HangTen*tava com tudo! Na moda com as menininhas, com as gatinhas, com as cocotinhas [...][239]

De acordo com o depoimento de Fabiano Dias, é perceptível o caráter de se envaidecer diante das situações que, na época, poderiam ser vexatórias. Não ter a camiseta da moda poderia ser vexatório para os jovens de 15, 16 ou 17 anos, mas, ao contrário, se vangloriam pelo fato de eles mesmo tentarem fabricar suas camisetas, utilizando-se das técnicas de serigrafia, imitando assim, os desenhos da marca famosa, não ficando à margem da moda na época.

Nesse sentido, a "coqueluxe"[240] era freqüentar as festas nos clubes, as tertúlias e o Shopping Center Um. Ao mesmo tempo em que era possível saber das novidades que aconteciam na cidade, as modas e as maneiras de se vestir, também servia como a possibilidade de mostrar-se para os outros jovens que também freqüentavam o local, exibindo seus corpos coloridos e bronzeados. De fato, estar em dias com o figurino ideal do surfista também proporcionava ter sucesso com as garotas que freqüentavam as festanças nos clubes. As famosas "tertúlias" eram o local por excelência onde que os surfistas se exibiam com suas camisetas desenhadas.

Nesse sentido, ao falar das trocas de roupas em ritos importantes na Idade Média européia, como a consagração dos reis, investidura de cavaleiros ou a ordenação de monges, Le Goff[241] afirma que a roupa não é apenas um adorno que serve somente para o enfeite do corpo, serve também para marcar ritos de passagem significativos, nos quais os indivíduos deixam a condição anterior para assumir um novo *status,* no momento em que se utilizam da nova vestimenta. Seguindo esse pensamento, passar a vestir as camisetas *HangTen*, ou a similar fabricada artesanalmente, imprimia ao rapaz estar numa nova condição: ele era surfista e deveria vestir-se como tal. Assim, vestido de tal forma, poderia ser identificado como surfista em espaço que não fosse o da praia,

---

[239]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[240]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[241] LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na idade média.** [trad. Marcos Flamínio Peres] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 141.

como era o caso das festas ou “tertúlias”, que aconteciam nos clubes da cidade, como o Náutico Atlético Cearense, por exemplo. E nessas festas, o visual californiano parecia garantir também o sucesso no relacionamento com as “cocotas”, ou seja, com as garotas.

> As camisas francesas Lacoste, e suas infindáveis imitações, grande mania de uns anos atrás, foram trocadas pelas camisas americanas *hangten*, com dois pequenos pés estampados como marca registrada. Aliás no mundo dos cocotas, tudo o que é americano é melhor.[242]

Assim, todo um modo de se vestir foi se construindo no meio desses surfistas. Uma forma de se vestir que passou a estar intimamente ligada ao consumo, inclusive consumo de roupas.Sendo surfista, ou parecendo ser um, todos os outros valores, além da aparência, estavam implicados. Eles eram também descolados, ágeis, etc., mesmo que não fossem surfistas. Assim, podemos pensar que *“Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural”*,[243]acompanhando alterações e revelando as tramas das sociedades.

Nesse sentido, considera-se aqui que essa distinção do corpo dos praticantes de surfe foi fundamental para a formação de um corpo surfista. É certo que as transformações corporais pelas quais esses jovens passaram, não se inscrevem na ordem de mutilações ou deformações de partes do corpo, entretanto, ainda sim se inscrevem na ordem de uma marcação cultural.

Finalmente, chegamos à conclusão de que, entre 1972 e 1986, um corpo do surfista foi socialmente construído. Tanto pelos jornais da época, que divulgavam o surfe como atividade física, quanto por eles mesmos. Esses corpos foram exaltados pelos jornais e também foram cultivados por aqueles jovens, fazendo com que diálogos entre corpo saudável e natureza começassem a surgir.Tal fato nos faz pensar que o surfe era também uma prática corporal, por que não se restringiu à atividade física em si mesma. Mas imprimiu alterações substanciais na imagem de vários jovens, imprimindo-lhes características peculiares que funcionaram com fator de segregação e diferenciação.

---

[242] Geração Cocota. **Veja**, São Paulo, 4 jun. 1975. P.52.
[243] LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2ª ed. [trad. Sonia M.S. Fuhrmann] Petrópolis, Vozes, 2007. P.8.

Essas transformações corporais e a construção de uma aparência peculiar ocorreram devido a fatores provocados diretamente por eles, como o ato de passar a parafina nos cabelos, vestir-se com determinados tipos de roupas, por exemplo, mas também a fatores que se relacionam intimamente ao contato constante com o mar, o sol e o vento, como é o caso do bronzeado constante que escurecia a pele, fazendo com que outras pessoas estranhas ao universo desses surfistas pudessem, até mesmo, confundir o real tom de pele desses indivíduos, sem falar na magreza corporal característica de quem praticava muito exercício físico ao passo que muitas vezes se alimentava mal ao, muitas vezes, comer apenas pão e coca-cola, por exemplo.

Esses corpos que inspiravam descontração e "recordações de férias" contínuas servia como status e distinção no meio jovem tanto para outros garotos que não praticavam o surfe, como para as garotas que, muitas vezes, apreciavam rapazes com a aparência dourada do sol e com roupas coloridas.

Nesse sentido verifica-se aqui que esse corpo foi socialmente construído. As concepções de saúde, as roupas e a influência de uma cultura vinda dos Estados Unidos e as transformações ocasionadas pelos elementos naturais, como o sol e o mar foram elementos fundamentais para a configuração de referências corporais que ajudaram a moldar corpo característico do surfista. Ele foi tornado surfista, mas também foi torneado, foi moldado, através da junção da natureza com a atividade física. Ele alterou-se, inicialmente, a partir da prática do surfe que foi substancial, mas também não se restringiu a ela. Outros elementos importantes foram incorporados a esse corpo para que ele se configurasse, lá pelos idos dos anos 80, como o corpo característico daquele que surfa, influenciando tanto a maneira como eles se viam, como a maneira como eram vistos.A moda vinda da Califórnia deu um impulso fundamental para essa configuração.

Nesse sentido, é possível verificar que o corpo é instrumento de práticas sociais e também elemento influenciado pelo consciente e inconsciente das ações dos sujeitos, ele também é simbólico, sendo, portanto, capaz de caracterizar as sociedades e as culturas, sendo possível conhecer as facetas dessas sociedades através dos modos de vestir, das concepções de saúde/doença, dos gestos ou até dos fatos mais comuns do cotidiano como o sentar, andar e se comportar.Penso que o corpo enquanto objeto de estudo pode ser interessante para entendermos melhor as sociedades e até mesmo o conhecimento histórico. E o papel do historiador enquanto investigador desse corpo seja

o de talvez se encontrar nele, mas o de também se posicionar diante dele. Como disse Sandra JatahyPesavento: *"O historiador permanece historiador neste diálogo, pois a História é o lugar de onde se faz a pergunta."*[244]

[244]PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.p. 109.

3 POR UMA "PRANCHA DE FIBRA BACANA": INTERCÂMBIO, IMPROVISO E TÉCNICA NA FABRICAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

> Como fazer para historicizar a criação de um ser que parece logo transbordar de seu quadro histórico para retornar na totalidade do tempo e se espalhar na totalidade do espaço? A única solução, comum na história, consiste em atribuir historicidade a todos os elementos que entram no relato.[245]

Durante muito tempo, os historiadores pareceram desconsiderar o fato de nós vivermos em uma sociedade composta não apenas por humanos, mas também por máquinas e artefatos. Suas pesquisas pareciam desconsiderar a intensa relação construída entre humanos e seres inanimados nos mais variados níveis, fazendo perdurar por muito tempo uma história essencialmente humana. Nesse sentido, a relação entre o surfista e suas pranchas, cordinhas e parafinas são um exemplo interessante para perceber que seres humanos não vivem ou se relacionam apenas com outros seres humanos e com a natureza, mas também com seus objetos, artefatos e utensílios, extrapolando a relação meramente utilitária. Tal fato nos leva a crer que essa relação se dá de maneira bem mais abrangente.

A abrangência dessa relação leva-nos a pensar as relações entre o homem e a máquina, entre a natureza e o artifício, percebendo a técnica como um espaço importante de mediação entre os dois[246], verificando em que medida a relação humano-máquina (incluindo aí as relações humano-humano, humano-máquina, máquina-humano e máquina-máquina) se modificou ao longo do tempo. Considerar que as relações entre natureza e cultura contribuem para modificar o homem e seu corpo e que essas modificações são um dado eminentemente histórico vem sendo cada vez mais usual.[247]

---

[245] LATOUR, Bruno. *Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de Ácido Lático.* Histórias, Ciências, Súde – Manguinho, II (1), 7-26 mar-jun. 1995. p. 13.
[246] Os conceitos de Gilbert Simondoncomofudamentos para o design. p. 1.
[247] SANT'ANNA, op. cit. p. 74.

No entanto, o papel conferido aos seres não-humanos como fator relevante na história ainda desafia muitos pesquisadores. Bruno Latour, ao pesquisar a história da ciência, indagava o seguinte: Como historicizar a relação que o homem estabelece com os materiais, a cultura e a natureza? Ou ainda, como estabelecer a historicidade das coisas? Como diz Bruno Latour, talvez seja importante considerar uma reciprocidade nos acontecimentos , de tal forma que se possa atribuir certa reciprocidade entre objeto e ser humano, conferindo também grau de historicidade nos objetos que entram nos relatos.[248]

Nesse sentido, Gilbert Simondon[249] também propõe uma tomada de consciência ao fato que a cultura tenha se tornado um sistema de defesa contra as técnicas. Para ele, a cultura da forma como é apresentada acaba supondo que os objetos não possuem realidade humana, ignorando a presença dos homens na realidade técnica. Assim como os homens se relacionam com os objetos sendo afetados por eles, os objetos também carregam nuances humanas. Ele afirma que, na verdade, não existe uma oposição entre cultura e técnica, mas entre o que é feito por humanos ou o que é apenas da técnica em si, constituindo o mundo dos objetos técnicos, mediadores da relação entre natureza e homem.Por certo, para Simondon, a importância de pensar essa relação humano-máquina, reside no fato de que humanos e máquinas têm diferentes modos de existência.

Nesse sentido, Jean Baudrillard[250] propõe estudar o objeto técnico não só através de suas mudanças técnicas em si, mas "[...] como os objetos são vividos, a que necessidades, além das funcionais, atendem, que estruturas mentais misturam-se às estruturas funcionais e as contradizem, sobre que sistema cultural, infra ou transcultural, é fundada a sua cotidianidade vivida."[251]

Então, o que ele passa a propor é estudar não só a utilidade e a evolução do objeto em si, mas também em que medida esses objetos atendem às necessidades mais íntimas dos seres humanos. Ele verifica que os artefatos possuem funções utilitárias, mas não só isso. Eles também carregam sentidos, emoções, refletem estruturas sociais, definindo de

---

[248] LATOUR, Bruno. *Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de Ácido Lático.* Histórias, Ciências, Súde – Manguinho, II (1), 7-26 mar-jun. 1995.
[249] SIMONDON, Gilbert. El modo de existência de los objetos técnicos. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2007. p. 31.
[250]BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
[251]Ibid. p. 10-11.

que maneira as pessoas, conscientes ou inconscientemente, estabelecem relações com eles, verificando quais condutas humanas resultam do estabelecimento dessas relações.[252]

Assim como Latour[253] falou de Pasteur, enquanto cientista conceituado, cuja imagem nasceu a partir da configuração do fenômeno da pasteurização e da descoberta do ácido lático, como um acontecimento que se dá com o ácido lático, ou seja, como a figura do Pasteur nasceu a partir desse fenômeno, também a figura do surfista consolidou-se em Fortaleza em parte a partir da transformação e construção dos equipamentos de surfe. Essa *expertise* foi algo fundamental para a fabricação da figura do surfista em Fortaleza. Mas não só isso, fez parte de todo um conjunto de práticas apreendidas por aqueles sujeitos quando da chegada da prática do surfe nesta cidade. O desenvolvimento das técnicas de fabricação da pranchas de surfe e dos equipamentos acessórios, aliados à re-apropriação desse modo de fazer desses utensílios, nos leva a crer que fatores humanos e não humanos foram essenciais para o desenvolvimento da técnica do surfe.

A partir dessas premissas, o objetivo neste capítulo é analisar a fabricação das pranchas e dos acessórios complementares enquanto artefato técnico, percebendo em que medida a apreensão dos modos de fazer, modos de funcionamento e divergentes concepções, fez parte da construção do surfe enquanto prática, uma prática mais abrangente que exigiu aos surfistas da época a obtenção de uma série de conhecimentos que modificaram aqueles que o apreenderam, mas também alteraram o surfe em si mesmo, modificando os surfistas e o fazer surfístico, a partir dos diversos tipos e formatos de pranchas. O intuito aqui é pensar a relação do surfista com o objeto como algo relacional que vai além da relação utilitária, servindo também como mediação entre homem e natureza.

O objetivo aqui é perceber que sempre existe reciprocidade na relação homem, natureza e artefato técnico, nesse caso, entre homem, mar e prancha. O surfista que começou a pegar onda naquela época precisou apreender uma série de conhecimentos, que o levou a transformar e transformar-se para melhor se relacionar com seu

[252]Ibid.p. 11.
[253] Nesse artigo, Bruno Latour enfatiza o fato de que foi o acontecimento que gerou o cientista, não o contrário.

equipamento e com o surfe, extrapolando os limites da prática em si. Em que medida as transformações engendradas nas diferentes pranchas interferiam diretamente na atuação deles dentro d'água? Como essas alterações eram feitas? Em que essas mudanças implicavam? O objetivo é estudar esse tempo de descobertas dos materiais, dos formatos e das maneiras de surfar de maneira mais abrangente:

> Não se trata pois dos objetos definidos segundo sua função, ou segundo as classes em que se poderia subdividi-los para comodidade de análise, mas dos processos pelos quais as pessoas entram em relação com eles e da sistemática das condutas e das relações humanas que disso resulta.[254]

Atualmente, para surfar, é necessário uma prancha, o *strap*[255] e um pouco de parafina[256]. Esses elementos podem ser facilmente encontrados em lojas especializadas em artigos esportivos ou fabricantes locais. No entanto, essa facilidade nem sempre foi dessa maneira. Os equipamentos que dispomos hoje nem sempre existiram. Por vezes, eram inacessíveis na Fortaleza daquela época. Os equipamentos nem sempre foram acessíveis na cidade. Muitas vezes era preciso viajar para outros lugares em busca dos materiais necessários. Fundamentais para intermediar a relação entre surfista e mar, prancha, strap e parafina já foram dificílimos de obter. Diante dessa dificuldade, as artimanhas para obtenção desses artigos foram as mais diversas. A venda, troca, ou até mesmo a fabricação artesanal das pranchas e outros acessórios tornou-se muito comum entre os jovens surfistas do período aqui estudado, contribuindo, inclusive, para a formação da figura do surfista da época.

Dessa forma, iniciaremos discutindo os primeiros equipamentos trazidos dos Estados Unidos. Num segundo momento, serão analisadas as técnicas de improviso dos equipamentos e posteriormente discutiremos a relação entre o surfista e os equipamentos para a prática do surfe na época.

---

[254]BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2004.p. 11

[255] Cordinha que liga o surfista à prancha.

[256] A parafina é um derivado do petróleo descoberto por Carl Reichenbach. Conhecida por sua alta pureza, excelente brilho e odor reduzido, também pode ser usada como combustível. Possui propriedades termoplásticas e de repelência à água e é usada amplamente para a proteção de diversas aplicações. No surfe, é aplicada em cima da prancha para obter tração, impedindo que o surfista escorregue em momentos críticos. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parafina e http://www.gogreensurf.com/passar-parafina> Acesso em: 05/05/2013.

3.1Os primeiros equipamentos e as pranchas trazidas de fora

No início dos anos 70, em Fortaleza, só havia duas maneiras para se obter uma prancha de surfe: trazendo de outros locais ou fabricando a própria prancha. Ao contrário de pólos irradiadores do surfe como os Estados Unidos e Rio de Janeiro, em Fortaleza não havia nenhuma *surf shop*[257] ou qualquer outro estabelecimento comercial que pudesse vender o equipamento a quem se interessasse a começar a surfar. Nesses locais, uma grande confluência de informações relativas ao surfe já se apresentava há muito tempo.

Somente por volta de 1977, a primeira loja de surfe de Fortaleza foi aberta. De acordo com André Griéser, seu proprietário era Júlio César Henrique, um apaixonado pelo surfe. O estabelecimento localizava-se *"na transversal do Colégio Batista"* e era um *"cantinho bem pequenininho"* dentro de uma galeria de um amigo de Júlio. Apesar de contar com poucos artigos, lá era possível comprar pranchas e uma ou outra parafina.

No entanto, nos jornais, a primeira referência encontrada com relação a esse tipo de estabelecimento foi apenas no final de 1978, quando, por três dias, o Jornal O Povo veiculou três anúncios sobre a Acqua Mar, loja de propriedade do João Luiz (Sarará), até então "(...) a única casa de artigos de surf da cidade" [258], propondo-se a ser "(...) a única especializada em artigos de surf e caça submarina na cidade."[259]

[257] Estabelecimento comercial especializado na venda de artigos para a prática do surfe, tais como: pranchas, parafinas, straps, bermudas, etc.
[258] A CASA DE SURF . O Povo, Amadorismo, 13 dez. 1978. p. 27.
[259] O SURF EM CRESCIMENTO O Povo, Amadorismo, 15 dez. 1978. p. 27.



Figura 17 - Foto da Acquamar. Primeira loja de surfe, apenas em 1978.[260]

De acordo com a reportagem, ela comercializava não só artigos de surfe, mas também outros tipos de artefatos para esportes náuticos, materiais destinados à prática da pesca submarina, todas atividades que também difundiram-se naquela época em Fortaleza.

Diante desse fato, até aproximadamente 1977 os primeiros surfistas tinham que buscar no Rio de Janeiro e Estados Unidos seus equipamentos para a prática do surfe. Apesar do surfe ter aparecido pela primeira vez em Santos, de fato, o Rio de Janeiro foi um dos pólos irradiadores do surfe no Brasil.[261] O intenso intercâmbio de coisas e pessoas na cidade contribuiu fortemente para que a cidade passasse a ser referência no que diz respeito a compra e fabricação dos materiais. O fato de ser um dos pontos turísticos mais visitados do país, fazia com que a chegada de pranchas de surf estrangeiras se desse com maior freqüência do que acontecia em Fortaleza no mesmo período.

Ao mesmo tempo, outra forma de obtenção das pranchas também se fez possível: aqueles que vinham de outros lugares para pegar ondas em Fortaleza traziam consigo artefatos de surfe, tais como pranchas, *streps* e bermudas com a finalidade de vendê-los, já que sabiam da escassez e dificuldade em adquiri-los no Ceará. Os irmãos

[260] O SURF EM CRESCIMENTO O Povo, Amadorismo, 15 dez. 1978. p. 27.
[261] Isso aconteceu em 1938, com os surfistas Osmar Gonçalves, Juá Haffers e Silvio Manzoni.

Mudinhos[262] foram um exemplo disso. A cada vez que vinham de férias à Fortaleza, traziam dezenas de artefatos para a prática do surfe que enlouqueciam aqueles que aqui moravam. As novidades trazidas do pólo brasileiro das novidades relacionadas ao surfe eram tão logo vendidas aqui, de modo que nenhum artefato restava remanescente."Quando os caras vinham, a gente comprava tudo, só não comprava o carro por que os caras tinham que voltar. Comprava as pranchas, comprava os calções, comprava a parafina, o strap, comprava tudo."[263]

No Rio de Janeiro, local onde a compra desses objetos era mais fácil, até mais ou menos o ano de 1964, imperavam as madeirites[264]. Elas eram pranchas retas, sem curvaturas e com as bordas quadradas. Muitas vezes, nem eram consideradas pranchas: "Prancha" é uma licença poética: aquela tábua plana, sem quilha e quase quadrada era conhecida na praia como "porta de igreja".[265] Aos poucos, elas foram sendo aperfeiçoadas, ganhando, inclusive, curvas.[266]

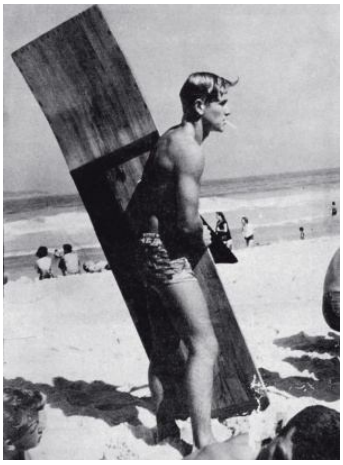


Figura 18-Arduíno Colasanti e sua prancha "porta de igreja",Arquivo Pessoal/ Irencyr Brandão disponível em: http://revistatrip.uol.com.br/revista/217/reportagens/lemann-broders.html#2

[262]De acordo com Antônio Carlos Quinderé, os irmãos Mudinhos eram surfistas cariocas que possuíam família em Fortaleza e, por conta disso, vinham à cidade no período das férias escolares.
[263]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[264] As madeirites era tábuas de madeira maciça, com pouca flutuabilidade, com 2,5cm de espessura, feita de réguas de 15cm de madeira macho e fêmea, retangular e o bico envergado do tamanho de uma porta, 2,20cm de comprimento por 50cm de largura, em baixo uma quilha comprida de 60cm por 5cm de altura. Fonte: http://lendasdosurf.blogspot.com.br/2009/05/lendas-do-rio-irencyr-beltrao-as.html Acesso em: 29/04/2013.
[265]http://revistatrip.uol.com.br/revista/217/reportagens/lemann-broders.html#2 Aceso em; 27.04.13.
[266]http://revistatrip.uol.com.br/revista/217/reportagens/lemann-broders.html#2 Acesso em 29/04/2013.

A imagem acima retrata uma madeirite, uma das primeiras pranchas. Nela, é possível perceber a ausência de curvas, a presença de bordas quadradas e os veios da madeira, com o formato de uma verdadeira porta. É possível afirmar, inclusive que "Nesse período do surf brasileiro, qualquer coisa que flutuasse poderia ser utilizada como prancha. Era comum o uso de tábuas de madeira e de pés de pato, usados para compensar a falta de flutuabilidade." [267] "[...] as pranchas não passavam de rudimentares madeirites. Nessa época, um surfista chamado Russel Coffin tinha trazido dos EUA uma prancha de fibra de vidro, da marca Bing, com 9 pés e 6 polegadas de altura. [268]

Outros tipos de pranchas, feitas de diversos tipos de materiais foram surgindo, até que em 1968, no Rio de Janeiro, um Coronel da Aeronáutica chamado José Freire Parreiras Horta, mais conhecido como Coronel Parreiras, tornou-se responsável pela primeira fábrica de expansão de blocos de poliuretano do país. Ele adquiriu, junto a Gordon Clark[269], uma licença para expandir seus blocos de espuma em nosso país, e desde os anos de 1968 até 1972 produziu centenas de pranchas, ao mesmo tempo que monopolizava o mercado brasileiro, sendo também proprietário da São Conrado Surfboards.[270] Nesse sentido, os pilotos das empresas aéreas comerciais contribuíram enormemente para a expansão de novidades relativas ao surfe no país.[271] O grande intercâmbio empreendido por eles devido ao fato de um maior contato com o exterior possibilitava trazer esses equipamentos com maior facilidade.

Em 1968, o Brasil já sofria influências do surf mundial, acompanhando,com certo grau de demora, as novidades que apareciam no exterior. Nesse ano, as pranchas minimodels[272] começavam a ser uma constante nas praias cariocas e em alguns outros locais do litoral brasileiro.[273]

---

[267] ÁRIAS, Marcello. **Surf gênese – a antropologia do surf.** Encarte Alma Surf, ed. 8, capítulo V. p. 4
[268] Ibid. p. 5.
[269] "World´s leading prodcer of the polyurethane foam blanks that are used as the surfboard´s core material; founded in 1961 by Gordon "Grubby" Clark. **Em uma tradução livre:** Principal produtoramundial de blocos de poliuretano, material usado no núcleo das pranchas de surfe; fundada em 1961 por Gordon "Grubby" Clark. In: WARSHAW, Matt. The encyclopedia of Surfing.Harcout.EUA 2003.p. 122.
[270] ÁRIAS, op. cit. p. 7.
[271] Ibid. p. 6.
[272] Pranchas pequenas, em relação aos antigos pranchões.
[273] ÁRIAS, op. cit. p. 7.

Em escala internacional, as inovações na indústria química proporcionaram nos anos 50 a substituição da madeira pelas espumas de poliuretano[274] na fabricação das pranchas, tornando-as mais leves e mais fáceis de utilizar, proporcionando ao corpo novas sensações.[275] Mais tarde, outras substâncias, tais como o poliestireno, o epox, o poliéster e o mekp (peróxido de etilmetil cetona), passaram a ser utilizados na fabricação dos equipamentos de surfe. Todos eles eram produtos químicos, catalisadores[276] de resina de poliéster e que passaram a fazer parte do cotidiano dos surfistas.[277]

Dessa forma, quando as primeiras pranchas de surfe vieram para Fortaleza, aproximadamente em 1972, já eram as pranchas de fibra, vindas ou dos Estados Unidos ou do Rio de Janeiro. Portanto, é possível constatar que em Fortaleza não se experimentou uma "evolução" ou um "desenvolvimento" dos equipamentos como aconteceu outras cidades. Como a influência vinha de locais onde o surfe já era praticado há tempos, não tivemos aqui uma evolução linear no que diz respeito aos diferentes tipos de pranchas. Aqui, não se teve primeiro os longos pranchões de madeira ou as "portas de igreja" para depois surgirem as pranchas menores, feitas de fibra de vidro numa seqüência cronológica e linear. Pelo contrário, ao revés de outras cidades, onde os equipamentos experimentaram alterações e inovações num sentido mais linear, de evolução das técnicas de fabrico e manutenção de seus materiais, iniciando nos antigos pranchões de madeira, passando pelas pranchas de isopor e, posteriormente,

---

[274]"Poliuretano (denominado pela sigla PU) é um polímero amplamente usado em espumas rígidas e flexíveis, em elastômeros duráveis e em adesivos de alto desempenho, em selantes, em fibras, vedações, gaxetas, preservativos, carpetes, peças de plástico rígido e tintas. Poliuretanos tem este nome porque são formados por unidades de uretano, ou carbamato. A criação dos poliuretanos é atribuida ao químico industrial alemão Otto Bayer (1902–1982), que descobriu a reação de poliadição de isocianatos e polióis. O produto foi inicialmente desenvolvido como um substituto da borracha, no início da Segunda Guerra Mundial"
http://pt.wikipedia.org/wiki/Poliuretano Acesso em: 15 out. 2013.
"Otto Bayer e colaboradores deram início à indústria de poliuretanos, explorando o uso comercial dos isocianatos e começando a trabalhar no desenvolvimento de polímeros à base de poliésteres, que se tornariam competitivos com o nylon. Com o advento da II Guerra mundial e a conseqüente carência de materiais de borracha, incentivou-se o desenvolvimento de produtos a base de uretana, para aplicações como fibras, cerdas, adesivos, revestimentos, elastômeros e espumas. Trabalhos intensivos realizados nos Estados Unidos e Inglaterra fizeram com que a tecnologia da uretana tornasse mundialmente conhecida.
NO BRASIL, as primeiras fábricas de espuma flexível foram instaladas, na região sudeste, entre 1961 e 1965. Estas fábricas foram montadas com equipamentos
trazidos da Europa, e dependiam de matérias-primas importadas para o seu funcionamento."
http://poliuretano.wordpress.com/historia-do-poliuretano/

[275]MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos. Uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 100-101.

[276] Os catalisadores eram substâncias que serviam para acelerar a diluição da fibra de vibro com os diluentes como forma de moldá-la nas pranchas.

[277]DIAS, op. cit. p. 156.

alcançando aquelas fabricadas com fibra de vidro, Fortaleza experimentou outro tipo de relação com os diferentes tipos de pranchas. Como não era esse pólo irradiador de tendências no mundo do surfe, e suas influências vinham externamente. A capital cearense só veio, mais ou menos 10 anos depois, entrar em contatos com o surfe, quando em locais como Califórnia, Rio de Janeiro, ou até mesmo Santos, esse contato já se apresentava há muito mais tempo.

No entanto, isso não quer dizer que outros tipos de pranchas, mas rudimentares ou mais simples, não tenham coexistido. Pelo contrário, durante todo o início da prática do surfe em Fortaleza, vários modelos e tamanhos de pranchas podiam ser vistas nas ondas da Praia do Náutico e Ideal. Ao mesmo tempo em que os surfistas mais favorecidos economicamente traziam dos Estados Unidos as pranchas mais avançadas, os surfistas que não conseguiam adquirir as pranchas, tentavam fabricar o seu próprio equipamento com os materiais disponíveis na cidade ou compravam as pranchas usadas dos surfistas mais ricos.

Os tipos de pranchas variavam da seguinte forma: das pranchas de fibra de vidro e poliuretano às pranchas fabricadas pelos surfistas. Aqueles que conseguiam viajar para lugares como Califórnia ou Rio de Janeiro, traziam para Fortaleza as últimas novidades em termos de equipamentos técnicos: pranchas de fibra, parafina de alta qualidade e todo o equipamento necessário. Aqueles que não tinham condições financeiras para viajar Aos locais distantes em busca dos equipamentos necessitavam adaptá-los conforme os materiais disponíveis na cidade. Tal fato se dava de tal forma que, para alguns dos surfistas entrevistados, a memória sobre as pranchas de fibra se deram só mais tardiamente: “Eu me lembro como se fosse hoje, acho que em 76, não sei exatamente o período, acho que exatamente mais pra 77, foi quando a gente viu a primeira prancha de fibra.” [278]Embora, os primeiros surfistas em Fortaleza que afetaram a percepção dos outros com relação ao surfe como prática lúdica, André Griéser, Antônio Carlos Quinderé e Gladstone, iniciaram o surf com pranchas de fibra de vidro e poliuretano, trazidas de fora em suas viagens.

A influência externa era de tal forma que, em janeiro de 1972, quando André Griéser foi estudar pela primeira vez nos Estados Unidos, especificamente no estado do

[278]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Texas, numa cidade a 40 minutos da Praia de Ireland, através de um programa de intercâmbio. Ele foi disposto a comprar uma prancha de surfe igual àquelas que lhe fascinava nas páginas da revista Life[279] tão logo chegasse em terras americanas. E assim o fez. Na primeira ida à praia comprou uma prancha usada e começou a tentar pegar onda propriamente. Ao retornar à Fortaleza, trouxe na bagagem um caixote de madeira contendo a prancha, além de alguns materiais para a manutenção e conserto do equipamento.

Ainda no mesmo ano, Antônio Carlos Quinderé entrou em contato com a prática do surfe no Rio de Janeiro, na Praia do Arpoador, pólo irradiador do surfe no Brasil. Como ele nasceu em Fortaleza, e sua família morava na capital cearense, sempre retornava durante o período das férias. Nesse ano, trouxe para o Ceará uma prancha de fibra de vidro e também começou a surfar.

Em Fortaleza, inicialmente existiram também as pranchas Procópio[280], fabricada pela empresa de mesmo nome. Ela era feita de compensado, algumas tinham alças, com a finalidade de pegar onda com pés de pato e outras não, para pegar onda em pé mesmo.[281]

[279] O pai de André assinava a revista LIFE Magazine, que é uma publicação americana especializada em fotojornalismo, fundada em 1936 por Henry Luce (fundador da Time Magazine), depois de adquirir os direitos da marca Life. A publicação periódica do Life Magazine terminou com a edição de maio de 2000.
[280] Procópio era uma empresa que produzia e produz, até hoje, mesas de ping-pong em São Paulo.
[281] GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.



Figura 19 - Prancha fabricada pela Procópio, Acervo Museu do Surfe,disponível em: http://www.museudosurf.com/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=20

Além da prancha fabricada pela Procópio, foram encontrados registros de uma prancha chamada Kaiká. Ela era vendida em lojas em maior escala. De acordo com André Griéser, essas pranchas eram demasiadamente frágeis, de modo que era muito comum a associação do nome Kaiká com: "cai e quebra". Outras pranchas, tais como as Pranchas Guarujá, neste caso feitas de isopor, também existiram em Fortaleza até aproximadamente o ano de 1975.

No entanto, as pranchas que mais comuns foram as *Planondas*.[282] Elas foram as primeiras pranchas a se popularizar por aqui. Eram feitas de isopor, possuíam o formato de uma prancha convencional, tal como conhecemos hoje, mas não possuíam quilhas[283],

[282] Dialeto do Surf. Prancha de isopor. Também se usa o termo em relação à pranchas de fibra. Fonte: http://dicionario.babylon.com/planonda/ Acesso em: 27.04.2013.

[283] A Quilha é em náutica uma peça forte - na origem em madeira - da embarcação que se estende da proa à popa, configurando-se como uma verdadeira espinha dorsal da embarcação. No surfe, são fundamentais para o desempenho do surfista, pois permitem controlar a prancha em diversas situações, como nas ondas grandes ou em manobras extremas, absorvendo a energia do fluxo da água, dando direção, agregando pressão e velocidade aos movimentos, o que pode melhorar ou comprometer o funcionamento da prancha. Seu formato básico é de um triângulo, a parte da frente onde fica a curvatura, chama-se template. A parte de baixo é a base, onde é medido o comprimento da quilha. Juntas, elas formam a área da quilha. Todas essas variáveis influenciam a performance do surfista, de forma que a área da quilha deve estar

que são fundamentais para garantir a estabilidade na prancha durante a descida na onda. A foto abaixo retrata bem como esse tipo de planta possuía um desenho simples, tal qual o material do qual ela era feita:



Figura 20 - Foto atual de uma antiga prancha Planonda



Figura 21 - Foto atual de uma antiga prancha Planonda

Quando algum surfista trazia alguma prancha de fora, com o formato e material de melhor qualidade, era logo abordado pelos colegas, que diziam até mesmo queconseguiamaperfeiçoar a maneira de pegar ondas com o novo equipamento:

> Na época do nosso desenvolvimento do surfe, do meu, foi na época que veio umas pranchas pra cá de dois irmãos, que eles eram representantes... o pai deles era representante da Brahma aqui em Fortaleza era (sic) as pranchas do Heitor, certo?! Do Heitor, então era...Todo mundo era louco por essas pranchas. A lateral delas uma era amarela, que era a do Maurício, que ele não pegava onda, graças a Deus. Aí quem pegava onda era eu e o Marcelo. Então essas pranchas aí, ave Maria, foi o meu desenvolvimento de surfe.Por que era uma prancha com outline melhor, entendeu?! E depois daí foi onde eu

---

proporcionalmente de acordo com o peso do surfista e seu grau de habilidade. Quanto mais leve o surfista, menor deverá ser o tamanho das quilhas, quanto maior o grau de habilidade, maior a pressão exercida sobre a prancha, e maior deverá ser o tamanho da quilha. O surfista ou o shaper devem escolher as quilhas de acordo com o tipo de prancha, tamanho e peso do surfista, o estilo do surf e tamanho das ondas. Atualmente existem diversos modelos de quilhas, por isso é importante conhecer o material, a tecnologia e design de cada uma delas.
http://waves.terra.com.br/surf/noticia/por-dentro-das-quilhas/40177 Acesso em: 05/05/2013.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilha_(n%C3%A1utica) Acesso em: 05/05/2013.
http://lojadesurf.wordpress.com/2012/12/26/as-diferentes-funcoes-das-quilhas/ Acesso em: 05/05/2013.

> comecei mesmo a crescer no surfe, tomar o gosto mesmo por que a prancha que a gente pegava onda era arcaica, como se diz, né?![284]

Seja viajando para fora do país, seja indo ou vindo do Rio de Janeiro, o fato é que nem todos os surfistas começaram a surfar a partir do mesmo procedimento. Eles se aproximaram desse fazer a partir de processos distintos, a partir de um entroncamento de fronteiras que extrapolam à própria cidade. Em Fortaleza, aqueles que vieram posteriormente, precisaram adaptar-se diante da indisponibilidade do equipamento, elemento fundamental para esse tipo de prática, em Fortaleza, já que para a prática desse esporte é necessário uma técnica especializada na fabricação das pranchas, atualmente feitas de poliuretano, fibra de vidro e outros componentes.[285]

3.2"Ela corria muito": improvisos e técnicas de fabricação dos equipamentos

Como a prática do surfe era possível se nesse período, em Fortaleza, não havia nenhum estabelecimento onde fosse possível adquirir o equipamento necessário? Como proceder quando a prancha quebrava? Quem consertava? Como consertava? Como obtiveram esse conhecimento? Esses são alguns questionamentos que serão discutidos a seguir. Nesse tópico, o intuito é analisar como os equipamentos eram fabricados pelos próprios surfistas diante da ausência ou escassez de pranchas à venda, verificando os estratagemas engendradas pelos jovens surfistas da época com a finalidade de obter materiais necessários à sua fabricação.

De fato, conseguir uma prancha não era algo tão simples para a maioria dos surfistas. Muitos deles eram ainda muito jovens, com 13, 14 anos e dependiam dos pais para a obtenção do equipamento, o que, em algumas ocasiões configurava-se como um entrave à obtenção da prancha:

> Como eu não podia trazer isso pra cá, eu voltei pro clube e lá eu fiz uma de madeira, por que meu pai não consentiu. Disse que ia ser a tampa do meu caixão, que não sei o que mais lá e tal... Então já que o senhor não vai me dar o dinheiro eu vou fazer uma pra mim. Isso eu tinha o que, 9, 10 anos, né?![286]

---

[284]FRANCO, Antonio C. Q. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[285] O Povo, 27 de janeiro de 1978. Fls. 31.
[286]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Capibaribe, por exemplo, teve a oportunidade de ir ao Rio de Janeiro, durante um campeonato de natação, e vendo a prática do surfe, pediu ao pai para que adquirisse uma prancha. O desconhecimento sobre o que era o surfe e os riscos que essa atividade poderia causar levaram ao pai dele impedir que ele obtivesse a prancha naquele momento. Entretanto, tal fato não o impediu de fabricar a própria prancha, como tentativa de suprir a falta que o artefato não comprado pudesse lhe fazer.

Outro impeditivo também era o alto preço. Por certo, somente os mais privilegiados entravam em contato com os bons equipamentos, vindos de fora, portanto, com uma técnica já mais elaborada. Diante da ausência de aparelhamentos necessários, o desenvolvimento de um olhar aguçado nas revistas ou nas outras pranchas que se podia tomar contato desenvolveu-se em alguns daqueles jovens. Capibaribe foi um deles. Considerado por seus contemporâneos como o sujeito mais inventivo do universo do surfe fortalezense da época, ele ousou construir sua própria prancha de maneira inusitada, resolvendo observar aquelas que já podiam ser vistas, para depois construir o equipamento à sua maneira:

> E aí eu vi, mas não tinha o molde. E aí o molde foi da minha cabeça. E aí eu fiz 5 projetos. Eu fiz esse do portão dos Diários,depois eu fiz o que é o do Antônio Barroso Lima, que depois passou a ser meu técnico, que antes era o Maçal e depois de uns 10 anos passou a ser meu técnico. A gente fez de Timbaúba com compensado, a Timbaúba é uma madeira que faz jangada. Esse projeto eu tenho ainda hoje né, mas esse projeto só foi feito 10 anos depois, em 1975. E aí eu fiz pranchas ocas, de madeira, e elas afundavam né [...] Quando partia, ela quebrava e entrava água e então ela afundava. Você ficava: Cadê, cadê a bicha? Quando você caída da onda, ficava procurando a prancha por que ela demorava a emergir.[287]

Depois de algumas tentativas frustradas, tentando planejar e construir pranchas das mais variadas maneiras: ocas, maciças, com esta ou aquela madeira, Capibaribe utilizou-se de um portão de madeira do antigo Clube dos Diários[288] para construir sua própria prancha. Ele arrancou o portão e fez cortes em suas arestas, retirando suas quinas, fazendo com que seu formato se aproximasse com o de uma prancha. Com a tampa das antigas latas de doce de goiabada, improvisou o formato das quilhas. Tal fato, fez com que o equipamento se tornasse altamente perigoso dentro d'água, já que, além do peso do portão, a estrutura feita de lata tornava-se um objeto altamente cortante no mar. Esbarrar com o Capibaribe e sua engenhoca no curso de alguma onda poderia

[287]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[288] Clube que, na época, localizava-se na Avenida Beira-Mar, em Fortaleza.

seralgo altamente perigoso. Por isso, de acordo com André Griéser, quando Capibaribe entrava na água, era comum os outros se afastarem para evitar qualquer acidente.

No decorrer da entrevista realizada para este trabalho,Capibaribe sempre tenta imprimir um caráter de originalidade, inclusive, mencionando nomes de famosos fabricantes de pranchas, tais como Simon Anderson[289]:

> E aí, o Simon Anderson fez as três quilhas 10 anos depois que eu tinha inventado as três quilhas. Eu inventei as três quilhas com a lata de doce. Era uma quilha de madeira no meio e aí eu pegava uma tampa de lata de doce, daquelas goiabadas cascão. Aí eu cortava no meio e pregava do lado da quilha por que eu sabia que só com uma quilha ela balançava muito, então aquelas duas davam uma direção mais reta à prancha. Ela deixava a prancha mais constante. Ela fazia três pontos, não era só um ponto, era três. E aí o Simon lançou... Todo mundo na época lançando quatro quilhas, cinco quilhas... o Carlos Mudinho também era um surfista que era cearense, mas morava no Rio de Janeiro e ele vinha muito pra cá e ele dizia... Mas a gente não sabia o posicionamento certo, onde ela começava onde ela terminava.[290]

De fato, para conseguir surfar com um "portão", agora adaptado e tornado prancha, Capibaribe precisou adaptar-se também. Como a madeira maciça do portão era muito pesada, ele precisava se posicionar mais próximo da terra, na beira, local onde a onda vinha com maior energia, onde ela quebrava. Com a onda mais forte, ele que, ao contrário dos outros surfistas estava em pé na areia e não sentado em cima da prancha, então subia na prancha e rapidamente ficava em pé. Ou seja, artefato e humano adaptaram-se para que fosse possível alcançar o mesmo resultado daqueles que surfavam com as "verdadeiras" pranchas.

E quem disse que o portão adaptado não era uma verdadeira prancha? Segundo relatos, ele era um exímio surfista e conseguia, de maneira inacreditável, ter um surfe fluido e leve com a prancha adaptada. "Ela corria muito!"[291], dizia André Griéser.

De acordo com a teoria de Gilbert Simondon[292], a prancha construída por Capibaribe tratava-se de um objeto abstrato, ou seja, um artefato que ainda não alcançou um elevado nível de tecnicidade, tendo seus elementos ainda não tão articulados

---

[289] Simon Anderson (nascido em 7 de julho de 1954) é um surfista australiano de competição, shaper de prancha de surf e escritor. A ele é creditada a invenção, em 1980, do design de prancha de três quilhas, chamada de "thethruster" (o propulsor), que continua a ser o formato da indústria padrão. http://en.wikipedia.org/wiki/Simon_Anderson

[290]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[291]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[292] SIMONDON, op.cit.

funcionalmente entre si, necessitando vez ou outra da intervenção ou adaptação do sujeito no artefato. Ou seja, o peso, a falta de flutuabilidade, os elementos cortantes e outras "falhas" da prancha de Capibaribe exigiam dele um maior grau de adaptação às condições impostas pelo objeto técnico, no caso, a prancha. Capibaribe necessitava realizarmovimentos diversos daqueles engendrados pelos outros surfistas a fim de que conseguisse deslizar nas ondas. O simples fato de ficar esperando a onda em pé, dentro d'água, e não sentado em cima da prancha, mostra a necessidade de uma maior intervenção do surfista no momento que a onda chegasse, exigindo dele, no exato momento que a onda viesse, não apenas bater os braços e subir em cima da prancha, impulsionar-se, deitar-se em cima da prancha para, enfim, começar a remar e conseguir movimentar a prancha.

> Una máquina puramente automática, completamente cerrada sobre ella misma en un funcionamiento predeterminado, solamente podría ofrecer resultados sumários. La máquina que está dotada de uma alta tecnicidad es una máquina abierta, y el conjunto de máquinas abiertas supone al hombre como organizador permanente, como intéprete viviente de máquinas, una en relación com otras. Lejos de ser el vigilante de uma tropa de esclavos, El hombre es el organizador permanente de uma sociedad de objetos técnicos que tienen necesidad de El como los músicos tienen necesidad del director de orquestra.[293]

De fato, "ela corria muito" por que necessitava de um maior investimento corporal por parte do surfista. Dessa forma, assim como a prancha feita com restos de madeira responda às expectativas de Capibaribe, ele também respondia às expectativas da tábua, pois era ele quem a fazia correr muito. Seguindo esse pensamento, outros surfistas como Quinderé e outros, acostumados a lidar com a tecnologia das pranchas "do momento" não conseguiriam pegar onda com a referida prancha, ao mesmo tempo que admiravam-se com o fato de ele conseguir fazê-lo.

> Tinha uma história engraçada do Sérgio Capibaribe, que dava aula de natação nos Diários, e ele fez uma prancha da janela dos Diários. Ele improvisou. Todo dia ele ia lá, pegava um pedaço da janela e ia montando a prancha até que um dia ele conseguiu fazer a prancha toda, foi surfar com a gente com a prancha de madeira horrível, dificílimo de surfar por que a madeira não tinha a flutuação que tinha...Mas ele surfou. Ele fez uma prancha de madeira roubando a madeira da janela dos Diários [...] Nós usávamos uma

[293] SIMONDON, op.cit. p. 33.

> prancha de fibra bacana e ele usava uma prancha de madeira que ele tinha pegado da janela dos Diários, que ele ensinava natação.[294]

A prancha montada com pedaços de madeira do Clube dos Diários causava também impressões divergentes. A possível má aparência e a dificuldade que poderia ser surfar numa prancha improvisada foi lembrada com ênfase por aqueles que pegavam onda regularmente com as mais novas pranchas do momento. No olhar de Quinderé, era complicado conseguir pegar onda com aquele material. Nesse sentido, a idéia do surfe para o Quinderé é totalmente diferente da experiência vivida por Capibaribe. Para cada um dos dois surfistas, surfar não era de apenas uma atividade, mas de algo relacional. Surfar, não dependia apenas do equipamento, no caso, do tipo de prancha, mas também do surfista, da relação estabelecida entre os dois.

De maneira mais poética, Baudrillard diria que a madeira de que a prancha de Capibaribe era feita era quase um "ser":

> A madeira por exemplo, tão procurada hoje por nostalgia afetiva uma vez que tira sua substância da terra, vive, respira, "trabalha". Tem seu calor latente, reflete simplesmente como o vidro, queima pelo interior; conserva o tempo em suas fibras, é o continente ideal já que todo o conteúdo é algo que se quer substituir ao tempo. A madeira tem o seu odor, envelhece, tem mesmo seus parasitas, etc. Enfim, este material é um ser.[295]

Tanto é verdade que, diariamente, a tábua tinha que ser moldada, pois sempre acabava voltando ao estado natural:

> Nessa época, meu pai tinha uma Kombi e aí eu usava a roda da Kombi para envergar o bico da tábua. A tábua ficava... A tábua era reta então ela tinha que ter uma envergadura e aí eu botava duas pedras e aí quando meu pai chegava de noite da loja aí eu botava a Kombi em cima da tábua e aí de manhã ela amanhecia envergada. De manhã a gente ia para a praia, de tarde ela tava uma tábua de novo. E na minha carreira de shaper, eu sempre vi assim... as pranchas de tábua andando mais rápido do que as pranchas de fibra. Apesar de toda a tecnologia, do Poliuretano, da resina, da parte e shapear, lixadeira, essas coisas todas... Eu fiz tudo na glosa. A glosa é uma ferramenta grosseira que serve para fazer acabamento na madeira. Então, ela não foi feita no suporte, não foi feita numa plaina elétrica, ela foi feita na glosa. Então, era uma coisa bem grosseira, mas ela andava muito. Ela tinha uma velocidade assim... E isso sempre me encucou por que se a prancha de madeira andava mais rápido do que a prancha de fibra, era por que ela tinha alguma particularidade com a água, que as pranchas não tinham.[296]

---

[294]QUINDERÉ, AntonioCarlos .Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[295]BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2004.p. 44.
[296]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Não foi só Capibaribe que adaptou pranchas e equipamentos naquela época. Posteriormente, outros surfistas também o fizeram, ajustando pranchas que não atendiam mais aos anseios deles. Foi o que aconteceu com as famosas Planondas. Elas, originalmente, eram feitas para o surfe deitado, com o intuito de deslizar nas ondas com todo o corpo entrando em contato com a prancha. No entanto, as transformações concebidas pelos novos surfistas proporcionavam outros movimentos nas Planondas:

> [...] mas eu já pegava em pé, eu adaptei uma quilha nela, eu tinha o que?! 8 anos de idade, eu morava no Rio, eu via os surfistas nas revistas surfava (sic) em pé [...]uma quilha de madeira, eu fiz um buraco no isopor, totalmente malfeito mas...e adaptei...imitando o que eu via na televisão, nas revistas e no Arpoador.[297]

A convivência com as pranchas mais elaboradas tecnicamente, aquelas trazidas da Califórnia ou do Rio de Janeiro, proporcionava nos donos das Planondas a vontade de adaptá-las. Seu formato rudimentar parecia não atender mais às vontades de seus donos, levando-os a inserir as quilhas equipá-las, mesmo que fosse com "(...)tipo uma coisa de isopor mesmo dando uma idéia de uma quilha."[298]

> A gente pegava prancha de isopor no começo. Prancha de isopor Planonda. A gente fazia um buraco na parte de trás da prancha, fazia uma base, fizemos um molde de uma quilha. A gente surfava com prancha de isopor em pé. Botava umas quilhas na prancha [...][299]

A adaptação da antiga prancha de isopor proporcionava surfar em pé e aproximar-se um pouco mais do estilo das novas pranchas de fibra de vidro:

> Aí a gente olhando aquilo dali, aquele movimento, aí o Ronaldo Grega, como ele era muito artista, começou a fazer as quilhas. Fazia de madeira, compensado e fazia [...] laminava ela com o araldite. E com isso, a gente começou a botar nas pranchas, nas planondas, né?! Aí depois de colocar nas planondas, a gente começou já a sentir o drama do surf. Realmente, cortar a onda, dar aquelas manobras né?![300]

De fato, a adaptação também exigia um pouco de preparo: base, molde, laminação e aberturas eram feitas de modo que elas pudessem se parecer, pelo menos um pouco, com as tradicionais pranchas. Não que se parecessem esteticamente com as

---

[297]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[298]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[299]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[300]FRANCO, Antonio C. Q. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

“verdadeiras” pranchas, mas pelo menos, deveriam proporcionar ao surfista deslizar no corte da onda, indo para a direita ou esquerda e arriscar uma ou outra manobra.

“A gente era muito pequeno, as Planondas eram muito grandes para a gente.”[301] Do tamanho às possibilidades oferecidas por uma simples prancha de isopor, também no caso das Planondas, também adaptadas, o esforços dos surfistas para ajustar os componentes adaptados nas pranchas (quilhas) e os novos movimentos que se pretendia fazer, exigia também outros movimentos, tais como fazer mais força para tentar se equilibrar em cima da prancha de isopor, que é muito leve, tentando pegar onda em pé em um equipamento originalmente fabricado para outro fim.

> [...] o plástico é a própria ideia da sua transformação infinita, é a ubiquidade tornada visível, como o seu nome vulgar o indica; e, por isso mesmo, é considerado uma matéria milagrosa: o milagre é sempre uma conversão brusca da natureza, O plástico fica inteiramente impregnado desse espanto: é menos um objeto do que o vestígio de um movimento. E, como esse movimento é, nesse caso, quase infinito, transformando os cristais de origem numa variedade de objetos cada vez mais surpreendentes, o plástico é, em suma, um espetáculo a se decifrar: o próprio espetáculo dos seus resultados.[302]

Não eram somente as pranchas que eram adaptadas. Posteriormente, os primeiros *straps*[303] começaram a ser usados e trazidos para Fortaleza, também foram adaptados. Tratava-se de uma forma de economizar energia, visto que não era mais preciso nadar até a beira quando a prancha se soltasse das mãos do surfista. A poupança de tempo e de energia proporcionada pelo advento do *strap* implicava, em termos de prática do surfe, maiores chances de pegar mais ondas, fazendo com que cada ida à praia se tornasse mais recompensadora. Como de costume, eles eram escassos e possuíam um custo

---

[301]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[302]BARTHES, Roland. **Mitologias.** 11. ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.p. 173.
[303] Tethering device used to keep a surfboard from being washed toward shore after rider and board are separated, usually after a wipeout. Today´s surf leash is made from a length of pliant and mildly elastic urethane cord. One en is attached to a thin rectangular nylon rail saver (to keep the cord from gouging into the edges of the board), which in turn is connected by a looped and knotted piece of nylon rope to a leash plug sunk into the deck of the surfboard near the tail. The other end is atttached to a Velcro strap that loops around the surfer´s rear ankle.
Em tradução livre: Dispositivo usado amarrado para evitar que uma prancha de surf seja levada em direção a costa depois que piloto e prancha são separados, geralmente após um “caldo”. Hoje o “surf leash” é feito de um comprido cabo de uretano levemente elástico e flexível. Em um ponto, é anexado a um fino trilho retangular protetor de nylon (para manter o cabo de solda nas bordas da prancha), que por sua vez é conectado de uma corda de nylon para uma correia no deck da prancha perto da rabeta anelada e atada. A outra extremidade é anexada a uma cinta de Velcro que faz voltas em torno do tornozelo traseiro do surfista. In: WARSHAW, Matt. The encyclopedia of Surfing.Harcout.EUA 2003.p. 580.

muito alto, o que levou os surfistas que se seguiram posteriormente à "primeira geração" criar modos de fabricação das próprias cordinhas.

> Na época que nós começamos, não existia a cordinha, a cordinha que você amarra, fica você amarrado na prancha, se você cai, a prancha não vai embora. Na época não tinha cordinha e você caía, a onda levava a prancha e você tinha que buscar a prancha nadando e, quer dizer, era... E muitas vezes, o mar tava grande, era uma coisa que não era muito fácil, então você tinha que nadar legal. No começo da cordinha era uma coisa meio de mulherzinha, a gente achava uma coisa de fracote, que usava a cordinha era fracote por que não... Inclusive alguns campeonatos era proibido o uso de cordinha por que uns tinham outros não né?!Então era proibido o uso da cordinha.[304]

De acordo com Quinderé, a existência da cordinha facilitava a prática do surfe também quando as ondas estavam grandes, auxiliando principalmente àqueles que não nadavam muito bem, atuando como verdadeira extensão do corpo do surfista. Isso se deu de tal maneira que, durante as primeiras tentativas de organização de campeonatos em Fortaleza o uso dos *strap* ou cordinha era proibido, como forma de não prejudicar aqueles surfistas que não possuíam o equipamento.

As formas de fabricação do *strap* engendrada pelos surfistas da época variavam conforme os materiais disponíveis, a criatividade e o sujeito que se disponibilizava a fabricá-lo:

> O *strap* a gente fazia sabe de que? Sabe aquelas ligas de soro marrom?! A gente pegava um cordão rabo de gato, né?! Mais fino do que esse aqui. Botava a liga, e aí esticava e amarrava a ponta, dava um nó, ela esticava legal e a pulseira era uma meia.[305]

Ligas de soro, cordões, barbantes de vários tipos e até mesmo itens do vestuário encontrados facilmente em casa, tais como meias, se fossem interligados e ajustados de determinada forma, serviam para simular os efeitos de um *strap*convencional. Nesse sentido, através das entrevistas realizadas, verificou-se que não havia uma única forma de fabricar essas cordinhas variando conforme os materiais e o fabricante:

> A gente pegava um cabo de nylon, esses cabos de pesca, conhece também como cabo de paraquedista [...]era um cabo que não era muito grossão não, certo?! Pronto! Ele passava por dentro desse soro, que tira a pressão, para

[304]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[305]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> tirar o sangue [...] a borrachinha, pronto, o cabo conseguia passar por dentro, você dava um nó para passar todo ele por dentro, e você dava um nó nas pontas, e quando ele tencionava, ele amortecia, e dava aquele solavanco no pé, na perna, ninguém tinha alça não, era meia... Eu peguei não sei quantas meias do meu pai, eu ia lá e pegava umas meias imaginando e fazia o negócio da perna com isso.[306]

Conforme Eduardo Dias, apesar de "esticar legal", o solavanco no pé era sinal de que a cordinha já estava muito esticada, podendo quebrar a qualquer momento, o que requeria uma atenção maior por parte do surfista quando caía da prancha numa onda. Então, era necessário por parte deles um cuidado maior.

Além dos materiais rearranjados para dar vida a equipamentos improvisados, foi aproximadamente em 1972 que os primeiros surfistas começaram a entrar em contato com os elementos químicos que serviam para reparar e fabricar pranchas. Resina, catalisador, epóxi, parafina e vaselina passaram a permear o universo surfístico de Fortaleza, tornando-se objeto de desejo de alguns. Diante disso, passou a ser cada vez mais comum a presença daqueles jovens nas raras lojas de artigos esportivos em busca desses elementos.

> Eu comprei a minha primeira resina numa loja do João Luís Sarará, que era surfista também das antigas, que é até falecido já, morreu em 80, 81. Eu comprei na loja dele surfwear, que era a loja de vender cordinhas, vender algumas coisas de surfwear, camisa... Eu nem lembro... Eu comprei na loja de surfwear, que era de parafina, num sei o que, eu comprei resina, dentro de um vidro de geléia. Como é que o cara tem a loja de surfwear, e o cara na própria loja já vende também material de prancha, de conserto, imagina.[307]

Com a manipulação dessas novas substâncias, novas sensações e situações foram experimentadas por aqueles que se atreviam a consertar ou fabricar pranchas. Muitas vezes, a falta de experiência com a conseqüente manipulação/combinação errada de elementos gerava produtos que não correspondiam necessariamente às necessidades, não alcançando nem de perto o resultado almejado.

Da mesma forma, as parafinas passaram a ser também confeccionadas. Para alcançar firmeza nos pés e não escorregar em cima da prancha, os surfistas utilizam a parafina. Eles esfregam essa substância na parte de cima da prancha, deixando uma espessa camada sob a prancha, para que, dessa maneira, quando do momento de ficar em pé em cima da prancha o pé não escorregasse na superfície lisa da prancha.

---

[306]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[307]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> Nas primeiras tentativas de fazer parafina, ela saía muito dura, ela não saía para dar aderência não. Por alguma razão que a gente não sabia. Era melhor pegar...Tinha umas marcas boas, as americanas eram muito boas.Você passava ela ficava todinha, não fazia bolão, ela com o tempo ia pegando um pouquinho de calor, ia se moldando, mas ela nunca perdia a aderência [...] elas continuavam meio moles, mesmo que passasse muito tempo [...] tinha uma parafina importada tinha essa qualidade de durar mais.[308]

No entanto, encontrar a parafina adequada não era fácil. De acordo com Carlos Eugênio, "não tinha pra vender, quando tinha, acabava logo."[309]O número de lojas especializadas em artigos para praticantes de surfe era extremamente reduzido. Nas referências e fontes utilizadas neste trabalho foi possível verificar existência de apenas 1 (uma) loja, a "Acquamar", citada anteriormente. Como a cada encontro com o mar,a parafina deve ser aplicada, como forma de evitar que o surfista deslize dentro d'água, o consumo deste material era grande. Diante da escassa oferta e grande necessidade, os jovens passaram a improvisar e fabricar a própria parafina. Conforme Eduardo Dias, geralmente, os surfistas dirigiam-se até essas lojas e adquiriam a parafina, a vaselina e essências de diversos aromas para obter o resultado final de uma parafina adequada para a aplicação nas pranchas:

> A gente ia na perfumaria Eva, comprava parafina bruta, vaselina, a essência bruta, que era diversa, tangerina, sei lá usava muita tangerina, uva não se conseguia, e fabricava tudo. Tinha a forminha de bolo e, o que acontece, botava pra ferver a parafina com a vaselina, derretia depois que colocava a essência.[310]

A forma bruta, encontrada em lojas de artigos para perfumaria, não servia para a aplicação. Era necessário que a vaselina, a parafina e as essências passassem por alterações físico-químicas, no fogo, até alcançar a consistência ideal para a aplicação. O derretimento da parafina no calor do fogo proporcionava a mistura dos três componentes que se agregavam bem após esfriar. Na entrevista realizada, Carlos Eugênio também descreveu a maneira que ele fabricava sua própria parafina: "Sabe como a gente fazia parafina? A gente diluía vela e botava essência e botava vaselina."[311]

---

[308]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[309]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

[310]DIAS, Fabiano. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[311]FRANCO, Carlos Eugênio X. Entrevista [ago. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

Os diversos aromas, modos de fazer e experiências foram vivenciadas por alguns surfistas. A diluição e a fervura desses materiais levavam-os a conhecer e manipular essas substâncias, construindo certo conhecimento das transformações químicas pelas quais as substâncias em matéria bruta passavam. Afinal, a proporção errada das substâncias ou o tempo excessivo no fogo poderia prejudicar a aderência do produto final na prancha, fazendo com que a finalidade da parafina para o surfe se perdesse.

Aos poucos, o conhecimento acerca dos materiais utilizados para a fabricação dos *straps* ou das parafinas aguçou a imaginação e a inventividade de alguns no trato com as diversas substâncias capazes de resolver os problemas mais imediatos com relação à manutenção e consertos dos equipamentos. Capibaribe foi um deles. O atual fabricante de pranchas local, possui um amplo conhecimento no que diz respeito às formas de improvisar os consertos das pranchas. Utilizando materiais como o Araldite[312] e penas de galinha, por exemplo, ele testava texturas das substâncias aplicadas nas pranchas e fazia delas um diferencial, consertando pranchas também para outros jovens diante da dificuldade de obtenção de artefatos necessários para o conserto das pranchas:

> E os consertos eram feitos de Araldite e pena de galinha. Não era como hoje. Hoje é muito fácil, mas mesmo assim as pessoas botam o maior boneco [..] O conserto hoje em dia é feito com uma resina de poliéster ou com uma resina de epox, dependendo do material da prancha e você tinha que trazer do Rio ou de São Paulo. Hoje em dia você encontra aqui, tem os representantes. Tudo ficou mais fácil, tudo se expandiu não é?! [...] A pena de galinha, ela tem uma parte da pena que ela parece assim um tecido. Então a gente cortava com a tesoura e pegava o Araldite né e dava aquela camadinha e botava a pena de galinha e dizia que era um conserto, chamava de conserto em alto-relevo. Tinha esse alto-relevo por que não dava pra lixar. Se lixasse, a pena ia simbora (sic). Então tinha que mostrar que tinha a fibra ali. Como a gente não tinha esse *knowhow*, e quem me ensinou esse *knowhow* foi o Antônio Carlos Quinderé, que também é um dos pioneiros do Ceará, dono da Carbomil, ele quem me passou a oficina dele [...][313]

As marcas da fibra da pena de galinha eram deixadas à mostra e o uso de lixa era dispensado, no dizer de Capibaribe, como forma de certificar que o conserto havia sido

---

[312] Esta cola, Araldite, tem como componente principal o epóxi, conhecido como um dos mais fortes e duráveis fixadores da atualidade, o que remete a ela, características muito boas de adesividade e resistência, podendo ser usada em uma variedade muito grande de reparos.
Pode colar materiais como vidro, cerâmica, madeira, metal, tijolo, couro, a maioria de plásticos duros, borrachas e outros materiais. É uma cola que apresenta grande durabilidade, desde que respeitando-se as características de conservação, manuseio e aplicabilidade. http://pt.wikipedia.org/wiki/Araldite

[313]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

realizado, que realmente uma “fibra”, mesmo que vinda de penas de galinha, havia sido aplicada. Todo esse conhecimento improvisado passado de um surfista para o outro, tornava-se, no dizer de Capibaribe, um *knowhow*, que era capaz de diferenciar uns surfistas dos outros. A informação a respeito das formas de consertar as rachaduras e buracos nas pranchas provocados pelo surfe constante precisava era repassada de um para o outro e quem os adquiria destacava-se dentre os demais.

Os consertos “arranjados”, improvisados ou feitos de qualquer jeito, tais como o mencionado acima, predominaram na época. A falta de elementos ou locais que possibilitassem restaurar os danos no equipamento provocados pelas integração entre surfista e onda levavam os primeiros surfistas a apreenderem e inventarem maneiras de consertar os equipamentos de forma improvisada. O contato com a parafina, vaselina, essências e o Araldite, por exemplo, associados à necessidade de fabricação dos acessórios do surfe e a necessidade de reparar os danos causados ao equipamento, possibilitaram àqueles novos surfistas a construção de um conhecimento sobre técnicas, modos de fazer e materiais nunca antes experimentados por eles e que só se tronou possível através do início da prática do surfe. Num curto espaço de tempo,os reparos eventuais e todo esse conhecimento tomaram outra proporção e, aos poucos,extrapolaram a atividade do surfe em si, gerando mais tarde, a criação de verdadeiras fábricas de pranchas dentro das garagens das casas ou de terrenos desocupados.

3.3 As “oficinas”: o início das fábricas de pranchas e a fabricação das pranchas de fibra de vidro

Neste tópico, objetiva-se analisar o surgimento das primeiras fábricas de prancha de surfe em Fortaleza. Aqui, o intuito é verificar como, ao longo do tempo, as fábricas de pranchas foram montadas e a relação estabelecida com os novos surfistas para aprender as técnicas de fabricação de pranchas e lidar com as substâncias necessárias foram se estreitando.

Na década de 70, no Rio de Janeiro, pólo irradiador do surfe no Brasil, alguns rapazes começaram a apreender as técnicas de trabalhar com resina e aplainar os blocos de poliuretano, ambos necessários para a fabricação das pranchas. Os irmãos Beltrão,

Rico de Souza, Mário Bração, Penho, Tito Rosemberg, Carlos Mudinho, entre outros, são alguns exemplos. Muitos deles, inclusive, ainda trabalham no fabrico das pranchas de surfe atualmente no Rio de Janeiro.[314]Na época, se viu uma multiplicação de fábricas de pranchas em várias cidades, bem ao estilo *soul garage* californiano, ou seja, de maneira bem improvisada. Com o tempo, as pranchas de fabricação nacional se multiplicavam, ocupando cada vez mais o lugar das pranchas importadas.[315]

De acordo com Marcelo Árias, Orácio também foi um importante fabricante de pranchas, em uma época em que a falta de estrutura era gritante. Mas, para ele, nada era problema. Se não era possível adquirir uma plaina elétrica, o shape era feito com raladores de coco. Na falta de espátulas para o trabalho com resina, sacos de leite improvisados faziam essa função. Cisco Aranã costuma falar que Oráciofoi o pioneiro no estilo *soul garage*, devido ao fato de seu precário local de trabalho não ter influenciado negativamente sua arte com as pranchas de surf, e sim estimulado sua alma criativa.[316]

Em Fortaleza, isso também ocorreu, entretanto, numa escala menor. Com o uso constante, as pranchas começaram a necessitar de reparos, ao passo que, concomitantemente, a demanda por outras pranchas também só aumentava. Era dessa maneira que as idéias e inspirações coletadas das revistas e das influências cariocas impulsionaram a criação das primeiras oficinas, que, geralmente funcionavam nas próprias casas, quartos, terrenos vazios ou embaixo de prédios.[317]

De fato, as primeiras fábricas de pranchas, muitas vezes, nem chegaram a se concretizar, não passando apenas de uma idéia ou investida da cabeça dos aspirantes à *shapers:*

> E a primeira oficina de prancha aqui foi no quintal da casa do Juninho Pinel. O Juninho Pinel, muito Pinel que era, ajeitou um quarto lá que não estava sendo usado. E disse: Vai ser aqui. E aí Júnior, já falou com o teu pai? A gente era menino... Não, tá tudo certo, não se incomode com isso. Aí eu fui lá, pintei a parede de preto, fiz os cavaletes, revesti com esponja... Tudo como tinha visto na revista, tinha visto lá, bem direitinho. E a gente estudava

[314]ÁRIAS, op. cit. p. 8.
[315]DIAS, op. cit. p. 135.
[316]ÁRIAS, op. cit. p. 8 e 9.
[317]FRANCO, Antonio C. Q. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> de dia, não podia vadiar pra fazer prancha de surfe, fui pra lá de noite para fazer.[318]

Pintar a parede, providenciar os cavaletes, revesti-los, ou seja, transformar o ambiente em algo que se aproximasse daquilo que era visto nas revistas era uma forma de dar conta de duas necessidades: a necessidade de reparar as pranchas e também a necessidade de aproximar-se do que era vivido por outros jovens em locais onde a prática do surfe já se apresentava de maneira bem mais forte.

A clientela para a primeira oficina era garantida, pois os melhores "picos" para se surfar em Fortaleza possuíam fundo de pedra[319], o que, associado à falta de habilidade dos iniciantes, gerava um alto índice de quebradas pranchas, que batiam tanto nas pedras, quanto umas nas outras. Senão vejamos:

> A minha primeira experiência dentro d'água, na Praia dos Diários não foi muito boa, mas ficou na memória. Remei, a prancha embicou, bateu na minha cabeça, partiu o bico e eu ainda levei o maior caldo. Mas nem senti dor pela pancada. O prejuízo maior foi ver a prancha quebrada.[320]

Constatar que a prancha havia quebrado, muitas vezes, representava uma enorme preocupação para os aspirantes à surfistas. A falta de locais para conserto e o reduzido números de pessoas possuidoras dessa competência agravavam o fato. A primeira fábrica de pranchas em Fortaleza somente foi criada em 1975, momento em que o surfe já se espalhava pela cidade com bastante força. Ela era denominada pelos seus donos, Kelson e Antônio Carlos Quinderé, de "Oficina". A palavra oficina significa, de acordo com o Dicionário Aurélio, "Qualquer local de trabalho onde se exerce um ofício."[321] Conforme o significado da palavra oficina, ao contrário dos consertos eventuais, já realizados anteriormente, eles se propunham a criar um local específico, onde pudessem, de uma maneira mais organizada, não só consertar, mas também fabricar pranchas. O local para a instalação da "Oficina" foi um terreno localizado na Avenida Padre Valdevino, emprestado e cedido pelo pai do Kelson, como forma de ser um espaço para a elaboração os consertos e as pranchas.

A primeira oficina de pranchas, propriamente dita, tinha o nome de Titã. Sua "logomarca" fazia alusão ao velho guindastelocalizadopróximo ao Porto do Mucuripe e

---

[318]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[319]A existência de um fundo oceânico composto por pedras proporciona uma melhor formação das ondas.
[320]MELO,Pepo. Uma onda atrás da outra. Romero Jucáo surf cearense.
[321] Aurélio online<http://www.dicionariodoaurelio.com/Oficina.html> Acesso em: 29 out. 2013.

fazia menção ao lugar para qual eles começaram a surfar. A figura do Titã estampada no logotipo imprimia na oficina um caráter mais técnico, grande e potente. De acordo com Quinderé, oficina Titã, ao contrário do que o nome remetia, tornou-se muito mais "ponto de encontro" dos jovens surfistas do que lugar de fabricação de pranchas em série, pois o número de pranchas fabricadas não era pequeno e o intuito dos freqüentadores da oficina se relacionava mais com o objetivo de reunir-se com os amigos também surfistas do que propriamente fabricar ou consertar pranchas, motivo pelo qual o objetivo primeiro da oficina perdeu-se no meio do caminho.

Para a abertura dessas oficinas, era necessário algum conhecimento sobre os modos de elaborar e consertar uma prancha. No início, de acordo com alguns relatos, foi possível verificar que as técnicas aprimoradas de utilização do material circulavam de maneira muito reservada,[322] restringindo-se, muitas vezes, àqueles que possuíam algum parente que pudesse auxiliá-lo na apreensão do *modus operandi* e da obtenção dos elementos químicos. A obtenção dessa *expertise* dependia de uma rede de relações que extrapolavam as relações do surfe em si. A primeira, era a relação familiar. Afinal, para a obtenção dos utensílios necessários ao conserto dos equipamentos.

> A gente tinha a solução para um problema né?! Aqui não vendia esses materiais Primeiro de tudo a pessoa tinha que ter um canal no Rio, alguém que mandasse esses materiais pelo correio ou por transportadora. No caso eu tinha por que meu pai trabalhava com isso, não com esse material, mas ele tinha um químico que conhecia que comprava o primeiro kit. Aí ele comprou pra mim.E também esse mesmo kit de consertar prancha é o mesmo kit para consertar barco de fibra de vidro né?! E também consertava os barcos do Iate por que era o mesmo material.E diferenciava por que primeiro tinha a oficina e já era... Por que pra você consertar prancha você tinha que ter um lugar, tinha que ter o material e ter o lugar e isso nos diferenciava.[323]

O "kit" de conserto de pranchas vinha do Rio de Janeiro pelo correio ou através de transportadoras. Esse "kit" não era específico para o conserto de pranchas de surfe. Na verdade, tratava-se de um material específico para conserto de embarcações, que era adaptado ao restauro e fabricação dos equipamentos relacionados ao surfe.

A noção de rede, desenvolvida por Bruno Latour, é claramente percebida aqui. Não foi apenas pelo aparecimento do surfe que as técnicas de consertos dos equipamentos também surgiram. Havia um contexto no qual, os primeiros surfistas

[322]DIAS, op. cit. p. 102.
[323]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

puderam entrar em contato com os materiais capazes de proporcionar o conserto das pranchas. Nesse momento, o desenvolvimento das técnicas de consrto de prancha em Fortaleza se associa perfeitamente com o fato do pai de Quinderé trabalhar com esse tipo de material, o que posteriormente, faria com que ele também tivesse uma oficina de pranchas de surfe. A partir de tal fato, podemos ainda perceber que essa rede interliga os conhecimentos, a natureza e a cultura.[324]

A segunda relação era composta pelos amigos do Rio de Janeiro. Os irmãos Mudinhos e outros. Como alguns já possuíam o contato com fabricantes de pranchas do Rio de Janeiro, aqueles que conseguiam dirigir-se até a capital carioca e encontrar-se com esses famosos shapers[325] tinham aí a chance de aprender o fabrico e conserto de pranchas, bem como a variedade delas: se era para pranchas grandes ou pequenas. Nesse sentido, as concepções sobre como deveriam ser as bordas, o tamanho e espessura entravam num conjunto de combinações que influenciavam diretamente o surfista na água.

> Os materiais eu tinha conhecimento, a mistura da fibra com a resina, as formas de fazer o shape. O shaper o Mudinho nos ensinou e transferiu a técnica né?! Tinha o bloco de espuma de poliuretano e você vai dar forma a essa espuma. Então, é o bloco bruto. E você dá forma, você molda, você shapeia, você dá forma à prancha de acordo com a finalidade dela né?! Se é para onda pequena, se é para onda grande, se a pessoa que vá usar é gorda, é magra. Aí de acordo com o propósito, você shapeia é a expressão. Você dá forma na espuma de poliuretano, depois você reveste essa espuma de fibra de vidro e de resina de poliéster e depois dá o acabamento, faz o lixamento, dá o polimento. Coloca as quilhas, na época era uma quilha só, hoje são quatro quilhas, triquilhas, tem quatro quilhas também.[326]

Quando a relação com esses cariocas foi estreitando-se e o conhecimento foi mais bem apreendido, Odalto Castro criou a "Nortão", em 1976, uma nova fábrica de pranchas que se iniciou dentro da garagem de sua própria casa. Com o tempo, ao contrário da "Titã" e outras fábricas iniciantes, adquiriu um caráter um pouco mais profissional e uma continuidade bem maior, tornando-se conhecida me toda a cidade de Fortaleza, por fazer *"prancha mesmo, as outras eram muito pitorescas".*[327]

> A gente tinha uma influência muito grande desses dois segmentos de fabricantes de prancha, que era o Mudinho e era o Duda, cada um na sua

[324] LATOUR, op. cit. p. 9-11.
[325] Aquele que fabrica prancha.
[326] QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[327] FRANCO, Antonio C. Q. Entrevista [set. 2009]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> linha né?! Aí, já começamos a fazer pranchas com o Quinderé, o Toninho , meu primo, que é o Neo Pinel também, que foi as primeiras pranchas que a gente fez. Aí daí esse pessoal foi ficando e eu fui indo em frente né?! Eu me lembro que em 76, eu fui a Saquarema e já fiquei na Oficina do Mudinho, aí já trouxe meu primeiro material, para fazer a prancha nortão né?!Entendeu?! Já com essa influência...[328]

Influenciados pelos fabricantes de pranchas cariocas Mudinho e Duda, a prancha Nortão foi a primeira prancha a ser fabricada em Fortaleza numa escala maior, tornando-se conhecida posteriormente em todo o Nordeste. Num primeiro momento, ela contou com a participação do próprio Odalto, Zorrinho e Salu, configuração que alterou-se com o passar do tempo. As pranchas Nortão já possuíam um caráter técnico bem mais elevado do que as pranchas produzidas na cidade anteriormente. Como é possível verificar na imagem abaixo, as pranchas fabricadas por Odalto já se parecem em muito com aquelas que vemos atualmente, variando de maneira mais siginificativa com relação ao tamanho, formato e número de quilhas:



Figura 22 - Pranchas da Nortão ainda dentro da casa de Odalto Castro. Foto: Acervo pessoal Odalto Castro.



Figura 23 - Pranchas da Nortão em diversos estágios de fabricação. Foto: Acervo pessoal Odalto Castro.

Para a obtenção do fino acabamento evidenciado nas imagens acima, era preciso saber o misturar os componentes para a fabricação da fibra de vidro da maneira correta. A junção do catalisador com a resina no momento de fabricação da prancha era um momento fundamental para que a prancha pudesse dar certo:

[328]CASTRO, Odalto. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

> Tem um catalisador, que você, por que a resina de poliéster ela é bicomponente, ela fica no estado líquido, até que você ponha uma gota do catalisador, até que você mistura, aí ela então endurece, o catalisador. Catalisador é o endurecedor, é o que desencadeia uma reação na resina que faz com que ela endureça, vitrifique né?![329]

Além do tempo e da medida exata do catalisador para a fabricação da fibra, o acabamento era algo fundamental. Por isso, as oficinas passaram a utilizar também uma plaina elétrica. "Aí eu comprei lá uma plaina elétrica e fomos aprender as manhas do shape, que a gente já sabia como era mas nunca tinha colocado a mão na massa, como é que laminava, como é que fazia um acabamento, um..tempo de espera."[330] Com a plaina, foi possível minimizar as imprecisões e desvios executados pela mão humana livre e garantir uma harmonia no acabamento final, o que potencializava a flutuação e o equilíbrio, fatores fundamentais para que a prancha fabricada pudesse ser considerada um bom equipamento.

Como as referências também eram americanas, por vezes, o manuseio e adaptação do material causava confusões. A diferença dos itens utilizados e a própria natureza do material (resinas, catalisadores, etc) exigiu do artesão-surfista habilidade e conhecimento no trato dos materiais:

> Eu já sabia por que eu lia inglês, lia as revistas e coisa e tal, já sabia como era, mas o material dos Estados Unidos era um pouquinho diferente do daqui e essa coisa de trabalhar com resina você tem que ter bastante cuidado, por que ela catalisa muito rápido, se você não tiver o tempo certo, você pode perder o trabalho da prancha, então você precisa pegar, se concentrar e fazer as coisas tudo concentrado e se organizar para o trabalho ficar bem feito, não ficar com bolha e tal.[331]

A rapidez da reação da resina com o catalisador exigia uma rapidez enorme por parte do fabricante da prancha. Antes que ela endurecesse, era preciso moldar a prancha para que ficasse na forma ideal. Por vezes, a inexperiência e o descompasso com relação à reação dos materiais, ocasionava resultados indesejados. O pó liberado pela fibra da prancha no momento de sua fabricação e acabamento, era algo extremamente tóxico que poderia provocar reações não desejadas se entrasse em contato com a pele: "O pó da prancha dava uma coceira muito grande, às vezes quando o cara tava trabalhando a gente ia, e passava a camisa dele no pó da prancha. Quando ele vestia tava todo

[329]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[330]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[331]GRIÉSER, André. Entrevista [mai. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.

pinicando."[332] Ou ainda, no dizer de Capibaribe, "Uma parte engraçada dessa época aí é que, quando eu lixei a prancha, a poeira ficou em cima de um colchão. E ele chegou para buscar a prancha e ficou bolando em cima dessa poeira e depois disse: Rapaz, que diábo é aquilo..."[333]

Não era apenas com o pó da fibra de vidro que os infortúnios aconteciam. O catalisador também era uma substância bastante forte, qualquer erro na execução ou confusão de produtos poderia causar sérios acidentes:

> Esse catalisador é muito forte. E a gente, como a gente dosava em gotas, nós botávamos e a gente também tinha muito colírio por que a gente estava sempre usando muito colírio nos olhos, então aconteceu na nossa oficina da gente colocar o catalisador num vidro, numa coisinha de colírio né?! E chegou um dia, um amigo nosso, achandoque era colírio, por engano colocou o catalisador no olho e quase morre! Passou muito tempo no médico com olho inflamado. Ele confundiu...[334]

Coceira, queimaduras e irritações eram apenas algumas das implicações ocorridas quando o manuseio dos perigosos materiais utilizados no fabrico e consertos das pranchas era feito de maneira displicente ou de maneira equivocada pela falta de conhecimento de seus possíveis danos, o que fazia com que alguns acidentes acontecessem. Tal fato, evidenciava a falta de experiência no trato com os componentes necessários para a fabricação das pranchas, mas evidencia também o caráter artesanal das referidas oficinas.

3.4"Por uma leitura da onda": a relação entre o equipamento e a prática do surfe

Ao contrário da cultura havaiana, no Brasil, mais especificamente em Fortaleza, as pranchas não possuíam o caráter religioso. Aqui, elas não serviam como elemento de conexão com os deuses[335], apenas como intermediador entre homem e natureza.Afin No

[332]CASTRO, Odalto. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[333]CAPIBARIBE, Sérgio. Entrevista [out. 2011]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[334]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[335]Os primeiros havaianos visualizavam suas pranchas de surfe não só como brinquedos recreativos, mas como ferramentas para adorar o oceano. Girar a energia oceânica era um ato de reverência, parte integrante da antiga religião das ilhas da Polinésia. E enquanto se surfava, não era especificamente uma observância religiosa, como todos os outros aspectos da vida de havaianas, era uma conexão com os deuses. IN: MARCUS, Ben. The surfboards. P. 15.

entanto, tal fato não quer dizer que a relação entre a prancha e surfista em Fortaleza tivesse um caráter meramente utilitário. Não, era bem mais do que isso.

Considerando que as motivações do surfista ao imprimir cor ou elaborar desenhos em suas pranchas é mesmo o desejo de ir além das possibilidades que se apresentam, foi possível verificar que, aqueles primeiros surfistas, mas não só eles inseriram em suas pranchas muito mais do que elementos tangíveis como forma de potencializar os efeitos que elas poderiam oferecer. Para além do formato, material, peso ou espessura, quando as pranchas de fibra de vidro já haviam se popularizado, os desenhos e as cores passaram a ser fundamentais.

Um exemplo disso são as pranchas LightningBolt[336]. A famosa marca, criada em 1970 por Gery Lopez e Jack Shipley[337], em Honolulu, no Havaí, tinha por característica principal um raio desenhado em seu comprimento. Ela foi criada justamente no momento em que as pranchas pequenas passaram a substituir os antigos pranchões de madeira, ao mesmo tempo em que o modo de fazer manobras começava a se espalhar entre os surfistas australianos. A imagem do raio associada à imagem de seus fundadores se espalhou na época de maneira hegemônica, de forma que essa imagem passou a estar impressa em várias pranchas da época[338]:

> Aquele raio desenhado na prancha sempre chamava muita atenção."Thyola tem razão. Nos anos 70 e 80, o símbolo da LightningBolt impunha no universo do surf um respeito equivalente ao cavalo da Ferrari para os aficionados por carro. Os melhores surfistas da época viviam aparecendo na capa das maiores revistas ostentando pranchas com o tal do raio. Ele era sinônimo de design arrojado, de alta performance, de uma revolução sobre as ondas. Thyola resume: "Era a top, a melhor prancha". E o fato de ele ter

[336]A semente da LightningBolt começou em 1968, quando Jack Shipley conheceu Gerry Lopez, enquanto moldava para a Surfline Hawaii. À medida que a amizade cresceu, cresceu também a crença mútua de que as pranchas de surf poderiam ser mais bem feitas, vendidas e montadas. Como surfistas eles entenderam a demanda por desempenho na forma e design de suas pranchas. Provocados por seu desejo de realmente mudar o surf, em 1 de setembro de 1970, Lopez e Shipley abriram a LightningBolt. Com o advento de novos materiais, o surf deu um salto quântico e a LightningBolt foi a líder, atraindo surfistas como Rabbit, MR, ShaunTomson e, eventualmente, o fundador da HangTen Duke Boyd. Lugares como Pipeline, Waimea, e Sunset previamente montado por Greg Noll e Phil Edwards tão perto de proezas que desafiam a morte estavam sendo aproveitados através da inovação do projeto da prancha radical provocada por Jack e Gerry. Esta nova confiança lhes permitiu abrir um estilo de surf que se tornou sinônimo do rótulo de LightningBolt trabalhada por eles. O mundo estava olhando para Oahu como a vanguarda do surf, e pelo seu coração era LightningBolt. http://www.lightningbolt-usa.com/Bolt/about/history Acesso em: 02/05/2013.

[337]Gery Lopez e Jack Shipley são dois exímios surfistas que se destacaram na época.

[338]http://revistatrip.uol.com.br/revista/181/do-surf-eu-vim-pro-surf-voltarei.html Acesso em: 27.04.13

> introduzido a marca no Brasil já dá um bom indicativo da importância do shaper para o surf nacional.[339]

A alta performance da qual os raios eram símbolo extrapolaram o simples fato de ser uma marca registrada da prancha. Era símbolo também de velocidade, de uma nova maneira de surfar. A imagem da prancha e os desenhos que ela continha muito influenciava na capacidade da prancha tornar seu proprietário um exímio surfista. Nesse sentido, é importante perceber que os fatores culturais foram determinantes para a configuração do surfe em Fortaleza.



Figura 24 - Prancha LightningBolt
http://revistatrip.uol.com.br/revista/181/do-surf-eu-vim-pro-surf-voltarei.html Acesso em: 27.04.13.

Benjamim, ao escrever sobre as obras de arte e os objetos detentores de um caráter de tradição, devido ao fato do tempo e do lugar onde foram fabricados, afirmou:

> O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte.Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial.[340]

Para ele, a reprodução das obras de arte e de outros objetos com caráter autoral ou tradição retira do objeto sua aura, sua magia que faz dele ser um objeto único, detentor

[339] http://revistatrip.uol.com.br/revista/181/do-surf-eu-vim-pro-surf-voltarei.html Acesso em: 27.04.13
[340] BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas.** Magia e técnica, arte e política, p. 168-169

de poderes que vão além da materialidade em si. Entretanto, no caso dos desenhos nas pranchas de surfe, tal fato não pôde ser verificado. Para alguns surfistas cearenses, as pranchas que continham os desenhos dos raios, tais como as originais LightningBolt, também possuíam os poderes das pranchas originais, quais sejam, velocidade e agilidade dentro d'água.

Dessa forma, era comum a presença de um ou vários raios estampados nas pranchas dos surfistas locais: "Na minha primeira prancha tinha um raio."[341] Esse dado tem como representativo uma nova gama de movimentos que se queria produzir nas ondas. Fernando Bittencourt relatou bem tal fato quando disse: "Eu botava nas minhas quilhas um bocado de rabisco assim como se fosse velocidade." [342]

De fato, o desenho poderia não influenciar diretamente na *performance* do surfista dentro d'água, no que diz respeito à qualidade de rapidez da prancha ou nos movimentos, mas foi possível verificar nas entrevistas realizadas que certamente influenciava o sujeito ao utilizar o objeto ou o discurso a respeito dele. Ao possuir uma prancha com os raios desenhados, o surfista sentia-se mais veloz. Dentro d'água, ele imprimia gestos de rapidez por que para ele a prancha representava a velocidade. Segundo Denise BernuzziSant'anna, velocidade, abstração e relatividade, são características de incontáveis experiências humanas posteriores ao advento do carro. Para ela, essas novas experiências passaram a funcionar como condição de sucesso, poder e riqueza. Nesse sentido, ela afirma que:

> A hábil pilotagem dessas máquinas (surf, skates, pranchas, asas delta, caiaques...) produz novos gestos acrobáticos ou aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos. Os gestos de força e de energia tendem a ser substituídos pelos gestos de domínio e de controle informacional do corpo, que a exteriorização de energias torna possíveis, que a singularidade das posturas e dos movimentos valoriza e que a exploração curvilínea dos impulsos estetiza [...][343]

As novas energias e sensações experimentadas por eles: velocidade e fluidez também foram experimentadas por eles também a partir dos desenhos impressos nos equipamentos. Essa relação se dá na medida do sujeito com o objeto. O desenho é um

[341]QUINDERÉ, AntonioCarlos . Entrevista [abr. 2013]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[342]BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[343]SANT'ANNA, op. cit., p. 117 e 118.

dado da cultura, um efeito de individuação. Eram dois os fatores que afetavam o desenho das pranchas: o dado da cultura (a imitação das pranchas californianas, a imagem do surfista sendo construída), mas também o dado do artefato. Não que a prancha se tornasse mais rápida em virtude dos raios desenhados, e poderia até mesmo se tornar, mas era preciso construir essa idéia, como fator de cultura, de troca simbólica.

Além dos desenhos de raios, as cores das pranchas eram algo que se destacava na cidade. Em janeiro de 1981, o jornal O Povo dizia: "O surf volta empolgar. As praias de Fortaleza estão cheias de pranchas coloridas e de jovens que praticam com determinação esse esporte." [344]O colorido das pranchas, que muitas vezes possuíam cores chamativas, passaram a se realçar.



Figura 25 - Pranchas coloridas.
Acervo pessoal: Odalto Castro.

Com o tempo, o colorido das pranchas passou a se configurar como marca registrada de alguns surfistas, como é o caso de Fernando Bittencourt:

> A primeira biquilha que foi feita em Fortaleza, na época da Nortão, quando o Odalto me chamou para a equipe dele, fui eu quem fiz a biquilha, duas quilhas, ele shapeou, mas eu fiquei com todo o desenho. Uma prancha rosa,

[344] O Povo, Amadorismo. O surf empolga, 12 jan de 1981.

> na época, o campeão mundial era o Peter Palmer[345], aí eu mandei fazer igualzinha a prancha dele, duas quilhas, rosa. Ficou todo mundo conhecendo a prancha rosa.[346]

O colorido rosa da prancha de Bittencourt não foi escolhido aleatoriamente. De fato, poderia ter sido qualquer cor: preta, vermelha, amarela, verde... No entanto, era rosa e havia um motivo para tal. Não se tratava de qualquer rosa, mas o rosa da prancha do Peter Palmer, um campeão de surfe da época. Inconscientemente, Bittencourt imprimia no equipamento seu desejo, aquilo que ele gostaria de fazer junto à prancha. Além disso, gostaria de ser reconhecido como proprietário da prancha rosa. Não seria forçoso pensar que, através da prancha rosa, Fernando gostaria de ser reconhecido como depositário das mesmas habilidades do surfista famoso. Se "todo mundo ficou conhecendo", através da prancha rosa, todo mundo também deveria conhecer a capacidade de surfar possuída por Fernando. Conseqüentemente, muito embora se tratasse apenas de uma imitação, ao tornar a prancha rosa com duas quilhas, sua marca registrada, Fernando tornava sua marca registrada também todos os elementos que intrínsecos a ela. Nesse sentido, Baudrillard é muito feliz quando discute acerca da personalização:

> Objeto algum é oferecido ao consumo em um único tipo. [...] Escolher tal carro de preferência a outro talvez personalize você, mas é sobretudo o fato de escolher que o insere no conjunto da ordem econômica. "O simples fato de escolher este ou aquele objeto para com isso se distinguir dos outros é em si mesmo um serviço social" (Stuart Mill). Ao multiplicar os objetos, a sociedade desvia para eles a faculdade de escolher e neutraliza assim o perigo que sempre constitui para ela esta exigência pessoal. Fica claro a partir daí que a noção de "personalização" é mais do que um argumento publicitário: é um conceito ideológico fundamental de uma sociedade que visa, "personalizando" os objetos e as crenças, integrar melhor as pessoas.[347]
>
> O melhor objeto se distinguirá dos outros por alguma diferença: cor, acessório, detalhe. Esta diferença é sempre dada como específica. O automóvel na qualidade de objeto técnico essencial não pode ser personalizado, só os aspectos inessenciais é que podem.[348]

Para Baudrillard, nenhum objeto é escolhido apenas pelas suas funções. Cada objeto não se distingue do outro apenas por sua qualidade técnica, mas também por suas atribuições aparentemente inessenciais. Cor, detalhe ou acessório são fatores

---

[346]BITTENCOURT, Fernando. Entrevista [jun. 2010]. Entrevistadora: Bruna Demes Gonçalves Franco. Fortaleza.
[347]BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2004.p. 149.
[348]Ibid. p. 150.

fundamentais para diferenciar um sujeito do outro a partir dos objetos que consome. A escolha de um objeto em detrimento de outro, além de personalizar o indivíduo, insere-o socialmente.

O caso de Bittencourt é um exemplo. Ele tornou-se conhecido por que a sua prancha era igual ao do Peter Palmer, ou seja, não se tratava apenas de mais um jovem surfista, mas do surfista que possuía a prancha rosa igual a do atleta famoso. Certamente, a personalização do bloco de poliuretano interno, da qualidade da resina, do catalisador ou da parafina, elementos que influenciam diretamente na flutuação da prancha e na ação direta do surfista não tivessem o mesmo poder de inserção e distinção, mas a cor tinha. Vista de longe, ele era um dos fatores primordiais de identificação do surfista com a prancha. Isso se deu de tal maneira que, até mesmo nos dias atuais, o desenho da prancha é responsável por uma etapa no fabrico das pranchas em larga escala, havendo, em muitas fábricas de pranchas, um profissional exclusivo para esse fim.

> Da mesma forma que a passagem às tonalidades (quentes, frias ou intermediárias) significa para as cores um desprendimento de seu estatuto moral e simbólico rumo a uma abstração que torna possível a sistemática e o jogo, assim também a fabricação sintética significa para o material um desprendimento de seu metabolismo natural em direção a um polimorfismo, grau de abstração superior onde se torna possível um jogo de associação universal de matérias naturais/matérias artificiais: não há mais diferença "de natureza" hoje entre a parede de termovidro e a de madeira, o concreto bruto e o couro, valores "quentes" ou valores "frios" são todos de igual forma, materiais elementos. Tais materiais, em si discordantes, são homogêneos como signos culturais e podem se instituir num sistema coerente. Sua abstração permite que sejam combinados à vontade.[349]

Entendo a natureza da implicação dos processos de individuação na relação entre surfista e artefato técnico, percebe-se que cada surfista, no seu tempo e espaço, lançou mão de artefatos de formas e materiais distintos, produzindo diferentes relações com os objetos. Por conseguinte, a modificação do objeto implicou uma mudança da relação com a natureza.Oconjunto de gravações sobre o equipamento revelam uma série de conhecimentos adquiridos no decorrer dos estabelecimentos do surfe em Fortaleza, mas também revelam uma dimensão na relação do homem, natureza e cultura que não é apenas material, mas subjetiva.

[349]BAUDRILLARD, op.cit.p.45 e 46.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos analisar de que maneira o surfe foi capaz de alterar o modo de vida de vários jovens na cidade de Fortaleza, entre os anos de 1972 a 1986, tornando-se, uma verdadeira prática: de espaço, corporal e também técnica, posto que alcançou vários aspectos da vidas de seus praticantes. Após a discussão da prática do surfe e Fortaleza, através do viés que proponho aqui foi possível verificar que no período estudado o surfe em Fortaleza não era um esporte profissional, pelo contrário, relacionava-se mais com um estilo de vida e um *modus operandi* dentro da cidade capaz de determinar a vida de vários jovens da época, para além das estruturas profissionais e esportivas em si.

No primeiro capítulo, foi possível constatar que o surfe em Fortaleza teve forte influência da Califórnia e da cidade do Rio de Janeiro, diferenciando-se de outras atividades praticadas sob pranchas ou tábuas, pelo fato de depender essencialmente do referencial que vinha de fora. A conexão se dava através de filmes, revistas e imagens, trazidas em viagens pelos próprios surfistas. A partir do início da prática do surfe, os iniciantes estabeleceram várias práticas de espaço com a cidade de uma forma que nenhum outro grupo instituiu. Eles estabeleciam trajetos diferentes, demarcavam e nomeavam as praias através da formação de signos pertencentes ao seleto grupo de surfistas e empreendiam viagens às praias próximas (Surfáris), com intuito de divertir-se descendo ondas sob uma prancha.

Através das fortes referências vindas dos Estados Unidos e Rio de Janeiro, associadas à constante prática do surfe, mudanças corporais nesses surfistas foram sendo, aos poucos, construídas. E digo construídas por que elas não foram apenas sentidas, através dos efeitos do sol, do mar e do esforço físico, mas foram também provocadas de maneira direta. Além disso, atribuíam ao seu corpo um caráter saudável,

embora as práticas adotadas, tais como as drogas e tipo de alimentação não fossem necessariamente tão saudáveis assim.

Baseados nos filmes e imagens de surfistas californianos, os jovens surfistas de Fortaleza pintavam os cabelos, vestiam roupas com imagens de praias, de ondas, de marcas vindas de fora, pois essas eram as roupas consideradas “de surfista”. Verificou-se que a “primeira geração” de surfistas viajava para fora, principalmente para a Califórnia e Rio de Janeiro, em busca de informações, referências e equipamentos para a prática do surfe. Entretanto, com a disseminação do surfe em Fortaleza, uma “segunda” ou “terceira geração” de surfistas formou-se. Os membros dessas gerações seguintes não possuíam acesso direto às referências surfísticas e acabavam por reapropriar-se dos referenciais externos e criar os próprios artefatos para que pudessem, minimamente, tornarem-se parecidos com o arquétipo do surfista californiano. Isso pôde ser visto nas roupas, nos cabelos e, principalmente, no que diz respeito aos equipamentos.

Nesse sentido, foi possível verificar no terceiro capítulo que havia certa dificuldade na obtenção dos equipamentos necessários para a prática do surfe. Não haviam muitas lojas especializadas, e as pranchas também eram trazidas de fora, de modo que apenas alguns dos jovem possuíam o equipamento. Não havia nem mesmo alguém que pudesse fazer a manutenção das pranchas quebradas frequentemente. Dessa forma, vários dos novos praticantes passaram a fabricar a própria prancha na garagem de suas casas, a partir do que as revistas ensinavam. Ou ainda, adaptar materiais que não eram propriamente utilizado na fabricação do equipamento, diante da dificuldade de obtenção das pranchas originais.

Na terceira parte deste trabalho verificamos também que a prancha, possuía um papel que extrapolava o simples fato de ser um equipamento em si, mas que servia também como objeto de distinção e identificação de cada surfista, através dos desenhos, formatos e materiais com que eram feitas.

Tal fato, possibilitou o estabelecimento de uma relação entre surfista e artefato técnico muito peculiar, tanto no que diz respeito à aprendizagem dos modos de fabricação dos equipamentos, quanto nos momentos de experimentação do equipamento na água e também com relação ao aspecto simbólico do equipamento.Para conseguirem

fabricar o próprio equipamento, foi necessária aaprendizagem acerca do manuseio de uma série de materiais, tais como: a resina, a madeira e a parafina, por exemplo.

Com os equipamentos improvisados e feitos manualmente, os jovens surfistas precisaram-se adaptar-se a cada tipo de equipamento, estabelecendo assim uma relação entre o homem, a máquina e a natureza (mar), peculiar e interdependente, de forma que a depender do tipo de equipamento, eram necessários movimentos e tipos de ondas distintas.

O que quis-se mostrar aqui foi que com a chegada do surfe em Fortaleza, vários jovens na faixa etária de 11 a 18 anos foram sensibilizados de tal forma que passaram a estabelecer outro tipo de relação com a cidade, com seu corpo e com os artefatos técnicos, necessitando obter uma série de conhecimento a cerca dos mares, das pranchas e da relação entre os mares e as pranchas que eles jamais teriam necessidade de aprender se não através da prática dos surfe.

Para obter tal percepção, foi necessário iniciar a discussão apresentando a forte influência exercida pelo modelo de surfista americano e carioca da época, fator fundamental para a diferenciação do surfe de outras práticas já realizadas em Fortaleza. Em diversos momentos, se fez necessário esclarecer o leitor a respeito de diversos termos e expressões peculiares aos praticantes de surfe, daí o porquê do elevado número de notas de rodapé.

Nesse sentido, num âmbito mais geral, acredito que essa pesquisa é fundamental para analisar o imbricamento existente entre história, cultura e natureza, de forma que não é possível analisar com propriedade cada fator de maneira separada. O surgimento do surfe em Fortaleza evidencia bem isso, pois foi possível verificar diversos fatores que constribuíram a ajudaram a construir essa prática em Fortaleza, prática essa que não era apenas marítima, mas de espaço também.

LISTA DE FONTES

O Povo, 02 de Janeiro de 1973 pág. 1: ***Iniciação esportiva para mais de mil jovens.***

O Povo, 03 de Janeiro de 1973 (2º Caderno): ***O esporte amador em 72.***

O Povo, 05 de Janeiro de 1973 pág. 1: ***Conservação das praças***.

O Povo, 05 de Janeiro de 1973 pág. 6: ***Bombeiros fazem 1 ano no Mucuripe.***

O Povo, 05 de Janeiro de 1973 pág. 6: ***Sinal luminoso em frente ao Náutico.***

O Povo, 05 de Janeiro de 1973 pág. 8: ***Ceará prepara equipes de desportistas para o futuro.***

O Povo, 09 de Janeiro de 1973 pág. 4: ***Transito muda fluxo na Avenida Beira Mar.***

O Povo, 15 de Janeiro de 1973 pág. 3: ***Abuso nas praias***.

O Povo, 15 de Janeiro de 1973 pág. 9 (2º Caderno): ***Na hora que o peixe bate.***

O Povo, 17 de Janeiro de 1973 pág. 15: ***Garotos do Náutico terão sua colônia de férias.***

O Povo, 18 de Janeiro de 1973 pág. 15: ***Plano de desenvolvimento o esporte será aprovado hoje.***

O Povo, 20 de Janeiro de 1973 pág. 14: ***Um desportista nato.***

O Povo, 01 de Fevereiro de 1973 pág. 6: ***Vendedor de praia será cadastrado.***

O Povo, 02 de Fevereiro de 1973 pág. 7*:* ***Volks atropela e mata duas jovens na Beira Mar.***

O Povo, 08 de Fevereiro de 1973 pág. 15**:** ***O mar, um remédio de verão.***

O POVO, 26 de março de 1973: ***Mulheres furtam Volks na praia.***

O POVO, 27 de março de 1973: ***Mulheres que roubaram Volks caçadas pela DFR.***

O POVO, 30 de março de 1973 pág. 06: ***Avenida Beira Mar será urbanizada***.

O POVO, 04 de abril de 1973 pág. 07: ***Mulheres brigam no Mucuripe***.

O POVO, 07 de abril de 1973, Gente e Fatos*:* ***Praia de Iracema, pólo natural para o turismo no Ceará.***

O POVO, 14 de abril de 1973, Caderno "Fim de semana o povo": ***Praia do Futuro, curtição do presente.***

O POVO, 16 de abril de 1973 pág. 17: ***Poluição das praias e o interceptor marítimo.***

O POVO, 17 de abril de 1973 pág. 12: ***Fortaleza cresce antes do mar.***

O POVO, 26 de abril de 1973 pág. 13, 2º caderno: ***A morte que lambe as pedras.***

O Povo 4 de Janeiro de 1978. **Natação um ano muito bom**

O Povo 19 de Janeiro de 1978. **A Beira-Mar ressurge**

O Povo 27 de Março de 1978. **Sol e Mar na semana santa**

O Povo 1 de Julho de 1978. **Amadorismo**

O Povo 2 de Julho de 1978. **Nas ondas do Bruni**

O Povo 6 de Julho de 1978. **Amadorismo**

O Povo 27 de Julho de 1978. **Praça31 de Março a atração das férias**

O Povo 27 de Agosto de 1978. **Fame vai ao surf**

O Povo 2 de setembro de 1978. **Urbanização da Beira-Mar: 700 metros**

O Povo 7 de setembro de 1978.**Amadorismo**

O Povo 10 de Outubro de 1978.**Surf sensacional no final de semana**

O Povo 15 de Outubro de 1978. **Hoje tem surf**

O Povo 22 de Outubro de 1978.**Campeões do surf recebem prêmio**

O Povo, 03 de Janeiro de 1979 pág. 27: ***Após a Beira Mar***.

O Povo, 05 de Janeiro de 1979 pág. 27: ***Os melhores do ano*.**

O Povo, 07 de Janeiro de 1979 pág. 12: ***Tempos de praia e insatisfação geral.***

O Povo, 07 de Janeiro de 1979 pág. 27: ***Tudo pronto para a festa dos melhores***.

O Povo, 08 de Janeiro de 1979 pág. 09: ***Veículos nas praias, um perigo para os banhistas.***

O Povo, 08 de Janeiro de 1979 pág. 27: ***A grande noite dos melhores***.

O Povo, 09 de Janeiro de 1979 pág. 03: ***O tráfico na orla marítima***.

O Povo, 09 de Janeiro de 1979 pág. 29: ***A noite dos melhores***.

O Povo, 09 de Janeiro de 1979 pág.29: ***Os melhores do ano, uma festa para a cidade.***

O Povo, 10 de Janeiro de 1979 pág. 12: ***Carnaval e musica na festa de inauguração da Avenida Beira Mar.***

O Povo, 10 de Janeiro de 1979 pág. 27: ***A noite dos melhores.***

O Povo, 11 de Janeiro de 1979 pág. 16: ***Todo mundo gabando a nova Beira Mar.***

O Povo, 11 de Janeiro de 1979 pág. 17: (Caderno 2) ***Amanhã no Náutico a grande " Festa dos melhores de 78"***

O Povo, 11 de Janeiro de 1979 pág. 31: ***A festa da Beira Mar.***

O Povo, 11 de Janeiro de 1979 pág. 31: ***Os melhores do ano.***

O Povo, 12 de Janeiro de 1979 pág. 01: ***Urbanização faz a festa inaugural na Beira Mar.***

O Povo, 12 de Janeiro de 1979 pág. 12: ***Na Beira Mar de hoje, o bom aspecto de outrora.***

O Povo, 12 de Janeiro de 1979 pág. 32: ***Beira Mar, vitória do Sumov, conquista do fortalezense.***

O Povo, 12 de Janeiro de 1979 pág. 40: ***Surf foi sucesso.***

O Povo, 13 de Janeiro de 1979 pág. 01: ***Beira Mar ganha trecho urbanizado.***

O Povo, 13 de Janeiro de 1979 pág. 01: ***Noite de gala na festa dos melhores.***

O Povo, 13 de Janeiro de 1979 pág. 13: (Caderno 2) ***Festa dos melhores: noite de gala do esporte cearense.***

O Povo, 14 de Janeiro de 1979 pág. 09: ***Beira Mar, calçada nova sem ciclista e com bar.***

O POVO, 16 de janeiro de 1979, pág. 03: ***"Beira Mar"***

O POVO, 18 de janeiro de 1979, pág. 16: ***"Praias do Futuro e da Barra do Ceará as mais perigosas."***

O POVO, 21 de janeiro de 1979, pág. 12: ***"Salvem a Praia do Futuro."***

O POVO, 21 de janeiro de 1979, pág. 12 (Caderno Fim de Semana): ***"Praias"***

O POVO, 22 de janeiro de 1979, pág. 06: ***"Nas férias as praias pedem mais cuidados. Praias do leste esgotos e areia suja."***

O POVO, 22 de janeiro de 1979, pág. 07: ***"Praias do oeste: muita pedra e pouco espaço."***

O POVO, 24 de janeiro de 1979, pág. 01: ***"Estão destruindo a duna do Mucuripe."***

O POVO, 25 de janeiro de 1979, pág. 09: ***"A Prainha encanta qualquer turista."***

O POVO, 25 de janeiro de 1979, pág. 09: ***"Final da Dioguinho com sinalização diferente."***

O POVO, 25 de janeiro de 1979, pág. 10: ***"Banhistas contra pelada das praias."***

O POVO, 26 de janeiro de 1979, pág. 01: ***"Destruição de dunas preocupa."***

O POVO, 26 de janeiro de 1979, pág. 07: ***"Poluição isola trecho de praia da Leste Oeste."***

O POVO, 26 de janeiro de 1979, pág. 09: ***"Estão acabando com as dunas da Cidade 2000."***

O POVO, 27 de janeiro de 1979, pág. 07: ***"Poluição da Leste Oeste é causada pelas indústrias."***

O POVO, 28 de janeiro de 1979, pág. 06: ***"Beira Mar e 31 de março são as mais procuradas."***

O POVO, 02 de fevereiro de 1979, pág. 01: ***"Destruição de dunas na praia das Goiabeiras."***

O POVO, 02 de fevereiro de 1979, pág. 09: ***"Nova Beira Mar: Começa-se a temer pela conservação."***

O POVO, 02 de fevereiro de 1979, pág. 16: ***"Destruição também na praia das Goiabeiras."***

O POVO, 03 de fevereiro de 1979, pág. 07: ***"Sunab combate exploração nas barracas da Beira Mar."***

O POVO, 03 de fevereiro de 1979, pág. 07: ***"Praia do Kartódromo suspeita pela Sudec."***

O POVO, 04 de fevereiro de 1979, pág. 01: ***"Natureza rebelada"***

O POVO, 04 de fevereiro de 1979, pág. 07: ***"Violência do mar deleita banhistas."***

O POVO, 05 de fevereiro de 1979, pág. 14: ***"O lazer de domingo nas praças descuidadas."***

O POVO, 10 de fevereiro de 1979, pág. 09: ***"Carnaval da pesada na praia do Futuro."***

O POVO, 11 de fevereiro de 1979, pág. 08: ***"Irmãos morrem afogados na praia do Futuro."***

O POVO, 11 de fevereiro de 1979, pág. 14: ***"Boletim da Sudec despoliu as praias da cidade."***

O POVO, 11 de fevereiro de 1979, pág. 14: ***"Ninguém se lembra da morte de Serginho nas dunas do Mucuripe."***

O POVO, 12 de fevereiro de 1979, pág. 12: ***"Praia do Futuro sem sombras para o lazer."***

O POVO, 13 de fevereiro de 1979, pág. 01: ***"Cresce número de afogamentos em Fortaleza."***

O POVO, 13 de fevereiro de 1979, pág. 12: ***"Um surfista perdido nas ondas do tóxico."***

O POVO, 13 de fevereiro de 1979, pág. 16: ***"Uma família chora a morte nos irmãos afogados no mar."***

O POVO, 14 de fevereiro de 1979, pág. 16: ***"Secretário adverte para os perigos do banho de mar."***

O POVO, 17 de fevereiro de 1979, pág. 23: ***"Criança não pode subir na duna."***

O POVO, 18 de fevereiro de 1979, pág. 16: ***"Banhistas desconhecem o boletim semanal da Sudec."***

O POVO, 19 de fevereiro de 1979, pág. 20: ***"Domingo de sol e samba na Avenida Beira Mar."***

O POVO, 5 de janeiro de 1980, pág. 05: ***"Como a Sudec classifica as praias de Fortaleza."***

O POVO, 8 de janeiro de 1980, pág. 20: ***" Inversão de sentido da praia."***

O POVO, 8 de janeiro de 1980, pág. 29: ***"Será no Náutico, a grande festa dos "Melhores do Esporte em 79."***

O POVO, 9 de janeiro de 1980, pág. 05: ***"A urbanização de mais uma praia."***

O POVO, 9 de janeiro de 1980, pág. 05: ***" Poluição do Mucuripe põe em risco a fauna aquática e banhistas."***

O POVO, 14 de janeiro de 1980, pág. 01: ***"31 de Março, um polo mal conservado."***

O POVO, 14 de janeiro de 1980, pág. 07: ***"Na Praça 31 de Março a fase não estar boa."***

O POVO, 14 de janeiro de 1980, pág. 17: ***"Povo já está desfrutando do polo de lazer da Barra."***

O POVO, 15 de janeiro de 1980, pág. 27 (Amadorismo): ***"O surf vai empolgar:"***A grande promoção do esporte amador neste final de semana será o Sistema Brasileiro de Surf que será realizado na praia da ponte metálica nos dias 19 e 20 do corrente. Surfistas de várias cidades do Brasil estarão presentes a este acontecimento.

O POVO, 17 de janeiro de 1980, pág. 07: ***"Água o problema maior da Praça 31 de Março."***

O POVO, 17 de janeiro de 1980, pág. 29 (Amadorismo): ***"O surf no final de semana:"***Os surfistas cearenses tem um bom fim de semana. As ondas estão boas e será realizado na praia de Iracema, ou mais precisamente na praia da ponte metálica, o Sistema Brasileiro de Surf. Já começam a chegar nomes de outros estados.

O POVO, 19 de janeiro de 1980, pág. 33: ***"Abre-se hoje Sistema Brasileiro de Surf."***

O POVO, 20 de janeiro de 1980, pág. 31: **"Surfistas disputam troféu Demócrito Rocha Dummar."**

O POVO, 24 de janeiro de 1980, pág. 32: **"Quatro baterias classificadas para a última fase do Surf."**

O POVO, 25 de janeiro de 1980, pág. 27 (Os melhores do esporte cearense 79): **"Surf"**

O POVO, 26 de janeiro de 1980, pág. 31: **"Final do surf transferido para o final da próxima semana."**

O POVO, 27 de janeiro de 1980, pág. 07 (Fim de semana): **"Pintando e bordando"**

O POVO, 28 de janeiro de 1980, pág. 14: **"Praia do Futuro seria exceção?"**

O POVO, 31 de janeiro de 1980, pág.03: **"Vigilância nas praias."**

O POVO, 31 de janeiro de 1980, pág.07: **"S.O.S em favor dos salva-vidas."**

O POVO, 02 de fevereiro de 1980, pág. 39: **"Finais do Sistema de Surf hoje nas praias da cidade."**

O POVO, 04 de fevereiro de 1980, pág. 31 (Amadorismo): **"Surf cearense bem comentado."** Surfistas de todo o país estão comentando muito bem o Sistema Brasileiro de Surf realizado em Fortaleza, cujas finais neste final de semana, fizeram com que um grande público amante deste esporte o acompanhasse de perto. Adauto Castro, Alfredo Montenegro, David Zonatelli foram alguns nomes em ação. O Surf é um esporte dedicado inteiramente aos jovens que fizeram misérias sobre as pranchas, arrancando aplausos.

O POVO, 06 de fevereiro de 1980, pág. 05: **"Uma faixa abandonada da Praia do Futuro."**

Diário do Nordeste, sábado, 19 de Dezembro de 1981: ***"Banhistas reclamam, mas continua nas praias o frescobol.***

Diário do Nordeste, terça, 22 de Dezembro de 1981: ***Sujeira polui dunas do Castelo encantado,*** fls. 07.

Diário do Nordeste, terça, 22 de Dezembro de 1981: ***Presente da Praia do Futuro é muito ruim,*** fls. 08.

Diário do Nordeste, domingo, 27 de Dezembro de 1981: ***Banhistas criticam poluição atual das praias da cidade.***

Diário do Nordeste, segunda, 28 de Dezembro de 1981: ***Dia do Salva-Vidas transcorrerá sem nenhuma comemoração,*** fls. 11.

Diário do Nordeste, quinta, 31 de Dezembro de 1981: ***A praia está crescendo,*** fls. 27.

Diário do Nordeste, segunda, 4 de Janeiro de 1982: ***Praia a maior e mais barata diversão do Fortalezense,*** fls. 22.

Diário do Nordeste, terça, 12 de Janeiro de 1982: ***Pára-quedista bailarino dá treinamento no Ceará,*** fls. 22.

Diário do Nordeste, terça, 12 de Janeiro de 1982: ***Fortaleza em férias,*** fls. 23.

Diário do Nordeste, domingo, 24 de Janeiro de 1982: ***"Menino do Rio": caminhos e descaminhos da juventude de hoje,*** fls. 32.

Diário do Nordeste, domingo, 16 de maio de 1982: ***Adeus, Praia de Iracema,*** fls. 6.

Diário do Nordeste, domingo, 16 de maio de 1982: ***Menores flagrados e presos em "pega" na Av. Beira Mar,*** fls. 12.

Diário do Nordeste, quinta, 20 de maio de 1982: ***Basquete do Náutico treina "escolinha" às quartas e sextas,*** fls. 17.

Diário do Nordeste, sábado, 22 de maio de 1982: ***Urbanização liga Praia de Iracema ao Iate Clube,*** fls. 12.

Diário do Nordeste, segunda, 24 de maio de 1982: ***Presença de menores nas praias centrais preocupa banhistas,*** fls. 10.

Diário do Nordeste, quarta, 25 de maio de 1982: ***M-M Atlântica-Boavista com muitos já inscritos,*** fls. 17.

Diário do Nordeste, sábado, 29 de maio de 1982: ***Crescimento na Praia do futuro deve ser ordenado,*** fls. 10.

Diário do Nordeste, segunda, 14 de junho de 1982: ***Moto-cross ocupa espaço no Ceará,*** fls. 22.

Diário do Nordeste, sexta, 2 de julho de 1982: ***Salva-vidas dão início à jornada especial em praias,*** fls. 9.

Diário do Nordeste, domingo, 13 de junho de 1982: ***André De Biasi***.

Diário do Nordeste, domingo, 14 de julho de 1982: ***A praia em novo tempo,*** fls. 21.

Diário do Nordeste, 1 de dezembro de 1982: ***Esporte amador,*** fls. 14.

Diário do Nordeste, 2 de dezembro de 1982: ***Acampar, um saudável retorno à natureza,*** fls. 25.

Diário do Nordeste, sexta, 3 de dezembro de 1982: ***Náutico é festatotal com o "coroa"e Brahma*** fls. 14.

Diário do Nordeste, sexta, 3 de dezembro de 1982: ***Banhistas dizem que barracas são inseguras,*** fls. 31.

Diário do Nordeste, quarta, 8 de dezembro de 1982: ***Esporte amador***.

Diário do Nordeste, 6 de Janeiro de 1986: ***"Tempo Livre. Profissionalizando"***

Diário do Nordeste, 10 de Janeiro de 1986: ***"Tempo Livre"***

Diário do Nordeste, 17 de Janeiro de 1986: ***"Tempo Livre"***

Diário do Nordeste, 26 de Janeiro de 1986: ***"Neste verão há mais coisa entre o mar e a terra do que podemos imaginar"***

Diário do Nordeste, 31 de Janeiro de 1986: ***"Tempo Livre. 2ª Etapa do Circuito Amador e Mirim de Surf"***

Diário do Nordeste, 7 de Fevereiro de 1986: ***"Tempo Livre. Surf no Casarão"***

Diário do Nordeste, 14 de Fevereiro de 1986: ***"1º Match/Balin de Surf"***

Diário do Nordeste, 3 de Outubro de 1986: ***"Circuito de Surf. Tudo certo pro Hawaí. Profissional"***

Diário do Nordeste, 6 de Outubro de 1986: ***"Surf empolga"***

Diário do Nordeste, 6 de Outubro de 1986: ***"Começa circuito FM 93 Nortão de Surf"***

Diário do Nordeste, 6 de Outubro de 1986: ***"Começa circuito FM 93 Nortão de Surf no casarão"***

Diário do Nordeste, 11 de Outubro de 1986: ***"Tempo Livre. Circuito de Surf 1ª Etapa"***

Diário do Nordeste, 18 de Outubro de 1986: ***"Tempo Livre. O Hawaí está perto"***

Diário do Nordeste, 27 de Outubro de 1986: ***"Ondas ajudam o Nortão de Surf"***

Diário do Nordeste, 27 de Outubro de 1986: ***"Final do II Nortão Surf"***

Diário do Nordeste, 1 de Novembro de 1986: ***"Tempo Livre. Circuito Nortão. No pique do profissionalismo"***

Diário do Nordeste, 8 de Novembro de 1986: ***"Hoje! 3ª Etapa do Circuito FM 93/Nortão de Surf no Icaraí"***

Diário do Nordeste, 8 de Novembro de 1986: ***"Tempo Livre. Circuito Nortão. Hawaí é 'freeway'. Mormaii"***

Diário do Nordeste, 9 de Novembro de 1986: ***"Surfistas começam a se destacar no III Nortão FM-93 de Surf"***

Diário do Nordeste, 15 de Novembro de 1986: ***"Uma festa. Recado Hawaiano"***

Diário do Nordeste, 22 de Novembro de 1986: ***"Finalissima. Seguimento"***

Diário do Nordeste, 29 de Novembro de 1986: ***"O velho problema. Circuito. Ratas de praia"***

Diário do Nordeste, 5 de Dezembro de 1986: ***"Festa do Surf em Paracuru"***

Diário do Nordeste, 6 de Dezembro de 1986: ***"Tempo Livre. Paracuru está em festa. Mincharia"***

Diário do Nordeste, 13 de Dezembro de 1986: ***"Tempo Livre. Ondas? Que ondas?"***

Diário do Nordeste, 20 de Dezembro de 1986: ***"Tempo Livre. Final do Circuito FM-93/ Nortão de surf. Hoje circuito A.S.F."***

Diário do Nordeste, 27 de Dezembro de 1986: "Circuito da A.S.F. De olho na lente. Hawai, última chamada"

Veja_GeraçãoCocota_4_jun_1975_p.52

Veja_GeraçãoCocota_4_jun_1975_p.53

Veja_Pegue a nova onda_São Paulo_10_mai_1978

REFERÊNCIAS

AMADO, Guy. **O sublime no extremo**.n. 8. Limites: 2006.

ÁRIAS, Marcello. **Surf gênese – a antropologia do surf.** Encarte Alma Surf, ed. 8, capítulo I.

_____.**O renascimento do surf**. Encarte Alma Surf, ed. 9, capítulo II.

_____.**O surgimento da indústria**. Encarte Alma Surf, ed. 10, capítulo III.

_____.**O surf no Brasil**. Encarte Alma Surf, ed.?, capítulo V.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Ediouro, 2006.

BARROS, José D'Assunção. Cidade e história. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOOTH, Douglas. **Australian beach cultures.**The history of sun, sand and surf.FrankCassPublishers, 2006.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Variedades de história cultural.** Trad. Alda Port. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano.**Artes de fazer. Trad. Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLAUDINO, Mariana; Alzer, Luiz André. **Almanaque anos 80**. Ediouro, 2004.

CORBIN, Alain. **El Mar.** Terror y fascinacion. Trad. Augustín López Tobaja et al. Barcelona: Paidos Ibérica, 2005.

_____. **O território do vazio.** A praia e o imaginário ocidental.Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. COURTINE, Jean Jacques. VIGARELLO, Georges. (dir) **História do corpo.** As mutações do olhar. O século XX.V. 3 Trad. Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista:**estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

DE MASI, Domenico. **A economia do ócio.** Trad. Carlos Irineu W. da Costa, Pedro Jorgensen Júnior e Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza:** os esportes e a cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos S. **Povos e Mares:**leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: Anna Blume, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ESPÍNOLA, Rodolfo. **Caravelas, jangadas e navios:** uma história portuária. Fortaleza: OMNI, 2007.

ESSINGER, Silvio. **Almanaque anos 90**. Ediouro, 2008.

FALCON, Francisco José Calazans. **História cultural:** uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (ET AL). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral.** Possibilidades e procedimentos. 2ª Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FORD Nick; DAVID, Brown. **Surfing and Social Theory:** Experience, Embodiment and Narrative of the Dream Glide. London; New York: Routledge, 2006.

FORTES, Rafael. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** V.23. n.3. jul/set.São Paulo, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o mar**.Trad. Fernando de Castro Ferro. 59. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades.** [Trad. Carlos S. Mendes Rosa].São Paulo, Martins Fontes, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2ª ed. [trad. Sonia M.S. Fuhrmann] Petrópolis, Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na idade média.**trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal:**por uma antropologia do litoral do Nordeste sem a cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos. Uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Del Priore, Mary. **História do esporte no Brasil.**Rio de Janeiro: Unesp, 2011.

MELO,Pepo. **Uma onda atrás da outra.** Romero Jucá e o surf cearense. Fortaleza, (?) 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

_____. ET AL.(org.) **História cultural:** experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes:** modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

PRIORE, Mary Del. **A história do corpo e a nova história:** uma autópsia in. Revista USP.

_____. AMANTINO, Márcia. (Orgs.) História do corpo no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RECORDE. **Revista de História do Esporte.** Laboratório de História do Esporte e do Lazer e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS/UFRJ. Vol. 1. n.2. Dez. 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org). **Políticas do corpo:** elementos para uma história das práticas corporais.Trad. Mariluce Mora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

____. **Cidade das águas.** Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora SENAC, 2007.

____. **Corpos de passagem.** Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: estação Liberdade, 2001.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SILVA, José Borzachielloda. ET AL. (org). **Litoral e sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos.** Buenos Aires: PrometeoLibros, 2007.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:**mudança na atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). [trad. João Roberto Martins Filho]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

____. Georges. **Lo limpio y lo sucio**. La higiene Del cuerpo desde la Edad Media. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

WARSHAW, Matt. **The historyofsurfing**. 2. ed. Editora Gibbs Smith, Publisher, 2006.

____, Matt.The encyclopedia of Surfing.Harcout.EUA 2003.

DISSERTAÇÕES:

ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. **Nas ondas do surfe:** estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

NOGUEIRA, André Aguiar. **Fogo, vento, terra e mar:** migrações, naturezae cultura popular no bairro serviluz em Fortaleza (1960-2006). 2006. 166f. Dissertação (Mestrado em Historia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOARES, Rafael Fortes. **O surfe nas ondas da mídia.** Um estudo de *Fluir* nos anos 1980. 2009. 303f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.